

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS — CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

BRUNO BOU HAYA RIBEIRO

OUTRAS MEMÓRIAS

O imigrante libanês no Bairro Jabour no Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2024

BRUNO BOU HAYA RIBEIRO

OUTRAS MEMÓRIAS

O imigrante libanês no Bairro Jabour no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre. Área: Interdisciplinar em Ciências Humanas. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luiz Pereira da Silva

Rio de Janeiro

2024

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

B484 Bou Haya Ribeiro, Bruno
 OUTRAS MEMÓRIAS: O imigrante libanês no Bairro Jabour no
Rio de Janeiro / Bruno Bou Haya Ribeiro. -- Rio de Janeiro
: UNIRIO, 2024.
 194f

 Orientadora: Sergio Luiz Pereira da Silva.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória
Social, 2024.

 1. imigração. 2. Brasil. 3. Líbano. I. Luiz Pereira da
Silva, Sergio , orient. II. Título.

BRUNO BOU HAYA RIBEIRO

OUTRAS MEMÓRIAS

O imigrante libanês no Bairro Jabour no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de mestre. Área: Interdisciplinar em Ciências Humanas. Linha de Pesquisa: Memória e Espaço.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sergio Luiz Pereira da Silva (Orientador - UNIRIO)

Prof. Dr. Murilo Sebe Bon Meihy (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Lobelia Faceira (UNIRIO)

Esta pesquisa não seria possível sem a minha família,
que, ao contar essa história para ensinar,
me permitiu escrever para aprender.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, no momento em que se forma esse texto, milhões de libaneses migram de suas casas para um lugar que lhes pareça mais seguro, longe do sionismo. Milhares são feridos, diariamente, e fazem da ausência dos membros do seu corpo a memória de um tempo que lhes foi imposta. Em meio a barbárie, o que cresce são os números de mortos, tanto no Líbano como na Palestina. Ambos exigem respeito sobre seus territórios e representam a altivez árabe e sua resistência no mundo. A eles, toda minha solidariedade, atenção e empenho para reverter essa conjuntura histórica. Ao que parece, há 76 anos as crianças de fala árabe do Levante crescem com o compromisso de defender o que é seu do colonizador. Torço para que essas gerações encontrem a paz que o lado certo da luta pode nos oferecer. Tanto eles quanto os falecidos pela causa serão sempre reverenciados, nunca esquecidos. Vocês defendem as terras que foram dos seus pais, avós e ancestrais, um território cujo vínculo estabeleceu-se ininterruptamente. A bagagem de um colonizador é leve demais para criar raízes e frágil demais para se solidificar. Estar do lado certo é o que nos trouxe até aqui e, graças a vocês, milhões de pessoas ao redor do globo conseguem discernir o justo do injusto. A luta pode estar longe do fim, mas a bússola moral da justiça pertence a todos esses homens, mulheres, crianças e idosos que nos apontam o caminho para um mundo melhor. Obrigado por se mostrarem seres humanos tão íntegros.

Agradeço enormemente aos meus pais, Laiz e Marcio, que me ofereceram uma memória repleta de amor, carinho e cuidado – da lembrança mais tenra à mais longínqua, há os melhores sentimentos envolvidos. Ao meu irmão, Lucas, que me mostrou a importância de dividir e do cuidado mútuo, e à Cristina, a quem devo parte da minha criação e as primeiras lembranças de cumplicidade. À minha tia, Deniz, por toda sua preocupação e afeto, e aos meus primos, Marcello e André, pela parceria. Agradeço aos meus avós paternos, Hélio e Eleonora, que me mostraram o que é ser neto, um sentimento que levo dentro do peito, e aos meus avós maternos, Badhia e Wadih, de quem a herança árabe carrego com muito orgulho. A cada dia que passa, gostaria ainda mais de tê-los conhecido.

Agradeço coletivamente aos meus padrinhos e madrinhas, tios e tias de consideração. Afinal, esse projeto de pesquisa diz respeito a uma sociedade. Muito obrigado pelas memórias afetuosas, Heloisa, Cristine e Carmina. As brincadeiras com Paulo Assis, as conversas atuais com Paulo Bolças e até mesmo pelo colo preferido enquanto bebê, como dizem.

Não poderia deixar de fora a família que nós escolhemos ser ao lado de Cristiane, Isabela e Gabriela. Agradeço a companhia do dia a dia, pelas trocas que a vida nos proporciona e por todo o carinho e preocupação que já tiveram comigo, principalmente neste momento de mestrado.

Esse projeto não seria possível sem a ajuda interminável da minha namorada, Paula, que me questionou seguidas vezes sobre o objetivo da pesquisa, para que eu pudesse delimitar o campo e atuar de maneira assertiva. Sua ajuda foi imprescindível para que este trabalho fosse o que ele é. Obrigado por participar ativamente nessa fase da minha vida e por me ensinar sempre.

Agradeço ao meu orientador, Sergio, por me tranquilizar com a sua calma e otimismo e possibilitar que eu concluísse esse mestrado. À professora Lobélia, por explicar a importância de se pensar a metodologia do projeto, e ao Murilo Meihy, quem sabe com profundidade o que escrevo apontando sugestões, sempre com a humildade que lhe é característica. Não poderia esquecer da Ana Maria Mauad, que se dispôs a ajudar desde o primeiro momento, a rever o acervo de sua avó, a se reunir comigo e tirar minhas dúvidas sobre a família Jabour Mauad. Cheguei até ela através de um comentário do fotógrafo Rogério Reis, amigo do arquiteto e designer Jorge Jabour Mauad, idealizador do projeto do Bairro Jabour. Ao Rogério, devo as primeiras indicações e auxílios. Suas ajudas são sempre cirúrgicas e vêm de projetos anteriores.

Não poderia deixar de agradecer a todo setor em que trabalho, a Coordenadoria de Comunicação Social do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, na figura da Denise Nascimento, por entender a importância da formação acadêmica e compreender, ao lado do Sérgio Duran, as necessidades e os compromissos que o programa impunha.

Agradeço aos meus colegas de pós-graduação, por toda a companhia e solidariedade, por dividirem o conhecimento comigo enquanto apresentava minhas dúvidas durante a volta para a casa. Esses momentos representam a academia que eu quero e me incentivaram a permanecer nela. Sinto-me grato por ter compartilhado isso com vocês.

Não poderia deixar de agradecer àqueles que colaboraram de maneira orgânica e direta para esta pesquisa. Agradeço ao Marcos, à Bárbara, ao Saulo, à Júlia, ao Jaime, à Mônica, Roberto, Sharif e Elias. Todos são moradores ou têm ligação com o Bairro Jabour. Sem eles, o terceiro capítulo seria impossível. Nossas conversas foram fundamentais para que esse trabalho tomasse forma.

Como brasileiro, também gostaria de agradecer diretamente aos imigrantes sírio-libaneses que influenciaram o meu país a ser o que ele é. Sei da dificuldade de muitos, sobretudo enquanto recém-chegados. Obrigado por todo esforço e dedicação. O Brasil é melhor por causa de vocês. Por fim, agradeço a todos aqueles que já escreveram sobre a diáspora sírio-libanesa no Brasil. A árdua tarefa de uma pesquisa científica ficou um pouco mais fácil com o empenho daqueles que estiveram aqui antes de mim. Contem comigo para discutir o tema e defender a soberania dos países árabes na região do Levante.

RESUMO

O processo de racialização dos árabes no ocidente desencadeou milhares de iniciativas em defesa da etnia pelo mundo. A dissertação *Outras memórias* participa deste processo e discorre sobre o desenvolvimento do autor enquanto descendente libanês e dedica-se aos movimentos históricos que culminaram na imigração sírio-libanesa no Brasil, à formação e à contribuição desses atores sociais, buscando destacar a influência de sua cultura na sociedade brasileira. O objetivo da pesquisa é organizar um balanço sobre a presença dos sírios e dos libaneses no país e, para isso, foi necessário rever sua atuação no local. O trabalho busca contribuir criticamente sobre o processo de enquadramento da memória organizado pela comunidade sírio-libanesa no Brasil, isto é, o processo político de construção de sentido sobre esse grupo em busca de identidade e coerência. Para essa análise, condensa-se neste texto a vasta bibliografia sobre o tema da imigração árabe no Brasil e reflete-se sobre a viabilidade dessa história pública produzida pelos patrícios. Após trabalhar a questão coletiva, o estudo destrincha a vida de Abrahão Jabour, um libanês que imigrou criança, morou em Minas Gerais e fez sua vida no Rio de Janeiro. *Outras memórias* analisa as sincronias e assincronias da sua trajetória em relação à história pública dos sírio-libaneses no Brasil. Na trilha de Abrahão, descobre-se ruas do subúrbio carioca com nomes de importantes cidades libanesas. Depois de enriquecer com o café, Abrahão decide fazer sua última safra em um terreno árido: constrói um bairro que visitou frequentemente com políticos no Rio de Janeiro, transformando a sua existência em um exemplo da importante presença sírio-libanesa no Brasil.

Palavras-chave: imigração, Brasil, Líbano, Abrahão, Bairro Jabour

ABSTRACT

The process of racialization of Arabs in the West triggered thousands of initiatives in defense of the ethnic group around the world. The dissertation *Other memories* participates in this process and discusses the author's development as a Lebanese descendant and is dedicated to the historical movements that culminated in the Syrian-Lebanese immigration to Brazil, the formation and contribution of these social actors, seeking to highlight the influence of their culture in Brazilian society. The objective of the research is to organize an assessment of the presence of Syrians and Lebanese in the country and, to achieve this, it was necessary to review their actions there. The work seeks to critically contribute to the process of framing memory organized by the Syrian-Lebanese community in Brazil, that is, the political process of constructing meaning about this group in search of identity and coherence. For this analysis, this text condenses the vast bibliography on the subject of Arab immigration in Brazil and reflects on the viability of this public history produced by the patricians. After working on the collective issue, the study unravels the life of Abrahão Jabour, a Lebanese man who immigrated as a child, lived in Minas Gerais and made his life in Rio de Janeiro. *Other memories* analyzes the synchronies and asynchronies of his trajectory in relation to the public history of the Syrian-Lebanese in Brazil. On the Abrahão trail, you will discover streets in the Rio suburbs named after important Lebanese cities. After becoming rich from coffee, Abrahão decides to grow his last harvest in arid land: he builds a neighborhood that he frequently visited with politicians in Rio de Janeiro, transforming his existence into an example of the important Syrian-Lebanese presence in Brazil.

Keywords: immigration, Brazil, Lebanon, Abrahão, Bairro Jabour

SUMÁRIO

Introdução	21
1. O fluxo do rio e outras correntezas	36
2. Allah-lá-ô: a presença sírio-libanesa no Brasil	46
3. A colheita no deserto de Abraão e o Bairro Jabour	94
Apêndice	145
Entrevistas transcritas	172
Notas de fim de seção	186
Referências bibliográficas	188

LISTA DE IMAGENS

INTRODUÇÃO

Figura 1	21
Fotografia de Karime, prima de minha mãe.	
Figura 2	25
Fotografia do meu avô, Wadih Bou Haya, com sua parreira.	
Figura 3	35
Fotografia de imigrantes libaneses no Cristo Redentor.	

CAPÍTULO 1

Figura 4	36
Fotografia de meus avós, Badhia e Wadih Bou Haya.	
Figura 5	37
Fotografia da sala de casa, em Beit Menzer.	
Figura 6	38
Fotografia de minhas primas, Maria Bou Haya e Anna Maria Safi.	
Figura 7	39
Fotografia de bosque em Beit Menzer.	
Figura 8	45
Tríptico integrante de <i>Deus também descansa</i> .	

CAPÍTULO 2

Figura 9	57
Fotografia da família Bou Haya na praia.	
Figura 10	61
Frente da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya.	
Figura 11	61
Verso da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya.	
Figura 12	62
Verso da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya.	
Figura 13	62
Frente da ficha consular de minha avó, Badhia Bou Haya.	

Figura 14	63
Verso da ficha consular de minha avó, Badhia Bou Haya.	
Figura 15	64
Jornal <i>Correio da Manhã</i> de 1951.	
Figura 16	65
Anúncio no Jornal <i>Correio da Manhã</i> de 1951.	
Figura 17	66
Fotografia de Juscelino e Sarah Kubitschek em visita ao Líbano.	
Figura 18	66
Fotografia de Juscelino e Sarah Kubitschek em visita ao Líbano.	
Figura 19	67
Fotografia da recepção de Juscelino e Sarah Kubitschek no Líbano.	
Figura 20	67
Fotografia de Sarah Kubitschek no Líbano.	
Figura 21	71
Fotografia de minha tia, Deniz, e minha avó, Badiha, em casa, no Leblon.	
Figura 22	78
Fotografia de Wadih e Jorge no Saara.	
Figura 23	79
Fotografia de Wadih Bou Haya em sua loja.	
Figura 24	80
Fotografia de minha mãe, Laiz, e sua irmã, Deniz, na praça da República.	
Figura 25	86
<i>Jornal do Brasil</i> de 1983.	
Figura 26	87
Jornal <i>O Cedro</i> de 1964.	
Figura 27	89
Jornal <i>O Globo</i> de 2013.	
Figura 28	93
Fotografia de imigrantes libaneses.	
 CAPÍTULO 3	
Figura 29	96
Mapa do Bairro Jabour.	

Figura 30	101
Coluna <i>Informe econômico</i> do <i>Jornal do Brasil</i> de 1975.	
Figura 31	102
Fotografia do Edifício Providência.	
Figura 32	102
Fotografia do Edifício Providência.	
Figura 33	102
Fotografia de Abrahão Jabour com o então governador Negrão de Lima.	
Figura 34	104
Jornal <i>Correio da Manhã</i> de 1971.	
Figura 35	105
Jornal <i>O Globo</i> de 1975.	
Figura 36	106
Jornal <i>O Globo</i> de 1948.	
Figura 37	108
Fotografia do Bairro Jabour em 1972.	
Figura 38	108
Fotografia do Bairro Jabour em 1972.	
Figura 39	109
Jornal <i>O Globo</i> de 1972.	
Figura 40	110
Jornal <i>do Brasil</i> de 1971.	
Figura 41	111
Fotografia da procissão ortodoxa.	
Figura 42	111
Fotografia da procissão ortodoxa.	
Figura 43	111
Fotografias das placas das ruas do Bairro Jabour.	
Figura 44	111
Mapa do Bairro Jabour no Google maps.	
Figura 45	112
Jornal <i>O Globo</i> de 1988.	
Figura 46	113
Jornal <i>do Brasil</i> de 1972.	

Figura 47	115
Jornal <i>O Globo</i> de 1988.	
Figura 48	115
Fotografias das casas de telhado duplo no Jabour.	
Figura 49	116
Fotografias das fachadas das casas do Jabour.	
Figura 50	116
Fotografias de Abrahão Jabour no Edifício Maracanã.	
Figura 51	116
Fotografias de Abrahão Jabour no Edifício Maracanã.	
Figura 52	117
Fotografias dos prédios de quatro andares na Rua Raul Azevedo.	
Figura 53	117
Fotografias dos prédios de quatro andares na Rua Raul Azevedo.	
Figura 54	117
Fotografia da inauguração da Clínica Santa Helena.	
Figura 55	117
Fotografia da fachada da Escola Municipal Rainha Fabíola	
Figura 56	117
Fotografia da fachada da Escola Municipal Jorge Jabour.	
Figura 57	118
Fotografia do Ginásio Abrahão Jabour na Praça Elias Jabour.	
Figura 58	118
Fotografia da Igreja Santa Inês na Praça Elias Jabour.	
Figura 59	118
Fotografia da Igreja Santa Inês na Praça Elias Jabour.	
Figura 60	120
Fotografia da quadra de futebol na Praça Elias Jabour.	
Figura 61	120
Fotografia da quadra de futebol na Praça Elias Jabour.	
Figura 62	120
Fotografia da quadra de vôlei de praia na Praça Elias Jabour.	
Figura 63	120
Fotografia do anfiteatro da Praça Elias Jabour.	

Figura 64	121
Fotografia de Elias Alencar.	
Figura 65	121
Fotografia de Wandir Monteiro e seu fusca.	
Figura 66	123
Fotografia da Rainha Fabíola no Jabour.	
Figura 67	123
Fotografia do menino Saulo 59 anos depois.	
Figura 68	123
Fotografia das garotas da primavera.	
Figura 69	124
Fotografias de Nelson Cavaquinho antes e durante show no Jabour.	
Figura 70	124
Fotografias de Nelson Cavaquinho antes e durante show no Jabour.	
Figura 71	125
Obituário de Abrahão Jabour no Jornal <i>O Globo</i> .	
Figura 72	126
Jornal <i>O Globo</i> de 1974.	
Figura 73	126
Anúncio do centenário de Abrahão Jabour no Jornal <i>O Globo</i> .	
Figura 74	127
Jornal <i>O Globo</i> de 1987.	
Figura 75	127
Obituário do Jornal <i>O Globo</i> de 1982.	
Figura 76	128
Obituário da Irmã Zoé no Jornal <i>O Globo</i> .	
Figura 77	128
Jornal <i>O Globo</i> de 1988.	
Figura 78	129
Jornal <i>O Globo</i> de 1988.	
Figura 79	130
Jornal <i>O Globo</i> de 2002.	
Figura 80	131
Fotografias das grades no Bairro Jabour.	

Figura 81	133
Mapa do Estado de Goiás.	
Figura 82	136
Fotografia de faixa no Bairro Jabour.	
Figura 83	137
Fotografia de Abrahão Jabour com Carlos Lacerda e Leticia Abruzzini.	
Figura 84	139
Jornal <i>A Gazeta Rural</i> de 1971.	
Figura 85	140
Fotografia da placa da Rua Abrahão Jabour no Recreio dos Bandeirantes.	
Figura 86	141
Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho	
Figura 87	142
Comunicado da missa de centenário de Abrahão Jabour.	
Figura 88	144
Fotografia de casa tradicional do Bairro Jabour.	

APÊNDICE

Figura 89	145
Frente da ficha consular de minha bisavó, Catherine Sleiman Bou Haya.	
Figura 90	145
Verso da ficha consular de minha bisavó, Catherine Sleiman Bou Haya.	
Figura 91	146
Frente da ficha consular de meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya.	
Figura 92	146
Verso da ficha consular de meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya.	
Figura 93	147
Frente da ficha consular de meu tio-avô, Hanna Bou Haya.	
Figura 94	147
Verso da ficha consular de meu tio-avô, Hanna Bou Haya.	
Figura 95	148
Fotografia de armazém de café em Providência, MG.	

Figura 96	148
Fotografia de Abrahão Jabour em reunião de cafeicultores.	
Figura 97	149
<i>Jornal do Brasil</i> de 1931.	
Figura 98	149
Fotografia da casa de Abrahão Jabour em Copacabana.	
Figura 99	150
Fotografia dos irmãos Jabour no Jockey Clube.	
Figura 100	150
Fotografia de Abrahão Jabour na antiga sede do Clube Monte Líbano.	
Figura 101	151
Fotografia da antiga sede do Clube Monte Líbano.	
Figura 102	151
Fotografia de Abrahão Jabour recebendo visitantes em sua casa.	
Figura 103	152
Fotografia de Abrahão Jabour recebendo visitantes em sua casa.	
Figura 104	152
Fotografia de Abrahão Jabour em festa em sua casa na Urca.	
Figura 105	153
Fotografia Abrahão Jabour em festa em sua casa na Urca.	
Figura 106	153
Fotografia da Cidade de Providência, MG, na década de 40.	
Figura 107	154
Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50.	
Figura 108	154
Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50.	
Figura 109	155
Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50.	
Figura 110	155
Fotografia de Irmã Zoé influente na sociedade carioca da década de 50.	
Figura 111	156
Fotografia da Cidade dos Velinhos em Jacarepaguá na década de 70.	
Figura 112	156
Fotografia da Cidade dos Velinhos em Jacarepaguá na década de 70.	

Figura 113	157
Fotografia da inauguração no Bairro Jabour na década de 60.	
Figura 114	158
Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho.	
Figura 115	159
Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho.	
Figura 116	154
Fotografias da visita da Rainha Fabíola no Bairro Jabour.	
Figura 117	160
Fotografias na Paróquia Santa Inês.	
Figura 118	161
Fotografias de antigos alunos da Escola Primária Rainha Fabíola.	
Figura 119	161
Fotografia de turma da Escola Primária Rainha Fabíola.	
Figura 120	162
Fotografia de turma da Escola Primária Rainha Fabíola.	
Figura 121	162
Fotografia de Abrahão Jabour no Ginásio Estadual Abrahão Jabour.	
Figura 122	163
Fotografia da Paróquia Santa Inês em 1967.	
Figura 123	164
Fotografia de Abrahão Jabour na inauguração do Ginásio que leva seu nome.	
Figura 124	165
Fotografia da casa de Valdir Ferreira Gomes.	
Figura 125	165
Carteira de sócio do Jabour Social Clube.	
Figura 126	166
Fotografia de Abrahão Jabour com moradores do bairro Jabour.	
Figura 127	166
Diploma do Ginásio Estadual Abrahão Jabour.	
Figura 128	167
Informativo da AMBARJ de 1981.	
Figura 129	168
Informativo da AMBARJ de 1981.	

Figura 130	169
Anúncio imobiliário sobre o Bairro Jabour.	
Figura 131	170
Fotografia de Abrahão Jabour rodeado de crianças.	
Figura 132	170
Recibo de pagamento do título de sócio do Clube Bairro Jabour.	
Figura 133	171
Fotografia de Sérgio Cabral e Wandir Monteiro no Bairro Jabour.	
Figura 134	171
Bate-bolas no Bairro Jabour.	

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	56
Imigração sírio-libanesa no Brasil.	
TABELA 2	82
Bancada de sírio-libaneses no Congresso Nacional.	

Introdução

*"Aqui está à superfície.
Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás,
como deve ser a realidade se esta é a sua aparência."*

Susan Sontag

O começo da minha pesquisa sobre os imigrantes libaneses se estabelece, no primeiro momento, dentro do campo fotográfico, com a publicação do meu livro "Deus também descansa" (2020), fruto de um interesse sobre a cultura e o local de nascimento dos meus avós maternos. Esses avós, Wadih e Badhia, primos entre si, partiram juntos para o Brasil ainda grávidos da minha tia, Deniz, e aqui tiveram, três anos depois, minha mãe, Laiz, ambas em Porto Alegre. Mesmo chegando pela praça Mauá, no Rio de Janeiro, escolheram o sul devido à residência de um primo da minha avó. Na capital gaúcha, Wadih e Badhia chegaram a ter uma loja de produtos diversos, como roupas e bijuterias, no bairro Auxiliadora, e lá ficaram até 1955. Com a partida dos meus avós para o Rio de Janeiro, receberam pelo correio a foto (figura 1) da Karime, sobrinha de segundo grau da minha avó e nova integrante da família que não tiveram a oportunidade de conhecer. O correio será para o imigrante a forma de conectar-se aos seus conterrâneos e informá-los do nascimento de mais uma brasileira descendente de libaneses.

Figura 1 – Fotografia de Karime, prima de minha mãe



O verso da foto contém um recado: "Para os queridos primos uma lembrança minha, Karime".
Fonte: Arquivo pessoal. Data e autoria desconhecidas.

Já meu lado paterno apresenta outras duas imigrações significativas para o processo de construção social do Brasil. Embora esses avós sejam descendentes de italianos e portugueses, meu pai, Márcio, tem a fisionomia de um mouro e poderia se passar por um libanês. Por mais que meu sangue seja tão mestiço quanto o mais legítimo dos brasileiros, os 800 anos de ocupação moura na península ibérica fazem-me ver, diariamente, um rosto árabe no espelho.

Dessa forma, o fenótipo se impôs a mim de forma incontornável a partir das respostas de grupos de ativismo político islâmico¹ no Ocidente, no começo do século XXI. Levantou-se um debate cultural que ainda está posto e que caminha com a ignorância sobre seus estereótipos: a ideia de um homem moreno de barba cheia ter potencialmente consigo uma bomba fortalece a perspectiva de que este ativismo político esteja na sua totalidade com os muçulmanos. Essa distorção não só erra na ideia de que todo muçulmano desenvolve tal prática como na ideia de que todo ativista político ao recorrer a explosivos é muçulmano. Vimos o exemplo dos cristãos bolsonaristas ao tentarem explodir a rodoviária de Brasília na noite de natal de 2022.

A história nos mostra que a tensão entre as culturas ocidental e oriental definiu os últimos 14 séculos. Samuel P. Huntington, autor de *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial* (1996), afirma que uma combinação de fatores incrementou os conflitos entre o Islã e o Ocidente no final do século XX.

Primeiro, o crescimento populacional muçulmano gerou grande quantidade de jovens desempregados e decontentes que se tornam recrutas das causas fundamentalistas islâmicas, exercem pressão sobre sociedades vizinhas e migram para o ocidente. Segundo, o Ressurgimento islâmico deu aos muçulmanos uma confiança renovada no caráter e na qualidade próprios de sua civilização e nos valores comparáveis aos do Ocidente. Terceiro, os esforços simultâneos do Ocidente para universalizar seus valores e instituições para manter sua superioridade econômica e militar e para intervir nos conflitos do mundo muçulmano geram um intenso ressentimento no meio dos muçulmanos. Quarto, o colapso do comunismo acabou com um inimigo comum do Ocidente e do Islã, deixando cada um como a ameaça percebida do outro. Quinto, os crescentes contatos e entremescla de muçulmanos e ocidentais estimulam em cada lado uma nova percepção de sua própria identidade e de como ela difere da identidade do outro. (p. 264-5)

¹ São aqueles que se orientam a partir dos textos sagrados de sua crença para a organização do Estado e da sociedade. Ainda que o ativismo político esteja atualmente muito associado no ocidente aos muçulmanos, grupos fundamentalistas existem em algumas religiões pelo mundo, o que também implica dizer que nem todo ato terrorista é praticado pelo muçulmano e nem todo muçulmano é terrorista.

Para Samuel, enquanto ambos, o Islã e o Ocidente, continuarem a ser o que são, esse conflito civilizacional continuará definindo a relação no futuro. Os conflitos “estão assim concentrados menos em território do que em questões intercivilizacionais mais amplas, como a proliferação de armamentos, direitos humanos e democracia, migração, terrorismo fundamentalista islâmico e intervenção ocidental” (IBIDEM, p.266). O autor aponta que essa guerra entre as perspectivas de mundo serve para reforçar a identidade europeia enquanto “os muçulmanos receiam e detestam o poderio ocidental e a ameaça que ele representa para sua sociedade e suas crenças. Eles veem a cultura ocidental como materialista, corrupta, decadente e imoral” (IBIDEM). Se uma civilização separa religião e política, a outra as une. As causas desses conflitos decorrem da natureza das religiões católica e islâmica e das civilizações nelas baseadas. Por outro lado, ambas religiões são monoteístas e

“veem o mundo em termos dualistas, do nós-e-eles. Ambas são universalistas, afirmando serem a única fé verdadeira à qual devem aderir todos os seres humanos. Ambas são religiões missionárias, acreditando que seu seguidores têm a obrigação de converter os não-crentes a essa única fé verdadeira” (IBIDEM, p.264)

O colonialismo ocidental traumatizou muitas nações e seu poderio as atormentou, levando sua cultura hegemônica e interesses pelo mundo. Enquanto buscavam se expandir sob o manto da superioridade cultural durante anos, seu principal ator, os Estados Unidos, tiveram, mais recentemente, sua concepção de democracia e política externa expostas ao mundo pelo *WikiLeaks*, de Julian Assange, preso por esses vazamentos. Consequentemente, o acordo de junho de 2024 entre Assange e os EUA pela sua liberdade culminou na criminalização do jornalismo, uma crítica constante do Ocidente ao Oriente. Contraditoriamente, mesmo sem uma imprensa livre, os produtos de exportação, sobretudo estadunidenses, inundam as ondas de transmissão da televisão e as telas de cinema, divulgando o perfil que lhes interessa sobre si e sobre o outro, elevando esse choque de civilizações a uma escala global e transformando-o em uma questão de imagem.

As construções de sentido no ambiente da cultura se formam a partir de uma construção social. De acordo com César Henrique de Queiroz Porto, em *Alteridade nas Representações de Árabes e Muçulmanos na Teledramaturgia Nacional*, "Os programas ficcionais criados no Brasil construíram seus repertórios de imagens de

árabes e também de muçulmanos, copiando o estilo da ficção americana" (2018, p. 329). O professor Jack Shaheen, autor do livro *Reel bad arab's: How hollywood vilifies a people?*, em entrevista ao documentário homônimo, mostra-nos um padrão de estereótipos negativos nos personagens árabes dos filmes estadunidenses. Sua pesquisa afirma que mais de trezentos filmes, quase 25% de todos os filmes de *Hollywood*, que de uma forma ou de outra, humilham os árabes, contém calúnias gratuitas ou os retratam em um arquétipo pejorativo. Participam de alguns destes filmes estrelas de renome como Arnold Schwarzenegger, Charlie Sheen, Samuel L. Jackson, Steve Martin, Harrison Ford entre outros. Para o pesquisador, esse movimento desumanizou os árabes e suas interpretações audiovisuais transformaram este grupo étnico e sua cultura no povo mais vilanizado na história de *Hollywood*.

A imagem dos árabes apresentada na pesquisa de Jack Shaheen se dá a partir de três episódios ocorridos depois da Segunda Guerra Mundial: o conflito israelo-palestino, em que os Estados Unidos é historicamente o maior aliado de Israel; o embargo árabe do petróleo nos anos 70, aumentando o preço da gasolina americana, e a revolução iraniana, momento em que estudantes iranianos fizeram diplomatas americanos de reféns por mais de um ano. "Esses três eventos cruciais trouxeram o Oriente Médio para as salas de estar dos estadunidenses, e juntos ajudaram a moldar a forma que filmes estereotipam árabes e o Mundo Árabe", afirma o autor na entrevista para o documentário *Reel bad arab's*. Para ele, o que não aparece nessas produções são, por exemplo, palestinos em campos de refugiados sofrendo sob a ocupação do exército israelita ou, de maneira geral, árabes como vítimas ou inocentes. *Hollywood* não mostra esse povo na figura de um pai zeloso (figura 2), ou como uma pesquisadora na universidade ou ainda como um cristão no Oriente Médio. Dão luz às diferenças em detrimento das semelhanças com objetivo de afastar e moldar a ideia do outro. Shaheen pergunta o porquê de negarem aos espectadores essas imagens e questiona os possíveis impactos que isso pode causar no público: "Se não podemos ver a humanidade árabe, o que resta? Se não sentimos nada, se achamos que os árabes não são como nós ou como quaisquer outros, vamos matar todos eles", finalizando a entrevista.

Figura 2 – Fotografia de meu avô, Wadih Bou Haya, com sua parreira



Meu avô, Wadih Bou Haya com sua parreira, na aldeia em que nasceu, Beit Menzer, no Líbano, em 1966. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Como se sentem os árabes e os muçulmanos ao assistirem produtos dessa indústria de alcance mundial que os retratam há dezenas de anos cercado de ódio e conservadorismo? Por certo, o produto da indiferença estadunidense não gerou um sentimento de paz entre as culturas ocidental e oriental. A islamofobia se desenvolveu e trouxe consequências para o norte global que sistematicamente zombou da existência dos árabes e lutou pelo fim dos muçulmanos.

Dessa forma, analisando a formação e o funcionamento da sociedade ocidental, pode-se entender como foi possível para essa sociedade associar a identidade e os interesses de uma criança brasileira de 9 anos com a figura de Osama bin Laden, um homem saudita, à época com 44 anos, com projetos e visões de mundo muito discrepantes das minhas. De repente, meu nome Bruno foi substituído pelo apelido *bin Laden* pelo único motivo de pertencer ao mesmo grupo étnico que ele. É importante dizer que tal abreviação (*bin Laden*), na língua árabe, não se refere automaticamente a Osama, pois *bin Laden* significa “filho de Laden”. Essa nomenclatura surgiu nas pequenas aldeias para relacionar o sujeito a suas famílias. Por tanto, suprimir o nome Osama impossibilita a ligação familiar ao sujeito ausente. A escolha pelo apelido *bin Laden* deixa claro a ignorância de uma cultura em favor de um projeto político ocidental imperialista.

Oswaldo Truzzi, no artigo *Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo*, mostra que a minha história não é um fato isolado. Com o meu exemplo, é possível perceber que não diz respeito somente à comunidade

islâmica, mas, sim, a todos aqueles lidos como árabes, isto é, a identidade altamente ligada à imagem.

A conformação identitária do grupo é pautada pelas reações ao que alguns denominam processo de "demonização" do Islã, isto é, à imagem estereotipada que a sociedade e, especialmente a mídia, alimenta em relação ao grupo. Essa observação remete à preocupação dos líderes [do camo religioso islâmico] de zelarem (assim como cada família) pela imagem própria da comunidade junto à sociedade mais abrangente. É notório a preocupação em desfazer a imagem de extremismo vulgarmente associada aos muçulmanos, sobretudo após o 11 de setembro. (2008b, p. 63-64)

A seguir do 11 de setembro², essa minha nova identidade imposta deu-se através da rasa cultura ocidental sobre o Oriente e posicionou-me ao lado do povo árabe. De acordo com Truzzi (2008b), etnicidade e religiosidade reconfiguram-se na medida em que os imigrantes libaneses cresceram e se reproduziram na sociedade reagindo aos estereótipos que lhe foram imputados e interagiram com essa mesma sociedade transformando, assim, sua própria identidade.

Dentro deste processo, meu interesse no tema foi crescendo de maneira natural. Na medida em que me informava, percebia um discurso ocidental simplista e reducionista para estabelecer uma relação de poder com o povo árabe. Nota-se também uma contra narrativa perigosa à narrativa hegemônica ocidental, capaz de influenciar e desmistificar construções ideológicas e políticas de sentido.

Sobre a relação de poder ocidental, Max Weber, na introdução da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, discursa sobre um sentimento que o europeu buscou legitimar: o triunfo do racionalismo ocidental em busca de um prestígio científico, como afirma Jessé de Souza em *Max Weber e o "Racismo Científico" da Sociologia Moderna* (2014).

Segundo Weber,

Ao estudarmos qualquer problema da história universal, o produto da moderna civilização européia estará sujeito à indagação de quais combinações de circunstâncias se pode atribuir o fato de na civilização ocidental, e só nela, terem aparecido fenômenos culturais que, como queremos crer, apresentam uma linha de desenvolvimento de significado e valor universais. (1904/5, p. 3)

² Atentado aéreo às torres gêmeas, no dia 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. Foi organizado pelo grupo Al-Qaeda, com um total de 2.996 mortes.

No parágrafo seguinte da citação acima, Weber afirma que “Apenas no Ocidente existe uma ciência num estágio de desenvolvimento que reconhecemos, hoje, como válido.” (IBIDEM) Para o sociólogo brasileiro Jessé de Souza, o caráter científico deste pensador se transforma em poder social.

Nesse sentido, as categorias científicas são utilizadas “por debaixo do pano”, ou seja, sem que seu real caráter fique efetivamente explícito, como justificação de uma violência simbólica que, ao fim e ao cabo, funcionam como uma espécie de “equivalente funcional” do racismo. (...) Afinal, para o mesmo Weber que estamos discutindo os ricos e felizes não querem apenas ser ricos e felizes. Eles querem ter o direito de ser ricos e felizes. O ponto que mais marca, para mim, a leitura de Weber como pensador crítico é precisamente sua atenção aos processos que “legitimam” o poder social fático e o tornam “sagrado”, no contexto das grandes religiões analisadas por Weber, e o tornam “científico” no mundo desencantado de hoje. (SOUZA, 2014, p. 34 e 35)

Ainda sobre a imagem que a Europa tem de si, Daniel Innerarity Grau, professor espanhol na Universidade de Zaragoza, aponta Hegel como o pensador mais eurocêntrico da era moderna. Em, *A ideia de Europa em Hegel* (2009), Grau aponta que:

Europa é para Hegel centro e fim do velho mundo, o cenário da descoberta do espírito a si-mesmo. Se a Ásia é o continente das origens, a África o da uniformidade e a América o do futuro hipotético, a Europa é o continente da liberdade real, a síntese da diferença e da unidade, a harmonia na diversidade, o lugar onde o homem tem alcançado a maior consciência de sua liberdade. O grande relato da história universal descreve o "triunfo do Ocidente sobre o Oriente, da medida europeia, da beleza individual da razão que se limita a si-mesmo sobre o esplendor asiático, sobre a suntuosidade da unidade patriarcal". A filosofia da história de Hegel aponta em uma clara direção: o espírito busca o Ocidente, de onde a negação gera superação, à diferença do Oriente, onde negar é destruir. (p. 57)

A obra do intelectual e ativista palestino-estadunidense Edward Said, *Orientalismo* (2007), mostrar-nos-á como os europeus conviveram e absorveram a cultura árabe por muito tempo e a utilizaram para formar a ideia do outro e o ideal do seu continente, moldando sobretudo a imagem do Ocidente sob o que seria o Oriente.

(...) o Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do outro. Além disso, o oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) com sua imagem, ideia, personalidade e experiência contrastantes, mas nada nesse Oriente é meramente imaginativo. O Oriente é uma parte integrante da civilização e da cultura material europeia. (p. 27-28)

Para termos uma ideia, o Oriente Médio constitui tanto a cultura europeia como fonte de sua civilização que o nome de uma princesa fenícia batizou este continente. De acordo com a mitologia grega, Europa era uma jovem, filha do rei Agenor, cuja beleza deixou Zeus apaixonado. Para conquistá-la, apareceu em forma de touro branco, enquanto ela se banhava no mar de Tiro (atualmente a cidade chama-se Sur, no Líbano). Europa encantou-se com o animal ao mostrar-se dócil e, ao montá-lo, Zeus a raptou para as areias de uma praia de Creta, uma ilha na Grécia, onde a união se consumou, fruto de um sequestro (MEIHY, 2016).

Essas citações de Weber, sobre Hegel e de Edward Said nos mostram que o Oriente — e mais especificamente o Oriente Médio — foi associado a uma série de conceitos históricos capazes de construir uma semântica específica sobre a realidade passada. (KOSELLECK, 1992) Said, em *Orientalismo* (2007), acrescenta ao termo "orientalismo" (que tem designação acadêmica e refere-se a quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente) um outro sentido, deslocando-o do primeiro. Ele constroi uma definição que diz respeito a um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre "Oriente" e "Ocidente", “como um estilo ocidental de dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (p. 29) e conclui que "todo orientalismo representa e se afasta do 'Oriente': o fato de o Orientalismo fazer sentido depende mais do Ocidente que do Oriente" (IBIDEM, p. 52) um selo que marca as civilizações a leste da Europa sob o signo do exotismo e da inferioridade.

Essa obra de Said influenciou a teoria literária ao apresentá-la como ampla e inclusiva, convencendo muitos dos seus leitores. Dessa forma, cabe fazer algumas ponderações. O crítico literário indiano Aijaz Ahmad deixa claro, no livro *Linhagens do Presente: ensaios* (2002), a admiração pela coragem de Said e sua relevância: “(...) [Frederic] Jameson e Said são possivelmente os críticos culturais em língua inglesa mais significativos, no momento, para o tipo de trabalho que eu faço nessa área e é difícil encontrar meu próprio pensamento sem passar pelo deles” (p. 109, grifos nossos). Porém, Aijaz considera algumas inconsistências neste trabalho de Said. De forma geral, a primeira crítica seria a ausência de um marco histórico inaugural do orientalismo como prática de subjugação do Ocidente ao Oriente. O autor indiano afirma, ainda, que a obra “deriva da ambição de escrever uma contra-história que pudesse ser colocada contra *Mimesis*, a exposição magistral de Auerbach da gênese

inconsútil do realismo e do racionalismo europeus desde a Antiguidade grega até o momento modernista” (IBIDEM, p. 113). Ou seja, para o autor, Said buscou mostrar uma episteme ocidental imutável desde a Grécia antiga até a contemporaneidade. Neste arco temporal, muita coisa mudou no mundo, inclusive como o vemos. No período trabalhado na teoria de Edward Said, o homem deslocou sua crença no geocentrismo para o heliocentrismo diante das evidências da rotação da terra, a Europa se unificou e constituiu uma identidade própria e, para o autor, a subjugação do Oriente teria perdurado todo esse tempo enquanto tudo à sua volta se alterava. Aijaz acredita que “nenhum discurso moderno pode ser remontado àquela origem, porque o mapa civilizacional e a imaginação geográfica da Antiguidade eram fundamentalmente diferentes daqueles que vieram a ser fabricados na Europa pós-renascentista” (IBIDEM, p. 133).

O autor segue analisando a questão colonial apresentada por Said através da ideia gramsciana de um “inventário de traços”. Ele “pressupõe que haja uma personalidade, um contexto cultural, em que esses traços estejam inscritos” (IBIDEM, p. 121). Nele, há uma série de “processos cumulativos de sedimentação e acréscimo” (IBIDEM) ao inventário, afirma Aijaz. Para ele, Said peca ao não considerar essas camadas anteriores e, então, completa:

Um traço notável de *Orientalismo* é que ele examina a história das textualidades ocidentais sobre o não-Occidente isoladamente das maneiras como essas textualidades poderiam ter sido recebidas, aceitas, modificadas, contestadas, destronadas ou reproduzidas pelas *intelligentsia* dos países colonizados: não como uma massa indiferenciada, mas como agentes sociais situados impelidos por nossos próprios conflitos, contradições, contextos sociais e políticos distintos, de classe, gênero, região, afiliação religiosa e assim por diante. (IBIDEM, p. 122)

Na esteira do pensamento que entende os processos cumulativos da cultura local também como fruto do intercâmbio regional, Jerry Brotton, professor da Universidade de Londres e autor de *O Bazar do Renascimento: da rota da seda a Michelangelo*, problematiza a compreensão tradicional do Renascimento europeu, momento em que “celebram as conquistas da civilização europeia num movimento de exclusão de todas as outras” (2002, p. 38), enquanto, na verdade, se deu através da competição, da troca de ideias e mercadorias com seus vizinhos orientais, em sua maioria islâmicos. Para ele, muitos produtos desta época emergiram desses encontros e trocas com o Oriente ocorridas inicialmente nos bazares orientais, uma metáfora do autor para as fluidas

transações que ocorreram na região durante os séculos XV e XVI. O livro defende a tese de que nesse momento “a Europa começou a se definir comprando e emulando a opulência e a sofisticação das cidades, comerciantes, sábios e impérios dos otomanos, dos persas e dos mamelucos egípcios” (IBIDEM, p. 9), fornecendo não só inspiração e materiais para a arte e a arquitetura europeia, como também para a astronomia, a filosofia e a medicina, influenciando seus pensadores e cientistas.

Nestes bazares, as culturas se confrontavam com certa desconfiança, mas também com prazer e fascinação pelo outro, a despeito da ideologia política e religiosa. Talvez, uma das incorporações deste momento mais presentes em nossas vidas até hoje seja os modos árabes e islâmicos de fazer negócio:

Nas suas trocas comerciais com negociantes árabes nos bazares orientais, Fibonacci percebeu que a prática europeia de usar numerais romanos e o ábaco era complicada e demorada. Os numerais indo-arábicos eram muito mais eficazes, pois permitiam soluções cada vez mais complexas e abstratas para o cálculo do lucro e do prejuízo. Foi assim que Fibonacci decidiu explicar cuidadosamente a natureza dos numerais indo-arábicos de ‘0’ a ‘9’, o uso do ponto decimal e sua aplicação aos problemas comerciais práticos que envolvam a adição, subtração, multiplicação e divisão, e o cálculo de pesos e medidas, bem como trocas, taxa de juros e câmbio de moedas. (IBIDEM, p. 47)

Ao comercializar produtos com o Oriente, a Europa naturalmente introduziu os modos árabes de negócio devido aos bazares do norte da África, Oriente Médio e Pérsia. A Europa exportava artigos têxteis, vidros, sabão, papel e, sobretudo, prata e ouro. As mercadorias do Oriente eram especiarias, cavalos, pedras preciosas, tapeçaria e pigmentos vívidos, que trouxeram novas cores para a pintura renascentista.

Enquanto a Europa predominantemente exportava mercadorias volumosas como madeira, algodão e metais semipreciosos, ela tendia a importar mercadorias luxuosas e de alto valor, cujo impacto sobre a cultura e o consumo da população de Veneza a Londres foi gradual, porém profundo. Todas as esferas do cotidiano foram afetadas, da alimentação à pintura. (IBIDEM, p. 43)

O que podemos observar é que as barreiras geográficas e políticas não estavam definidas, no século XV, entre o Ocidente e o Oriente. Isso se deu a partir do século XIX, quando a fluidez entre as duas pontas deu lugar ao rígido sistema de crenças das agendas político-culturais de ambas as civilizações, perdurando até hoje.

Para além dessas questões geopolíticas e comunicacionais às quais me debrucei até aqui, interessava-me, sobretudo, conhecer mais daquilo que foi a vida dos meus avós maternos e relacioná-los à conjuntura histórica. Afinal, foi graças a sua genética que herdei a fisionomia árabe pouco prestigiada no Ocidente. Infelizmente, não pude conhecê-los, pois meu avô Wadih, faleceu aos 67 anos devido a um enfarte do miocárdio, em 1987, e minha avó, Badiha, faleceu aos 61 anos vítima de câncer nos vasos linfáticos, em 1990. Já eu nasci dois anos depois da partida de minha avó.

Claude Fahd Hajjar, escritora de *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão*, discute o processo geracional circunscrito às famílias sírio-libanesas no Brasil ao sintetizar o conflito brasilidade x arabidade presente nos imigrantes e suas famílias que buscam se integrar à sociedade.

É como se a língua árabe viesse afastá-lo do seu sentimento de brasilidade à qual está afetivamente vinculado, e sente essa sua brasilidade como oposição à sua arabidade. (...) Esse dilema do imigrante árabe acirra-se ainda mais na segunda geração (...) [que] nega com mais intensidade o seu vínculo com a arabidade para não viver o conflito que foi e é vivido por seus pais. (...) Quem vai compreender melhor esse conflito e chegar mais próximo de sua solução é a terceira geração. (...) Este busca um retorno às origens para uma compreensão pessoal do seu papel enquanto brasileiro de origem árabe. (1985, p. 64)

Assim, o meu interesse pela matéria se deu a partir da agenda ocidental contra o Oriente, mas também por integrar a terceira geração citada pela Claude. Ao voltar do Líbano, busquei compreender a importância desse país no mundo. Tais estudos vinculam-se às investigações a serem apresentadas a seguir sobre a atuação dos sírios e libaneses no Brasil e mais especificamente no Rio de Janeiro, onde ruas levam o nome de grandes cidades libanesas. O curioso fato de uma rua Baalbeck no meio do subúrbio carioca apontou a pesquisa diretamente para o processo de formação desse território, conhecido como Bairro Jabour, fundado pelo libanês Abraão Jabour. A pesquisa buscou sistematizar, a partir de publicações pretéritas, a história desse personagem e a evolução do local, bem como checar as informações durante as entrevistas com moradores e localizar descendentes libaneses no território. A pesquisa com as fontes primárias do bairro enveredou tanto pelas histórias de vida, quanto pelos relatos factuais, buscando nos relatos individuais um corpo coletivo. Por mais que o estudo tenha um suporte teórico substancial a partir da historiografia disponível sobre o tema, espera-se acrescentar a ele as reflexões feitas com base na reunião do acervo de

Mariana Jabour Mauad, irmã de Abrahão, disponível no Laboratório de História Oral e Imagem, o LABHOI, da Universidade Federal Fluminense, e do acervo coletivo dos moradores do Jabour, reunido por Roberto Gaze. Ao pesquisar os trabalhos acadêmicos sobre o bairro, é possível observar que a ciência brasileira deu destaque ao trabalho do multi-instrumentista Hermeto Pascoal, sem olhar com a mesma dedicação para a origem da formação da região desse morador, o Bairro Jabour. Dessa forma, aproveitamos as inúmeras matérias da imprensa sobre o local e sobre a figura de seu patrono, Abrahão Jabour, para dar suporte à pesquisa na busca pela compreensão do desenvolvimento do bairro, como é possível ver no Capítulo 3. Não obstante, a bibliografia existente foi fundamental para balizar a chegada de Abrahão no Rio e de seus patrícios³, em várias regiões do Brasil, para entender as semelhanças e diferenças entre o protagonista desta pesquisa e a história enquadrada (POLLAK, 1992) dos sírio-libaneses no país.

A tese *Sob o Signo da imagem* (1990), de Ana Maria Mauad, e seu artigo *Donos de um certo olhar*, que integra o livro *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro* (2000), foram imprescindíveis para discutir o passado da família. Também teve grande valia no enriquecimento do trabalho, não só pelas imagens, mas também pelo auxílio nas hipóteses levantadas, o acervo de Mariana Jabour Mauad. Além dessas obras, o livro *Meu irmão Abrahão* (1985), de Carmen Jabour, irmã de Abrahão e conhecida como irmã Zoé, ofereceu contornos saudosistas, porém importantes para a checagem de dados. A bibliografia primária encerra-se com *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural* (2010), de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, amplamente citado nos capítulos II e III. A partir desse trabalho, é possível mencionar a vasta produção já publicada de patrícios e seus descendentes sobre a história sírio-libanesa no Brasil, trabalhos esses que compõem a bibliografia secundária desta pesquisa. É importante ressaltar Oswaldo Truzzi como o autor com mais obras citadas no estudo. Já o artigo *Arabia Brasiliensis* (2014), de Murilo Meihy, no qual o autor reúne estudos destacados sobre o tema, foi utilizado diversas vezes em busca de referências. Para a elaboração do presente estudo, Danny Zahreddine foi citado com *Do Pequeno ao Grande Líbano* (2020) e *Os Círculos Concêntricos da Política Libanesa e suas*

³ Patrício é uma categoria “comumente usada para designar os membros da coletividade em português, a qual implicava em uma “pátria” compartilhada, a qual poderia ser definida, em termos culturais, como árabe, ou políticos, referente às nacionalidades dos imigrantes” (PINTO, 2018, p. 67).

Repercussões para o Oriente Médio (2011). Obras de João Francisco, sendo uma delas igualmente a dissertação em Memória Social na UNIRIO com a pesquisa *Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro: Memória Coletiva & Escolhas Individuais* (2005), como artigos *Brasileirando: pedidos de cidadania de imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX* (2016) e *Do Oriente Médio ao sul do Brasil: a imigração de sírios e libaneses no Rio Grande do Sul (1890-1949)* (2017), até clássicos como *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida* (1966), de Wadih Safady e *Imigração árabe: 100 anos de reflexão* (1985), de Claude Hajjar. A trilha aberta por esses e outros autores em trabalhos anteriores foi fundamental para que o estudo atingisse o corpo aqui apresentado, sobretudo no segundo capítulo.

A investigação foi dividida em três blocos. O primeiro, que se chama *O fluxo do rio e outras correntezas*, com caráter de apresentação, traz a história e a formação do Líbano, seus impactos na diáspora e os processos deste país na influência da construção do meu livro *Deus também descansa*. No segundo capítulo, *Allah-lá-ô: a presença sírio-libanesa no Brasil*, tratamos do percurso desses imigrantes até este país, suas adaptações no Brasil, seus percalços e suas contribuições para o povo brasileiro. Já no capítulo três, cujo título é *A colheita no deserto de Abrahão e o Bairro Jabour*, abordamos a história da família Jabour, mais especificamente a vida de Abrahão, a criação do bairro que levou seu sobrenome e a evolução do território até o tempo presente, com uma reflexão sobre memória, diáspora e ausência.

Para fins introdutórios, cabe aqui um preâmbulo diferenciando memória e história. Por mais que essas palavras sejam tratadas como sinônimos, no *stricto sensu* elas levam a caminhos diferentes. No artigo *Entre memória e História: a problemática dos lugares* (1993), Pierre Nora expõe essas diferenças. “A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e repelir” (p. 9). Para o autor, a memória é múltipla e se renova a cada vez que é contada, enquanto a história é uma operação intelectual e trabalha com um deslocamento temporal em busca de uma coerência histórica sobre o fato. A memória recupera a história como experiência humana, mas opõe-se a ela como produção de conhecimento. Se partem de princípios diferentes, como afirma Júlio Pimentel Pinto em *Os muitos tempos da memória* (1998), conciliam-se como exercitadores do fazer historiográfico.

Feita essa diferenciação necessária, afirmo que essa pesquisa espera contribuir, mesmo que de forma singela, à análise da presença dos libaneses no Brasil. A trajetória desses imigrantes, os quais respeito profundamente, fascina-me. Se por um lado busco desfazer a romantização de seu desenvolvimento, por outro me empenho em defender seu legado neste território, aprofundando a noção que temos do Brasil. Ao fazê-lo por escrito, nasce a memória histórica imobilizando a memória do passado. De acordo com Cinthia Brown, “a memória assim congelada acaba por se tornar uma das poucas expressões tangíveis do tempo corrido” (1985, p. 44). Fruto de um apelo individual, a pesquisa atinge uma dimensão coletiva na tentativa de recriar o passado, “operando temporalidade como textualidade, fundindo referências que estabilizam o presente” (PINTO, 1998, p. 206).

Mostraremos, ao longo do trabalho, a influência árabe no país e como sua presença física imprimiu um diálogo e um movimento (HEYMANN, 2006) na sociedade brasileira. Sempre cientes do lugar em que ocupam nessa sociedade, trabalharam a memória coletiva do seu povo através de um viés político, encarando esta tarefa como um investimento, a fim de posicionar estrategicamente aqueles que compartilham o passado e a identidade na sociedade, pois “a memória é um território em disputa” (POLLAK, 1988, p. 82). Para a construção desse processo, diziam que o imigrante veio pobre, encontrou na mascatagem a oportunidade para se sustentar e, no comércio, a de enriquecer. Se essa trajetória é verdade para alguns, não foi a única trajetória, como veremos nos capítulos seguintes. A memória do imigrante sírio-libanes no Brasil não só foi selecionada por essa comunidade como sofreu com o tempo um trabalho de manutenção e coerência própria (IDEM, 1992). Esses ajustes pretendem, sobretudo, unir o que é contado e dar continuidade histórica a este grupo, em busca de identidade e organização. A memória social sírio-libanesa nos mostra que seu percurso no Brasil se deu de porta em porta ou atrás do balcão, sempre no trabalho. Por mais que sejam inegáveis as suas colaborações nesse sentido, esses atores sociais não destacam as situações delicadas impostas pela sociedade brasileira: embora aqui fossem vistos como brancos, a comunidade sofreu preconceito com tentativa de projeto de lei contra si e sua cultura incompreendida. Por outro lado, ela mesma buscou se esquivar do racismo já instalado de brancos contra negros no Brasil.

Quando os primeiros imigrantes sírio-libaneses saíram, em sua maioria, pelos portos de Alexandria, Gênova ou Marselha (FRANCISCO, 2013), no final do século XIX, para o Brasil, a Síria era composta por vários territórios que, depois do mandato francês em 1926, passaram a ser divididos, criando outras nações, a exemplo do Líbano. Esses primeiros imigrantes perderam capítulos fundamentais da formação moderna dos seus próprios países para contribuírem com o Brasil. Desembarcaram em um local “com práticas comerciais ainda arcaicas, e com grande parte de sua população vivendo em áreas rurais” (IDEM, 2016, p. 194). Por aqui, muitas coisas aconteceram para que pudéssemos entender esse país como ele é hoje: os primeiros imigrantes árabes viram a abolição da escravidão brasileira, a criação da bandeira nacional, do samba e a chegada do futebol no país. Dessa forma, podemos entender que os árabes não só assistiram como contribuíram para a construção das macroestruturas dessa sociedade, bem como para a nossa cultura. Essa pesquisa mostra, principalmente, os laços entre o Brasil e o Líbano, países que fizeram das suas árvores nativas seu nome e sua bandeira, respectivamente.

Figura 3 – Fotografia de imigrantes libaneses no Cristo Redentor



Da esquerda para direita: Rafael Abi Haia, Youssef Abi Haia e meu avô, Wadih Bou Haya, no Cristo Redentor, na década de 1950. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria e data desconhecidas.

1. O fluxo do rio e outras correntezas

*Do rio que tudo arrasta se diz que é violento.
Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.*

Bertolt Brecht

Notamos, em um almoço em 2018 com minha mãe e minha tia, Deniz, os 70 anos da vinda dos meus avós (figura 4) ao Brasil, aqui desde novembro de 1948⁴. Com a efeméride em vista, fomos eu e a minha mãe para o Líbano um ano depois, em 2019. Procurar sobre o passado dos meus avós era a forma que eu tinha de conhecer mais sobre eles, pois suas trajetórias têm muita similaridade com os milhares de imigrantes libaneses, como veremos a seguir. Com uma história comum e pouco singular à comunidade libanesa no Brasil, parecia muito pouco saber seus pratos preferidos para entender suas individualidades. Ir ao Líbano pela primeira vez, passar pelo porto em que partiram, conhecer a capital de seu país, Beirute, e, finalmente, ser apresentado à sua aldeia, à minha família que lá ficou e me hospedar na casa em que meu avô construiu, completava um perfil capaz de traçar suas identidades sem ter trocado palavra alguma com eles.

Figura 4 – Fotografia de meus avós, Badhia e Wadih Bou Haya



Meus avós, Badhia e Wadih Bou Haya, em Sorocaba, SP, comemorando os 25 de casados antes de seguirem a Brasília, em 1973. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

⁴ Como podemos analisar nas imagens de 9 e 13, na qual apresentam as fichas consulares dos meus avós.

Nessa viagem de 2019, pude fotografar as imagens que compõem o livro sobre este processo de descoberta dos meus avós e suas intimidades. Ironicamente, a pouca individualidade deles frente à história do imigrante libanês no Brasil foi a justificativa para a produção do livro, tamanha a representatividade que carregavam. Por mais que essa história conte uma construção coletiva, ela também discursa sobre a vida privada de uma família. Dessa forma, é inevitável enxergar as imagens de *Deus também descansa* em uma semelhança com a citação de Susan Sontag na obra seminal *Sobre fotografia*:

“Para [Dorothea] Lange, todo retrato de outra pessoa é um “autorretrato” do fotógrafo assim como para Minor White - ao promover “a autodescoberta por meio da câmera” - as fotos de paisagem são, na verdade, “paisagens interiores”. (2004, p.138)

Figura 5 – Fotografia da sala de casa, em Beit Menzer



A sala da casa que meu avô Wadih construiu na sua aldeia, Beit Menzer, no Líbano.

Fonte: BOU HAYA, 2019.

Meus avós mascatearam e abriram três lojas em sociedade com meus dois tios-avôs, Nassim e Youssef Bou Haya, no Rio de Janeiro. Quando nasci, essas propriedades já não estavam mais conosco e o maior patrimônio deixado no Brasil por eles foi o apartamento herdado pela minha tia. Visitar uma casa que foi construída pelo meu próprio avô (figura 5) é infinitamente mais significativo, não só por encontrar no imóvel a permanência de sua presença, mas por enxergar seu ideal de lar na volumetria e no espaço apresentado no projeto arquitetônico.

O objetivo dessa pesquisa, no contexto da memória social, é aproximar as duas pontas que se afastam gradualmente nesses 42 dias de viagem dos meus avós ao Brasil. Demorou 74 anos (1948-2022) para alguém analisar com mais profundidade a diáspora como fato social e seus impactos nessa família. Inicialmente, pensei que sofriram só aqueles que partiam ao privar-se de algo, deixando muita coisa para trás. Chegando no Líbano, pude constatar que aqueles que permaneceram em suas casas também foram impactados ao perder a companhia daqueles que tentaram a sorte em outro continente. O convívio deu lugar a um vazio que acompanha ambas as partes.

Figura 6 - Fotografia de minhas primas, Maria Bou Haya e Anna Maria Safi



Minhas primas Maria Bou Haya (à esquerda) e Anna Maria Safi (à direita).
Fonte: BOU HAYA, 2019.

As novas gerações podem não ter sentido um impacto direto dessa emigração, mas, se a "saudade é a presença da ausência"⁵, os jovens, inevitavelmente, acabam convivendo com esta lacuna familiar. A foto das minhas primas (figura 6) une as pontas ao apresentá-las à nossa família brasileira. O livro traz rostos, contornos e uma topografia libanesa, oferecendo elementos e matéria aos descendentes brasileiros para reconstruir sua nacionalidade de maneira mais aprofundada. Há ano livro, ainda, a ordem imaterial das coisas, já que apresenta uma camada sobre a conexão entre um neto e seus avós que já faleceram. De acordo com Milton Guran, em *Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica* (2011), a fotografia é uma ponte entre o "mundo da consciência histórica" e o "mundo da magia" (p. 85).

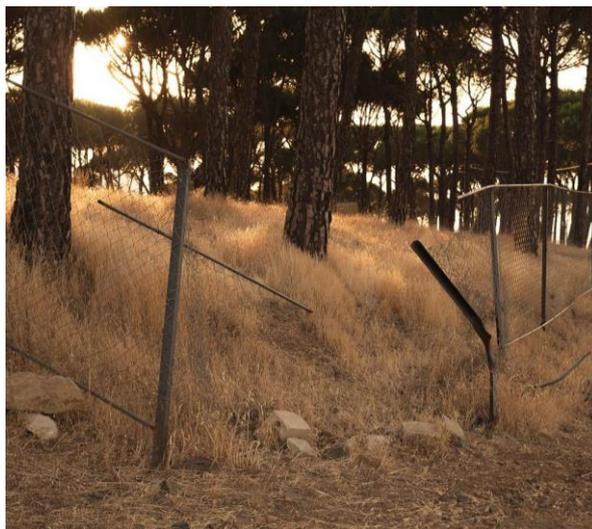
⁵ A letra de *Toda Saudade*, música de autoria de Gilberto Gil, diz que "Toda saudade é a presença/ Da ausência de alguém/ De algum lugar/ De algo enfim".

A fotografia então se localiza entre esses dois "mundos", pois, como imagem técnica, é um produto dos textos científicos e participa do "mundo da consciência histórica" por utilizar da escrita linear. Esse sistema linear de pensamento lógico é o que constitui a invenção deste mundo e é através do pensamento de causa e consequência que se desenvolve o tempo linear da história. Por outro lado, a fotografia também participa do "mundo da magia", porque é, antes de mais nada, uma imagem. Neste mundo, ao contrário do sistema linear da consciência histórica, a sua representação se inscrevia no tempo circular do mito, isto é, no "mundo da magia".

Sobre a fotografia na pesquisa antropológica, Guran (2011) diz que pela própria natureza fotográfica, "ela abre as vias para uma percepção do mundo visível diferente daquela propiciada por outros métodos de investigação." (p. 86) Isso se dá por causa da

(...) sua capacidade de aprender muito rapidamente uma situação lhe permite inventariar cenários, eventos e circunstâncias com precisão e abrangência muito superior à memória ou ao resultado obtido com apontamentos. Ela registra ainda o fugidio, o apenas entrevisto, o inusitado, e desta forma, abre novas perspectivas para a observação de um fato. (IBIDEM, p.85)

Figura 7 – Fotografia de bosque em Beit Menzer



Bosque em frente à escola de Beit Menzer, a aldeia dos meus avós no Líbano.
Fonte: BOU HAYA, 2019.

Buscando as novas perspectivas para a observação de um fato e de outros métodos de investigação dentro do mundo da magia, a figura 7 não se faz através de uma paisagem construída pela ode à beleza, mas na conversa entre os vivos e os mortos. A conexão entre o plano material e o plano espiritual se dá na junção dos elementos da

imagem: o local ermo e o caminho livre entre as cercas, no primeiro plano, concedendo acesso ao segundo plano, composto pelo bosque e árvores que nos convidam a ver o pôr-do-sol no canto superior esquerdo.

A construção do livro se deu através do binômio seleção e combinação (Bonisson, 2022), de forma que pudesse organizar o livro em três blocos: reconstrução, retratos e o Líbano refeito. A primeira e a última parte têm, em sua maioria, imagens de paisagens, como na imagem 7, logo acima. Essa sequência paisagem-retrato-paisagem aproximou o livro da ideia de palíndromo, isto é, o livro poderia ser tanto lido da esquerda para a direita, no Ocidente, como da direita para a esquerda, na língua árabe. Já o título, a escolha foi por algo poético: a hipótese de a formação dos vícios da sociedade libanesa terem se formado no descanso de Deus. Algo elogioso, já que envolvia minha família, mas capaz de enveredar as visíveis críticas dessa sociedade. O título traz uma linha do tempo ficcional da história, sem dúvidas, mas tão mágica quanto as memórias que sopram por ali. A essa altura, percebe-se um livro de dualidades: família e sociedade, público e privado, material e espiritual, guerra e reconstrução, passado e presente.

A cobiça pelo controle do Líbano trouxe estagnação do estado, fruto de uma perspectiva das diferenças. Dessa forma, meu ponto no livro foi buscar as sincronias entre os grupos por um olhar conciliador. O título reconhece a religião como questão central da vida libanesa. Em muitos casos, ela se sobrepõe à identidade nacional. “Cada grupo religioso é considerado uma comunidade separada dentro do estado. Os chefes de cada culto têm, amiúde, muitas funções civis, controlam as atividades religiosas e muitas das atividades seculares de seus membros.” (HAJJAR, 1985, p.46) O Líbano é citado em várias passagens da Bíblia, mais especificamente o território de Sidon (que em língua semita quer dizer “lugar de pesca”), o preferido de Jesus para descansar. Para ambas as religiões, Deus teria descansado em algum dia da semana. Para os católicos, este dia é o domingo, como diz Gênesis 2:2-3 "E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia Sétimo, e o santificou". Já para o islã, *Jummah*, palavra em árabe que, em português, significa "sexta-feira", é o dia em que boa parte das atividades não funcionam ou têm horários reduzidos. Escolas e a maioria dos prédios

públicos fecham; bancos e outros serviços essenciais só abrem à tarde, pois no islamismo a sexta-feira é dedicada à oração.

A história deste país é de uma eterna reconstrução. Frequentemente turbulento, a geopolítica local vive e desvive, mostrando-nos um passado extenso e um futuro sinuoso. Ocupado por inúmeros povos e impérios ao longo da história, o Líbano sempre foi muito cobiçado pela humanidade. Lá estiveram fenícios, assírios, babilônios da tropa de Nabucodonosor II, persas, macedônios, selêucidas e o Império Romano, que, ao ser dividido, passa o domínio para o Império Bizantino. Na alta idade média, o Líbano é anexado à Síria pelos árabes, depois passa a ser ocupada pelos cruzados e a igreja Maronita⁶ se submete à Igreja Católica Apostólica Romana, que segue até hoje. A área foi rapidamente retomada pelos árabes, e pouco depois, pelo Império Otomano. Com a derrota dos otomanos na I Guerra Mundial, começa o mandato francês no território até a independência do país.

Se estabelecermos um breve corte na história do Líbano, a partir do fim do império Otomano, encontraremos as razões de muitos problemas atuais desse país: a sensível e ineficiente divisão de poder entre as religiões pós independência organizada pelo mandato francês.

Depois de perder a primeira guerra mundial ao lado da Tríplice Aliança⁷, o Império Otomano se desfez no Oriente Médio, com a França e a então Grã-Bretanha redesenhando essa área e suas fronteiras de acordo com seus interesses. “A ideia de um Grande Líbano nasceu da vontade da França e dos Maronitas de criar uma entidade política cristã no Oriente Médio que fosse viável”. (ZAHREDDINE, 2020, p. 34)

A França visava construir uma nação católica nesta área e estabelecer sua influência no território. As linhas traçadas por franceses e britânicos não correspondiam às divisões sectárias, confessionais ou étnicas do Oriente Médio. Esse

⁶ Tradicional no Líbano, compõe a Igreja Católica e foi fundada pelo monge Maron no século IV. Mais tarde, foi canonizado pela Igreja Católica e é conhecido como São Maron. O rito oriental maronita, que pertence à tradição litúrgica de Antioquia, prevê a celebração da missa em língua siríaca, um dialeto aramaico ocidental.

⁷ Grupo formado pela Alemanha, Áustria-Hungria e Japão para enfrentar os Aliados, que eram a Grã-Bretanha, França, Rússia e, posteriormente, os Estados Unidos.

processo pouco sofisticado pavimentou os frágeis acordos políticos pela governança das nações. Em *Between the Ottomans and the Entente: The First War in the Syrian and Lebanese Diaspora, 1908-1925*, obra publicada em 2019 pela professora Stacy D. Fahrenthold, do departamento de História da Universidade da Califórnia, mostra a falsificação dos dados populacionais do Líbano, já que

A França criou uma narrativa de que havia uma superioridade numérica de cristãos, apenas possível de ser pensada ao se somarem todos os que se declararam libaneses espalhados ao redor do mundo. Desta forma o mandato francês teria manejado a estatística para delinear como seria a república libanesa, definindo sua estrutura legislativa. (FAHRENTHOLD, 2019, p. 138 *apud* ALMEIDA, 2022, p. 415)

Para Danny Zahreddine, doutor em geografia e professor da PUC Minas, o cenário libanês no começo do século XX era de divisão:

De um lado temos cristãos maronitas que visam criar no Líbano a sua pátria, ligada à Europa, por outro lado, muçulmanos sunitas e xiitas que querem se manter ligados à “Grande Síria”. É deste cenário que as divisões da sociedade libanesa vão se aprofundar, pois além do sectarismo religioso herdado do século XIX, a absorção de outras comunidades confessionais em número expressivo tornará mais difícil o pacto social e político deste novo país. (2020, p. 35)

Para acomodar os interesses da população cristã e da população muçulmana, em 1943, políticos representantes destes dois grupos religiosos aceitam a criação de um acordo não escrito, conhecido como Pacto Nacional que

representou a divisão do poder político nas principais esferas decisórias e de poder: governo, parlamento e serviço público. Tendo como base o resultado do Censo de 1932, o Pacto Nacional estabeleceu que o presidente do Líbano seria um cristão maronita, o Primeiro Ministro um muçulmano sunita, o presidente do parlamento um muçulmano xiita, e as cadeiras do parlamento seriam divididas em uma proporção de 6 cristãos para 5 muçulmanos, isto significava 54 cadeiras para cristãos (Maronitas, Gregos Ortodoxos e Gregos Católicos) e 45 para muçulmanos (sunitas, xiitas e drusos). Essa proporção se repetiria em todas as esferas decisórias. (IBIDEM, p. 37)

Oficialmente, o governo libanês reconhece 18 comunidades religiosas⁸, que participam da vida social do país. Esse extenso arranjo religioso indica a sensível vida

⁸ Alauitas, Armênios Católicos, Armênios Ortodoxos, Assírios, Caldeus Católicos, Católicos Romanos, Coptas, Drusos, Gregos Católicos Melquitas, Gregos Ortodoxos de Antioquia, Ismaelitas, Judeus, Maronitas, Protestantes, Siríacos Católicos, Siríacos Ortodoxos, Sunitas, Xiitas

política desse território. Tendo em vista as muitas partes nesta negociação e seus mais variados interesses, o descontentamento com a partilha do poder no país dificultou a estabilidade do ambiente doméstico. Para entender essa instabilidade, Zahreddine (2011) nos oferece a ideia de ‘ciclos concêntricos’: quando um dos ciclos (nacional, regional e/ou das potências globais) se expande e interfere o outro ciclo o influenciando, inflando ainda mais os processos políticos do país. Tanto os países da região como certas potências globais em busca da influência da área apoiaram e ainda apoiam grupos religiosos, rearranjando as forças do território. Cem anos depois, os ciclos concêntricos se esbarram, sabotando o Líbano e sujeitando a população a viver um estado de inação (IBIDEM).

Os cristãos libaneses queriam se diferenciar dos muçulmanos árabes, enquanto a França procurava “um confiável aliado do Ocidente” (FRANCISCO, 2017, p.91). Por mais que os maronitas buscassem solidificar seu vínculo cultural a oeste do país, a despeito de seus interesses, o sionismo israelense virou o maior aliado do norte global na região do Levante. A imagem do libanês católico não foi capaz de sobrepor a presença muçulmana na sociedade libanesa, marcada por intensos conflitos entre os xiitas, sunitas e católicos. Por vezes, estes dois últimos se alinharam contra os primeiros. Enquanto isso, uma parte influente dos judeus conseguiu com mais confiabilidade estabelecer compromissos transnacionais em nome de uma hegemonia bélica na região para colonizar as terras e promover o genocídio palestino. Até aqui, o grupo maronita no Líbano, maioria histórica na bancada legislativa desde o Pacto Nacional, não percebeu o quão prejudicial foi e é ao país priorizar seu grupo confessional em detrimento dos interesses nacionais e dos árabes da região – há, inclusive, uma parcela maronita que se reivindica como fenícia e afasta a imagem árabe de si, relacionando-se com os invasores históricos dessas terras e dificultando o alinhamento dos interesses dos países de fala árabe.

Nesta breve retrospectiva histórica sobre o Líbano, não é difícil imaginar a condição do local, seja com a chegada ou com a partida dessas ocupações e impérios em seu território, sempre buscando se reerguer. No fim do século passado, o Líbano viveu uma guerra civil (1975-1990) entre uma minoria de cristãos maronitas e muçulmanos insatisfeitos com o Pacto Nacional. Esse conflito deixou 150 mil mortos e cicatrizes ainda presentes na sociedade. Já em 2006, Israel devastou vários trechos do

oeste da cidade de Beirute durante conflitos contra o Hezbollah⁹ no sul do Líbano. Em 4 de agosto de 2020 o mundo acompanhou a explosão causada pelas 2.750 toneladas de nitrato de amônio no porto da capital, deixando 218 mortos na tragédia.

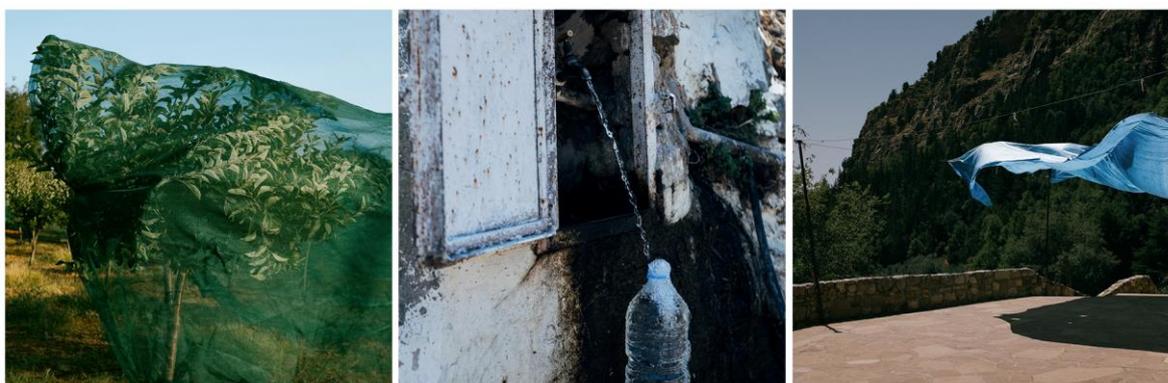
Em 2020 Israel firmou os chamados Acordos de Abraão com Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Marrocos e Sudão e caminhava para fechar acordos com a Arábia Saudita, sob a mediação dos Estados Unidos. Com isso, Israel esperava estabilizar as relações com os países árabes e isolar o seu maior rival: o Irã, aliado histórico do Hamas. Os EUA e Israel visavam o transporte terrestre do petróleo a fim de evitar a volatilidade do preço do barril por vias marítimas graças a instabilidade política de países no golfo Pérsico, a exemplo do Irã e do Iêmen. A fim de evitar o isolamento diplomático no mundo árabe e trazendo visibilidade à causa Palestina, o Hamas ataca Israel em 7 de outubro de 2023 e deixam 1.200 mortos. Desde então o povo palestino sofre uma ofensiva por parte do exército israelense. Setores sociais de Israel acusam Benjamin Netanyahu de corrupção e acreditam que essa guerra é uma forma de se manter no poder. O primeiro-ministro, com alta taxa de rejeição em seu país, ampliou a guerra para o Líbano, sob pretexto de exterminar o Hezbollah, outro grupo aliado ao Irã. Com isso, os ciclos concêntricos apresentados por Danny Zahreddine em seu artigo se fazem novamente presentes na história do Líbano.

Porém, o Líbano, com sua história, conhece muito bem as vicissitudes do tempo e seus moradores sabem da sina de reconstruí-la sempre que necessário. Para Vilém Flusser, tudo é fluxo. Em seu texto *Pós-história e crítica da arte*, o autor afirma que "se admitirmos que 'tempo' é a tendência dos fenômenos rumo à perda de informação (...) então toda origem de informação passa a ser inversão do tempo." (sem data, p. 3) Dessa forma, enquanto a ordem natural nos leva em direção à morte, há um heroísmo na tentativa de querer negá-la evitando o esquecimento, à procura da eternização (SELIGMANN, 2018).

⁹ Hezbollah ou Hizballah é um grupo cujo nome em árabe composto pelas palavras Hizb (partido) e Allah (Deus). Foi criado em 1982/83 por militantes xiitas e membros da Guarda Revolucionária iraniana, no Vale do Bekaa, leste do Líbano. O objetivo, à época, era lutar contra a invasão israelense. Além dos muçulmanos xiitas, este grupo abriga também drusos, sunitas e cristãos. A organização atua no sul do Líbano e em alguns subúrbios mais pobres de Beirute e sua condição de entidade política foi reconhecida em 1989.

Ao que parece, assim como Flusser, os libaneses têm apostado nesse heroísmo do ato criador e no seu engajamento com o mundo. Com um passado milenar, os hábitos e as práticas libanesas viajaram a leste pela rota da seda em direção à Ásia e, a oeste, chegaram à Europa, contribuindo decisivamente para que este continente fosse o que ele é. Conseqüentemente, a cultura árabe viajou com os portugueses até os trópicos para dar contribuições fundamentais ao povo brasileiro. Como veremos a seguir, no século XIX o Brasil recebe os primeiros sírio-libaneses e nada foi como antes. O miúdo Líbano, ainda menor que o diminuto estado brasileiro, o Sergipe, frequentemente visto sob o signo da incompletude pela sua história, respondeu ao mundo através da cultura com ímpeto em direção à vida.

Figura 8 – Tríptico integrante do livro *Deus também descansa*



Fonte: BOU HAYA, 2019.

2. Allah-lá-ô: a presença sírio-libanesa no Brasil

O mouro viajou para o Brasil na memória do colonizador. E ficou. Até hoje sentimos sua presença na cultura popular brasileira.

Luís Câmara Cascudo

A cultura árabe chegou no Brasil antes mesmo do primeiro imigrante chegar ao país. Ela esteve por quase oito séculos com os mouros ocupando a Península Ibérica dos portugueses e espanhóis: “Os árabes trouxeram também à Europa o algodão, a laranjeira, a sericicultura, o cultivo do arroz e da cana-de-açúcar, está tão fundamental à obra inicial de nossa colonização” (TRUZZI, 2007, p. 360).

Na culinária, difundiram o uso do café, de doces próprios e produtos de pastelaria, do azeite (do árabe *az-zayt*) em substituição à proibida gordura de porco, e de muitos outros temperos, como o açafreão (*az-zaHafrân*), a noz moscada, o cravo, a canela, pimentas e outros condimentos. Recebemos tudo isso indiretamente, pela obra colonizadora de portugueses e espanhóis. (IBIDEM)

Os colonizadores portugueses não trouxeram consigo somente a cultura árabe: os primeiros falantes desta língua no Brasil de que se tem notícia foram os muçulmanos escravizados do século XIX na Bahia. Eles compunham diferentes grupos étnicos, como os haussás, bornos, tapas e nagôs. João José Reis, em *Rebelião Escrava no Brasil* (2003), acredita que esses eram os grupos em que o Islã estaria mais difundido, e seus cálculos apontam para 15% a 20% dos africanos de salvador em 1835.

Muitos desses escravizados sabiam ler e escrever o árabe e há registros históricos de apreensões de documentos religiosos e suas anotações em língua árabe no Brasil. Eles levavam consigo, no pescoço e em outras partes do corpo, amuletos protetores. Os amuletos malês eram feitos de folhas de papel com passagens do Corão e rezas fortes. Os papeis eram dobrados até chegarem a um tamanho de 3 a 5cm e colocados em uma pequena bolsa de couro ou de pano amarrada ao pescoço, popularmente conhecida como bolsa de mandinga. O amuleto foi difundido para além dos malês e “funcionou como um eficiente veículo de propaganda islâmica na Bahia. E dali seguiria para diversas cidades do Brasil” (REIS, 2003, p. 183).

Embora a origem do termo “malê” ainda seja objeto de disputa, João José Reis (2003) acredita que a explicação mais provável do vocábulo foi a apresentada por Pierre Verger, Vincent Monteil e Vivaldo da Costa Lima ao associarem o termo malê a *ímále*, palavra iorubá para muçulmano.

No entanto, deve ficar claro que na Bahia malê não denominava o conjunto de uma etnia africana particular, mas o africano que tivesse adotado o Islã, embora se quisermos ser bem estritos, e etnicamente corretos, *malês seriam apenas os nagôs islamizados*. Porém, nagôs, haussás, jejes, tapas – enfim, indivíduos pertencentes a diversas etnias – eram tidos, se muçulmanos, por malês. (IBIDEM, p.176)

Por mais que as vestimentas dos malês chamassem atenção à época, por usarem peças de roupa muçulmanas, e por mais que seus acessórios tenham virado tendência, esses escravizados se notabilizaram na história do país com o levante malê de 25 de janeiro de 1835 em Salvador, Bahia. Segundo fontes da época, a rebelião contra o regime escravocrata contou com mais ou menos quinhentas pessoas, o que equivaleria demograficamente a uma rebelião armada de 10 mil pessoas na Bahia no século XXI. Depois de conter a rebelião, as autoridades temiam que a tentativa estimulasse novas lutas pelo fim do regime escravagista, e ainda hoje o levante é tratado como um divisor de águas na luta abolicionista no Brasil.

Os primeiros libaneses chegam anos mais tarde no país. Não há números precisos quanto à entrada desses imigrantes, pois entravam com o passaporte do Império Otomano, que dominava a sua região há centenas de anos. Foram registrados como “turcos” ao menos até 1892, quando os sírios passaram a ser registrados separadamente. Já os libaneses foram considerados sírios até o início do mandato francês no território em 1920, como resultado da partilha do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial. “As primeiras menções a 'libaneses' nos documentos administrativos surgem apenas em 1926”. (BERCITO, 2021, p. 53) O termo “turco” não tinha relação identitária com os recém-chegados e os incomodava por odiarem o domínio Otomano e seus atos despóticos no seu país (SAFADY, 1966).

Portanto, qualquer dado desta época seria super notificado, ao olhar exclusivamente para os libaneses, sobretudo nesse primeiro período da imigração entre 1880 a 1945 (HAJJAR, 1985, p.62). Dessa maneira, escolhemos o recorte trabalhado historicamente, que é a abrangência sírio-libanesa, pois são as duas maiores parcelas

das nações árabes no Brasil cujas ondas migratórias sincronizam. De maneira geral, “O número com que pesquisadores trabalham, nos últimos anos, é de que cerca de 140 mil árabes tenham emigrado para o Brasil entre 1880 e 1969” (BERCITO, 2021, p. 53).

Diogo Bercito, ao analisar a imigração sírio-libanesa ao Brasil no século XIX, em seu livro *Brimos - Imigração sírio-libanesa no Brasil e seu caminho até a política* (2021), afirma que “a principal motivação deste povo era a questão da subsistência: muitos decidiram partir devido à secura do solo, ao alto índice de natalidade e aos baixos salários agrícolas. Ou seja, fugiam da pobreza” (p. 38). E acrescenta: “Além da crise econômica pairava a sensação de insegurança causada por conflitos étnicos e religiosos” (p. 39), bem como a ordem do Império Otomano de “recrutar todas as seitas no início do século XX, devido às sucessivas guerras e a instabilidade política local” (p. 41).

Oswaldo Truzzi, em *O lugar certo na época certa* (2001), afirma que “a vontade de emigrar, de fazer a América, onde quer que esta fosse, precedia a determinação por um destino específico” (p. 111), pois de acordo com o autor, existem consideráveis evidências de que estes imigrantes chegados aos Estados Unidos não diferiam em suas características daquele chegado ao Brasil. Porém, “os primeiros sírios e libaneses que imigraram para o Brasil talvez o fizessem porque não conseguiram desembarcar nos Estados Unidos, por problemas legais ou de saúde” (IBIDEM). Amir Haddad, dramaturgo brasileiro e descendente de sírios, conta, em entrevista a Júlio César Bittencourt Francisco, autor da dissertação *Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro: Memória Coletiva & Escolhas Individuais* (2005), que sua família tentou a imigração nos Estados Unidos, porém somente sua tia paterna conseguiu desembarcar. Seu depoimento ilustra os registros de enrijecimento da alfândega estadunidense enquanto o Brasil os aceitava com mais facilidade.

A imigração não deixou ele [seu pai] e o irmão entrarem porque tinham os dentes mal tratados. A irmã deles, que estava mais saudável segundo os critérios da imigração americana, entrou e ficou na América. Eles vieram embora até achar um porto que os aceitasse com os dentes cariados, e o Brasil aceitou. (p. 69)

Ainda sobre o processo de imigração, a senhora Wadad nos relata suas memórias no livro homônimo (2016) organizado pelo seu neto, Eduardo Macarios,

evidenciam os critérios que a trouxe ao Brasil com seu marido e as razões pelas quais evitaram os EUA e Canadá com suas condições de visto mais rigorosas.

Viajar para os Estados Unidos, impossível. Muito menos para o Canadá, onde tínhamos muitos parentes. Meu marido tinha um amigo na Austrália e lhe mandou uma carta perguntando como estava por lá. Ele respondeu que o país não tinha campo para comércio, teria que trabalhar como funcionário nas fábricas. Mas os libaneses herdaram o espírito de comerciantes dos antepassados, os Fenícios. Enfim, resolvemos viajar para o Brasil, onde também tínhamos muitos parentes, como o primo Adib. (p. 38)

Na sequência, nesta mesma obra, Wadad relembra o momento de sua viagem:

Foi uma viagem maravilhosa. Saímos do porto de Beirute no dia 25 de abril de 1952, a bordo do Sibéria, um navio de luxo. No dia seguinte, ele passou em Alexandria, no Egito, onde subiram passageiros para Nápoles, a Itália, e embarcaram muitos italianos. De lá, o navio seguiu para Gênova, onde trocamos para um navio de guerra, muito grande, chamado Capota. Só que nesse, todos os passageiros ficavam juntos num salão enorme muito apertado e barulhento, por isso meu marido alugou um quarto na parede de cima do navio. A gente gostou dos italianos. Todas as noites eles subiam, tocavam acordeão e cantavam, era muito bonito. De Gênova, o navio seguiu para o Oceano Atlântico, passou pelo estreito de Gibraltar, depois chegou numa ilha chamada Las Palmas, onde parou um tempinho. Deu para Georges ir na cidade e comprar bastantes verduras, e deu para fazer tabule. A gente trouxe de casa uma cesta grande cheia de comida como azeite de oliva, trigo, mel, pão árabe, coalhada, melado de uva, figo seco e outras coisas, tudo colhido da nossa terra. Ele também trouxe um fogareiro para fazer café árabe. A gente estava enjoado da comida do navio. O navio passou por outras ilhas, até se aproximar do Rio de Janeiro. (IBIDEM, p. 39)

Por mais que este relato tenha sido positivo, existem outros que nos levam a crer que essa travessia poderia ser uma experiência difícil, quando não traumática. Muitos desses imigrantes vinham com baixa escolaridade, sem conhecimento de outra língua e com pouco dinheiro. Suleiman (1987, p. 39 *apud* TRUZZI, 2001, p. 113) enfatiza que esse cenário os levava às "mãos de charlatões e ladrões, frequentemente conterrâneos - especialmente nos portos franceses onde normalmente embarcavam rumo à travessia do Atlântico".

Na década de 1880, o Estado Brasileiro fomentou a imigração em massa de italianos, alemães e famílias de diversos outros países da Europa para que fossem direcionados principalmente aos latifúndios das principais regiões rurais do sudeste e do sul – que previa a concessão gratuita da passagem e da moradia e a concentração dos imigrantes em hospedarias –, além de doar-lhes terrenos produtíveis, onde, ao

contrário dos negros recém libertos da escravatura, pudessem ter sua sobrevivência garantida.

O governo tomou uma série de medidas para reservar os postos de trabalho à população nativa e aos “imigrantes desejados” - criando uma cota para cada nacionalidade. Esses desejados eram, em geral, os brancos e os católicos, enquanto os indesejados eram os negros e os asiáticos. O Brasil adotava as teorias racistas que sugeriam o “branqueamento da raça” para que as nações emergentes, como a brasileira, pudessem “progredir” na história. (TRUZZI, 2001, p. 56-57)

Entre 1884 e 1943, segundo Oswaldo Truzzi (IBIDEM), apenas cinco etnias majoritárias precederam os sírios e libaneses¹⁰ em termo de volume no país: italianos, portugueses e espanhóis, japoneses e alemães. Murilo Meihy, em *Arabia Brasiliensis: Os estudos árabes e islâmicos no Brasil* (2014), acrescenta a presença dos russos (108.168) como imigrantes mais numerosos do que os “turco-árabes” (106.088). Em outro artigo, *Brasileirando: pedidos de cidadania de imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX* (2016), Julio Bittencourt Francisco trabalha não com “russos”, mas com “poloneses” (p. 191). Deve-se a imprecisão dos dados as mudanças na forma do governo brasileiro em contabilizar os imigrantes no país. De acordo com Murilo Meihy,

Entre os anos 1874 e 1934, o governo brasileiro considerava como imigrante todo estrangeiro que viajasse na 3ª classe de um navio aportado no país. Isso significa dizer que mesmo os passageiros que não desembarcavam podiam ser registrados como imigrantes. Assim como o registro de passageiros de classes sociais mais abastadas eram completamente ignorados. (p.21)

Por mais que a imigração sírio-libanesa não tenha sido subsidiada, como disse Oswaldo Truzzi (2019), e sim espontânea, é possível sincronizar a sua vinda aos interesses de branqueamento da raça pelo estado brasileiro. Jessé de Souza, sociólogo e pensador brasileiro, relata que:

Para os grandes senhores de terra, a libertação foi uma dádiva: não apenas se viram livres de qualquer obrigação com os ex-escravos que antes exploravam, mas puderam “escolher” entre a absorção dos ex-escravos, o uso da mão de obra estrangeira que chegava de modo abundante ao país – cuja importação os senhores haviam conseguido transformar em “política de Estado” – e a utilização dos nacionais não escravos. (2017, p. 75)

¹⁰ O censo da época denominava os sírio-libaneses como "turco-árabes", já que seus passaportes eram expedidos pelo Império Otomano. Dessa forma, os dados dos dois países fundiram-se, sendo impossível dividi-las corretamente.

Embora seja possível convergir os processos de subalternização que o povo africano e o povo árabe sofreram pelos europeus, aqui no Brasil encontraremos, no entanto, esses dois povos em situações diferentes e encarados de maneiras distintas: enquanto os europeus aprenderam com os árabes diversas técnicas utilizadas nas colônias (TRUZZI, 2007), os negros foram escravizados para trabalhar justamente nessas monoculturas coloniais europeias.

Tanto no que concerne ao mercado de trabalho quanto ao *status* social, os imigrantes adentraram a sociedade brasileira num patamar mais elevado em relação a ex-escravos ou a trabalhadores nativos. Os sírios e libaneses logo aprenderam a se distanciar de tudo o que cultural ou socialmente pudesse associá-los a não brancos. Isso significou manter distância não só apenas de negros, mas também de muçulmanos e de todos os estereótipos a eles vulgarmente atribuídos, tais como fanatismo, poligamia, costumes exóticos etc. Conscientemente, trataram de reforçar suas imagens e de se apresentar como ocidentais, cristãos, trabalhadores e pioneiros que disseminaram o progresso ao longo de todo o território nacional. (IDEM, 2001, p. 122)

Nessa passagem, Truzzi nos mostra o jogo de forças da sociedade brasileira da época e destaca a divisão entre os dois grupos: 1) negros/muçulmanos e 2) sírio-libaneses cristãos. Embora os cristãos árabes quisessem mostrar sua ocidentalidade em contraste aos negros e muçulmanos, os escravizados já atuavam no Brasil em prol da sua liberdade através da língua árabe no processo abolicionista brasileiro, como vimos no começo do capítulo. Alguns escravizados que já conheciam o islamismo e o Alcorão da África utilizaram o árabe para uniformizar os diferentes dialetos africanos e falar um idioma diferente dos senhores (HAJJAR, 1985, p. 61. Conforme João Baptista e M. Vargens tratam em *Islamismo e negritude*, a conjuntura da época em que o branco católico era opressor do negro unificou o islamismo nos planos social, racial e religioso.

A figura dos primeiros árabes no Brasil foi construída por eles a partir do encontro da sua religião católica maronita com a cultura ocidental. Procuraram associar os signos em comum como forma de apaziguar sua presença na sociedade. Os sírio-libaneses sofriam recorrentemente com o racismo na sociedade brasileira, pelas mais diversas instituições (escola, igreja, família e estado). Para Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, em *Árabes no Rio de Janeiro* (2010), “o estereótipo do turco estava associado, no imaginário cultural brasileiro do final do século XIX e início do XX, à ganância, dissimulação e busca do lucro predatório” (p. 79), pois

a presença nas cidades brasileiras de imigrantes racialmente ambíguos de acordo com os critérios de classificação da sociedade brasileira, e que, ainda por cima, dedicavam-se a atividades consideradas pouco nobres, como o comércio ambulante, gerava uma profunda aversão nas elites brasileiras. (IBIDEM)

Embora o país estivesse se industrializando, ainda apresentava uma cultura aristocrática fruto de uma sociedade rural que enxergava características impuras nos comerciantes e depreciava os sírios e libaneses por serem considerados pela elite do país como “imigrantes racialmente ambíguos” (IBIDEM).

Discutir racismo no Brasil passa, incontornavelmente, pelo conceito de “racismo estrutural”. Porém, em *O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional* (2023), Muniz Sodré diz que tal conceito trazido pelo advogado Silvio Almeida seria demasiadamente amplo, acarretando problemas analíticos - embora tivesse êxito na denúncia política ao se atentar para o racismo na estruturação da nossa sociedade.

Para Sodré, é correto empregar o conceito de racismo estrutural caso se refira a sociedades ou momentos históricos em que haja um aparato jurídico explicitamente segregacionista. Dessa forma, o Brasil se encaixa no termo até a abolição da escravatura. Embora não mais formal, o racismo seria, desde então, institucional no país, ou seja, uma herança do momento histórico em que houve racismo estrutural, que agora é automatizado socialmente em sua forma, através da cultura, sem ter necessariamente um vínculo jurídico-econômico. Passa, portanto, de um racismo segregacionista para um racismo de dominação, apresentando uma lógica bem estabelecida de lugar social, a fim de manter as relações hierárquicas já estabelecidas. É nesse sentido que o autor relaciona o racismo ao fascismo, pois, para ele, a questão da raça foi a porta de entrada para as medidas implementadas na Itália chegarem ao Brasil.

Os imigrantes que chegaram até 1930 e permaneceram no Brasil desde então viram o país se transformar em um regime autoritário através de um golpe que ficou conhecido como Revolução de 1930. Estabelece-se, sobretudo a partir de 10 de novembro de 1937 “um *aparato burocrático civil e militar* de caráter autoritário, centralizado, nacionalista e corporativista” (PRESTES, 2019, p. 110). O país viveu um

momento de uma profunda industrialização e de reformas no campo social, enquanto as oligarquias agrárias perderam espaço com o processo de modernização nacional. Para isso, “o grupo que se articulou no poder em torno de Getúlio Vargas (...) teria que recorrer à repressão policial e outras medidas autoritárias como instrumentos necessários para garantir seus desígnios” (IBIDEM, p. 111). Em *Três regimes autoritários na história do Brasil republicano* (2019), Anita Prestes não categoriza o regime de Vargas como fascista, embora tenha influências claras do regime italiano. A autora defende que

não se tratava de uma ditadura do capital financeiro ou mesmo de algum tipo de domínio de capital monopolista, mas de um Estado a serviço dos interesses industrializantes da burguesia brasileira até então praticamente alijada do poder pelos representantes das oligarquias agrárias. Estava em curso uma política de intensa participação do Estado nacional na implantação no país de uma indústria de base até então inexistente na economia brasileira. (IBIDEM)

Entre os anos de 1934 e 1938, o entendimento de imigrante foi alterado e a alfândega passou a considerá-lo como aquela pessoa que “entrava no país para exercer ofício ou profissão por mais de 30 dias” (MEIHY, 2014, p.22). Já em 1938, o Brasil decidiu substituir o conceito de “imigrante” por “estrangeiro permanente”. Ao alterar o conceito e vinculá-lo ao trabalho, o governo federal passou a aumentar a vigília sobre aqueles que emigraram e a sinalizar o acirramento da política de imigração no Brasil.

Nesse cenário político, há inúmeros relatos na sociedade brasileira da época utilizando o termo “turco” (“turco sujo” ou “turco a prestação”), de forma pejorativa (Truzzi, 2001) fazendo com que agravasse “um sentimento já não muito acolhedor, por vezes circulavam ideias como a de que libaneses eram canibais. Afinal, comiam carne crua - o quibe cru, que mais tarde se tornou um prato comum em parte do Brasil” (BERCITO, 2021, p. 66).

Para comprovar essa passagem na história brasileira, podemos novamente recorrer a João do Rio, aqui com pseudônimo de Paulo Barreto em *As Religiões no Rio* (1951), ao dizer que “Quando os primeiros [sírios] apareceram aqui, há cerca de vinte anos, o povo julgava-os antropófagos, hostilizava-os e na província muitos fugiram corridos à pedra” (p. 72, grifos nossos). Embora fosse a sociedade brasileira os atacando com pedras, os estigmas recaíram a comunidade sírio-libanesa “do início do século XX como sendo marcada pelo fanatismo religioso, fatalismo, apego irracional à

tradição e por costumes exóticos, como a poligamia”. (PINTO, 2010, p.80) Engana-se quem pensa que as crianças eram poupadas, há relatos de famílias que não falava árabe em público com medo da discriminação (IBIDEM).

Lydia Tabet Stefanini, que cresceu em Presidente Alves, no extremo oeste paulista, relata em *Memórias da imigração - libaneses e sírios em São Paulo* sobre os bilhetes que outras meninas mandavam para seu então namorado italiano desqualificando-a por causa da sua origem: "O que você vê nesta turquinha? É uma raça ruim, malvada, raça que toma sangue de gente...' Eu ficava com uma raiva!" (GREIBER *et al.*, 1998, p. 284). Elias Alasmar, que também viveu no oeste paulista como Lydia, rememora o modo como sua família foi aceita no clube local, já que inicialmente não aceitava estrangeiros:

Quando fui convidado para ser sócio eu disse; 'Por quê? Num clube que não posso levar minha mãe eu não entro!' Falei na lata. Resolveram mudar os estatutos, me convidaram e eu entrei (...) Mas viviam chamando a gente de *turco* lá. Turco, turco, turco. É. No sentido pejorativo mesmo. Mas eles eram muito ignorantes. Porque eles não conhecem nossa origem. Mas eu, quando me chamaram de *turco*, disse: 'muito bem'. Estava reunida lá a fina flor dos Almeida Prado. Eu disse: 'Bom, eu sou *turco*, muito bem'. Sou turco e o meu nome é Alasmar. Você sabe o que quer dizer alasmar? Alasmar quer dizer 'o moreno', *al asmar*. Agora, vocês sabem qual a origem de vocês? (...) 'A origem do nome que vocês carregam até hoje, Almeida, vem do árabe *Al maida*, Almeida, Almeida. Quer dizer a mesa de comer; quer dizer que a origem e a nobreza de vocês vêm da nossa cozinha, enquanto que a minha pigmentação é minha origem, a minha nobreza. Vocês todos serviram à mesa como garçons ou faziam a nossa comida na cozinha. São os Almeida'. Nunca mais me chamaram de turco. (IBIDEM p. 252-3)

De acordo com Truzzi (2019) a concorrência dos sírio-libaneses incomodava os comerciantes de outras origens. Em São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, Porfírio de Alcântara Pimentel, em 1906, propôs um projeto que previa multa aos “negociantes árabes e turcos” em 10\$000 réis por falar árabe perto de um brasileiro, assim como todo brasileiro que não denunciasse aqueles que falassem também (ALMEIDA, 1943, p.173 *apud* TRUZZI, 2019, p.11).

Luciana Heymann, novamente em *O Devoir da mémoire na França contemporânea*, mostra que essa nova configuração no espaço físico demanda uma nova construção comportamental, mas que, antes disso, toda uma dinâmica outrora utilizada será posta em cheque para ser repensada.

o movimento migratório produz um questionamento em termos da identidade do grupo que se desloca espacialmente, defrontado com a perda de antigos referenciais, sejam territoriais, econômicos ou sociais, também os que permanecem nos territórios de origem dos migrantes e os que se encontravam no território de destino passam por transformações importantes, que implicam no estabelecimento de novas fronteiras e referências (...) provocando mudanças marcantes nas formas como os grupos se vêem e percebem as populações à sua volta. (2006, p. 2)

Para os sírio-libaneses recém-chegados não era fácil se desfazer de seus hábitos repentinamente, assim como destituir-se de suas identidades. Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (1990), afirma que “quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores” (p. 136). E completa: “Se esses grupos não se adaptam mais depressa, se em muitas circunstâncias, dão prova de extraordinária faculdade de inadaptação, é porque outrora traçaram e determinaram seus limites e suas reações em relação a uma certa configuração do meio exterior (...)” (p. 138).

Forma-se, assim, as tensões na sociedade brasileira para criar o paradigma, à época, sobre os árabes: enquanto a sociedade brasileira os julgava, muitos deles buscavam garantir melhorias para seus familiares na sua terra natal.

Até 1920, os imigrantes árabes concentraram-se no centro da cidade. Esse dado robustece o argumento de que a primeira fase da presença árabe no Rio de Janeiro teve um caráter eminentemente comercial. (...) Essa informação alimenta ainda mais a convicção de que a iniciativa primeira dos árabes na cidade do Rio de Janeiro era de enriquecimento, já que o acúmulo de capital antecede a formação da família nuclear árabe. (MEIHY, 2014, p. 24)

A tabela a seguir mostra a ocupação sírio-libanesa no Brasil. Os dados são referentes aos censos demográficos de 1920 e 1940. Constata-se, ao combinar as pesquisas, a redução desse grupo étnico no país.

Tabela 1 – Imigração sírio-libanesa no Brasil

Colocação	Estados	1920	%	1940	%
1	São Paulo	19.285	38.4	23.948	49.2
2	Minas Gerais	8.684	17.3	5.902	12.1
3	Guanabara (Cidade do RJ)	6.121	12.2	6.510	13.4
4	Rio de Janeiro (Estado)	3.200	6.4	2.541	5.2
5	Rio Grande do Sul	2.565	5.1	1.903	4.0
6	Paraná	1.625	3.2	1.576	3.2
7	Pará	1.460	2.9	848	1.7
8	Mato Grosso	1.232	2.5	1.066	2.2
9	Bahia	1.206	2.4	947	2.0
10	Amazonas	811	1.6	461	1.0
11	Espírito Santo	810	1.6	636	1.3
12	Acre	627	1.2	230	1.5
13	Maranhão	625	1.2	305	0.6
14	Goiás	528	1.1	659	1.4
15	Santa Catarina	488	1.0	377	0.8
16	Pernambuco	355	0.7	270	0.5
17	Ceará	268	0.5	190	0.4
18	Paraíba	60	0.1	41	0.1
19	Rio Grande do Norte	55	0.1	69	0.1
20	Sergipe	47	0.1	26	0.1
21	Alagoas	6	-	20	-
	Brasil	50.246	100	46.614	100

Fonte: MEIHY, 2014.

Cabe destacar aqui, tal como Meihy no artigo *Arabia Brasiliensis* (2014), os números referentes aos árabes na cidade do Rio de Janeiro (figura 9), então Guanabara: “Concentrados em um único centro urbano, não há como ignorar que a então capital do Brasil era árabe por vocação legítima” (p. 24). Somando os números do interior com os da capital, o Rio de Janeiro ficaria com a segunda maior concentração no país, com 9.321 (18.6%) imigrantes em 1920 e 9.051 (18.6%) em 1940. Meihy explica que essa predileção se deveu às facilidades que a proximidade do porto oferecia, tanto na instalação do imigrante recém-chegado quanto na chegada das mercadorias. Já em Santos, isso não se repete, tendo em vista que há uma distância de 77 km de distância entre o porto e o centro do mercado consumidor em São Paulo.

Figura 9 – Fotografia da família Bou Haya na praia



Meu tio Jorge, meu avô Wadih, minha mãe Laiz e minha tia Deniz em uma praia do Rio, em 1957. Os trajes de banho da foto eram vendidos na loja da família. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Não passam despercebidos os exemplos de São Paulo, Goiás, Rio Grande do Norte e Alagoas como únicos estados a aumentarem sua população sírio-libanesa na comparação entre 1920 e 1940. De acordo com a pesquisa, mais imigrantes partiram que desembarcaram no Brasil, deixando um déficit de 3.632 pessoas na comunidade sírio-libanesa. De acordo com Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, em *Árabes no rio de Janeiro: uma idéia plural* (2010), “com o propósito de conseguir acumular capital para se estabelecerem como proprietários na terra de origem, os imigrantes árabes viam a sua presença no Brasil como temporária ou, pelo menos, como parte de uma trajetória biográfica que tinha o Oriente Médio como referência constante” (p. 62). Em São Paulo, por exemplo, 43,87% dos imigrantes árabes que entraram no estado nos anos de 1908 a 1939 retornaram à sua terra natal (KNOWLTON, 1960, p. 49), pois os “sírios e

libaneses quando confrontados com outras etnias foram a de maior índice de regresso à terra natal” (FRANCISCO, 2016, p. 192). Muitos “vinham com a intenção de permanecer temporariamente no país de destino, acumular algum capital e retornar” (LAMARÃO, 2003, p. 3), seja para juntar-se à família, seja por frustração no Brasil ou por problemas de saúde.

Entre os patrícios que voltaram, há seis casos de expulsão envolvendo sírio-libaneses, conforme relata o artigo *Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na primeira república* (2013), de Julio Bittencourt Francisco e Sérgio Lamarão. A pesquisa realizada na documentação do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, disponível no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, localizou casos que nos mostram a situação e a forma que viviam. O primeiro caso é de Emília Gamar no Rio de Janeiro: em um depoimento prestado na delegacia em 1914, a “turca” de 16 anos de idade e “meretriz”, como afirma o documento, então residente na Av. Mem de Sá, 57, na Lapa, acusou seu marido Gamar Dabi, 21, “de se recusar ‘a aceitar trabalho’ e de obrigá-la ‘a prostituir-se’” (p. 261). “O acusado a obrigava frequentemente a dormir na rua, exigindo que ela lhe entregasse o dinheiro ganho na prostituição, sob a ameaça de uma faca” (IBIDEM). Em 8 de setembro de 1914, o sírio Badi foi expulso do Brasil sem negar as acusações, exceto a agressão a sua companheira.

Essa passagem evidencia a situação econômica de muitos integrantes da comunidade árabe neste país à época. Os outros casos de expulsão envolvem um sírio com uma história bem parecida à anterior, outro caso em que marido não só tentou prostituir a sua mulher como extorquir seu sogro para participarem dos jogos de apostas. Houve também um sírio aplicador de golpes como padre e um pai libanês que delatou seu próprio filho por vender cocaína. O último caso é de outro libanês, Abdalla Capaz, que, embora se declarasse sapateiro, acumulou 19 ocorrências na Argentina por vadiagem, jogo, lesões corporais, furtos e roubos até ser expulso de Buenos Aires. No Brasil, foi preso por furtos, lesões e vadiagem. Quando expulso, já tinha 48 anos e 30 de América Latina.

Vale considerar esses relatos como forma de descobrir o manto romântico sobre a memória social do imigrante sírio-libanês no Brasil. O fato de serem poucos os relatos de expulsão dos sírios e libaneses não apaga as sentenças da justiça brasileira. De acordo com o estudo, “o pequeno universo delimitado na pesquisa não inclui nenhum

caso de expulsão por motivação política. Estão em cena problemas do âmbito doméstico” (IBIDEM). A razão deste diminuto número diz respeito à “atividade econômica à qual a colônia se dedicou (...). Diferentemente dos imigrantes latinos, os sírios e libaneses estavam alheios à luta sindical que expulsou centenas de estrangeiros do Brasil no início do século XX” (IBIDEM, p. 260).

Aqueles que ficam ou que, por um motivo ou por outro, voltam ao seu país de origem e decidem emigrar novamente arrefecem o estudo da língua árabe. Inicialmente, muitos dos imigrantes sírio-libaneses planejavam voltar em definitivo para seu país. O intuito era ensinar a nova geração através dos representantes religiosos de seus grupos confessionais¹¹ da sua pátria. Mas, ao optarem pelo Brasil, houve pouca resistência na substituição do árabe pelo português, “já que o idioma nacional era indispensável às suas atividades comerciais” (HAJJAR, 1985, 62). Ao decidirem ficar, outras decisões foram tomadas, como a produção de insumos necessários para a cozinha árabe. O trigo do quibe, a maçã, a uva, a pera, a cereja deixaram de ser importadas da Argentina nos anos 60 para serem produzidos no Rio Grande do Sul, como forma de adaptar o cultivo das frutas mediterrâneas. Também “a bebida alcoólica sírio-libanesa, o Arak, passou a ser produzida pela fábrica de champagne George Albert” (HAJJAR, 1985, p. 72).

Ainda sobre o refluxo sírio-libanês da primeira metade do século XX no Brasil, vale destacar as razões da minha família ao participar deste processo histórico. A pesquisa *Outras memórias* possibilitou a organização das sincronias e assincronias da minha história familiar em relação à nossa comunidade étnico-racial no país e entender melhor a história que me foi apresentada de maneira incompleta: eu que sempre considerei meu avô materno um libanês, o descobri brasileiro. Por certo, ele se sentia tão brasileiro quanto minha mãe, uma gaúcha: ambos se mudaram logo depois de seu nascimento. Ele, para o Líbano, ela, para o Rio de Janeiro. A mim, sempre foi contada uma versão familiar simplificada em que nossa história se iniciou no Brasil com a chegada dos meus avós já casados. Porém, sendo meu avô brasileiro, podemos entender que a chegada da família é anterior ao ano de 1948, como veremos a seguir. Dessa forma, os Bou Haya acabam inserindo-se, em mais um capítulo da imigração

¹¹ Ver Notas de fim de seção.

árabe no país, a volta à terra natal. Por mais que não se saiba ao certo a data em que a família aportou no Brasil pela primeira vez, é possível estipular a sua entrada na primeira década do século XX. Dessa forma, além de serem maioria como libaneses, católicos maronitas no Brasil e bem-sucedidos pelo comércio, integrando a classe média, eles também participaram do maior ciclo migratório árabe que o Brasil conheceu. Mantiveram via correspondência, como muitos, os laços de parentesco com a família no Líbano. Como tantos outros, meu avô casou-se com alguém da sua aldeia e mandava frequentemente dinheiro aos parentes para compra de terra ou construção de casas “ainda que disso não derivasse benefício pessoal ao remetente. Estes sinais evidentes de êxito financeiro elevavam a posição social do grupo não só na aldeia natal, como também no Brasil” (HAJJAR, 1985, p. 44).

Deve-se a volta de parte da minha família ao Líbano a problemas de saúde do meu bisavô, George. Ao deixar o Brasil, leva consigo seu filho recém-nascido, Wadih e o registra no Líbano. Alguns anos depois, minha bisavó vai até eles no Líbano e Nassim e Youssef ficam no Brasil. Lá, meus bisavós tiveram mais um filho, Rumenos, que nunca emigrou. Meu avô casou-se com minha avó, Badiha, em 14 de agosto de 1948 e, de acordo com suas fichas consulares (figuras de 10 a 14), chegaram no Rio de Janeiro, em novembro do mesmo ano.

Nesse mesmo ano, em 1948, é criado o estado de Israel. Com o fim da I Guerra Mundial, a Liga das Nações oficializa, em 1922, o mandato britânico (1922-1948) na região da Palestina histórica. Porém, em 1917, Arthur Balfour, secretário de Relações Exteriores da Grã-Bretanha, prometeu a comunidade judaica britânica um lar nacional para o povo judeu na Palestina. Embora houvesse uma promessa na Declaração de Balfour de não prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na Palestina, Israel expulsou em maio 750.000 nativos para a implantação do seu estado. Os palestinos desalojados foram para Cisjordânia, Líbano e Síria ou para territórios ainda comandados por palestinos, como Jerusalém Oriental e a Faixa de Gaza. O intenso e repentino fluxo migratório modificou a geopolítica da região e minha família veio ao Brasil nesse mesmo ano.

Meu avô teve seu passaporte expedido pela autoridade de segurança libanesa no dia 24 de junho de 1948 para voltar ao país em que nasceu. Já minha avó, que não

conhecera o Brasil, teve seu passaporte expedido no dia 6 de setembro e ambos foram admitidos permanentemente em 19 de outubro do mesmo ano. As fichas (figuras de 10 a 14) emitidas pelo governo brasileiro, em Beirute, no Líbano, curiosamente aparecem com um risco na palavra “consulado”, no canto inferior direito, substituindo-a por “serviço consular”. A ficha mostra a assinatura de Alarico Silveira Júnior, o cônsul da época, informa que meus avós moravam na mesma aldeia, Beit Menzer¹², que vieram já casados, sem filhos e que chegaram no final de novembro do mesmo ano. A travessia entre um país e outro durou 42 dias embarcados no Groix, como mostra o documento.

Figura 10 – Frente da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya

Lista GROIX N.º 38

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 86375

MODELO S.C. 130

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso WADIH BOU HAYA.

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9º letra ---- do dec. n. 7267, de 1945

Lugar e data de nascimento Beit Menzer LIBANO, em 1920.

Nacionalidade Libanesa. Estado civil Casado.

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Georges e Badia Bou Haya.

Profissão Agricultor.

Residência no país de origem Beit Menzer LIBANO.

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 3701, expedido pelas autoridades de Segurança Geral Libanesa, na data 24-6-48.

visado sob n. 1152.

ASSINATURA DO PORTADOR: [Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Serviço Consular do Brasil em Beirute LIBANO, 19 de Outubro de 1948. O CONSUL: ALARICO SILVEIRA JUNIOR

Fonte: "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," no site Family Search, Arquivo Nacional. 1948.

Figura 11 – Verso da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya

OBSERVAÇÃO—As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 29-11-1948 Embarcação Groix

Permanência em território nacional até

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d registro n.

Foi residir à Jooaca República, 116

Vai trabalhar

Pretende deixar o Brasil pelo porto de

Observações

H & S Ltd. Bate-typado 9/9/38

Fonte: "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," no site Family Search, Arquivo Nacional. 1948.

¹² Beit Menzer é um pequeno vilarejo a 93km ao norte de Beirute. Localizada no Vale do Kadisha, é próximo do parque Cedros de Deus, adicionada à lista do Patrimônio Mundial da UNESCO desde 1998.

Figura 12 – Verso da ficha consular de meu avô, Wadih Bou Haya

OBSERVAÇÃO— As autoridades consulares não farão lançamento nesta parte da ficha

Data do desembarque 30 NOV 1948 Embarcação Oriz
 Permanência em território nacional até permanente
 Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d
 _____ registro n. _____
 Foi residir à _____
 Vai trabalhar _____
 Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____
 Observações _____

H & S Ltd.
Estereotipado
9/9/35

Fonte: "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," no site *Family Search*, Arquivo Nacional. 1948.

Figura 13 – Frente da ficha consular de minha avó, Badiha Bou Haya

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 139

Lista P. N. 39

Nome por extenso BADIHA BOU HAYA.
 Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
(temporário ou permanente)
 Nos termos do art. 92 letra ---- do dec. n. 7967, de 1945
 Lugar e data de nascimento Beit Menzer LIBANO, em 1929.
 Nacionalidade Libanêsa. Estado civil Casada.
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) Sleiman e Catherine Bou Haya.
 Profissão -----
 Residência no país de origem Beit Menzer LIBANO.

FILHOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO

Passaporte n. 5140. expedido pelas autoridades de Segurança Serviço Consular
Genral Libanêsa, na data 6-9-48. em Beirute LIBANO.
 visado sob n. 1153. 19 de Outubro de 19 48.
 o CONSUL:
Alarico Silveira Junior
 ALARICO SILVEIRA JUNIOR

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Fonte: "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," no site *Family Search*, Arquivo Nacional. 1948.

Figura 14 – Verso da ficha consular de minha avó, Badiha Bou Haya

OBSERVAÇÃO — As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 25-11-1948 Embarcação Geox

Permanência em território nacional até _____

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d _____

Foi residir à República, 116 registro n _____

Vai trabalhar _____

Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____

Observações _____

H & S Ltd.
Estabelecido
9/9/34

Fichas Consulares dos meus avós emitidas pelo consulado do Brasil no Líbano.

Fonte: "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965," no site *Family Search*, Arquivo Nacional. 1948.

A ficha consular de qualificação preenchida pelo governo brasileiro informa ainda o ano de nascimento do meu avô, 1920, o nome de seus pais, George e Badiha Bou Haya (homônima da sua esposa), bem como sua profissão, agricultor. Curiosamente, há duas versões do verso do seu documento (figuras 11 e 12). Elas foram anexadas ao nome do meu avô no *family search*, site que traz buscas feitas a partir dos documentos do Arquivo Nacional. Na figura 10, o meu avô teria desembarcado no mesmo dia que minha avó (29/11/1948) e há um endereço de moradia tanto no cartão dele referente a essa data como no cartão dela (Praça da República, 116), enquanto a imagem 11 nos oferece a data do dia seguinte (30/11/1948) e sem informar o local a residir¹³.

¹³ Ao final do estudo estão disponíveis, na seção "anexos", para consulta, outras fichas consulares da minha família (Anexos de 1 a 4, p. 101 e 102).

Figura 16 – Anúncio no *Jornal Correio da Manhã* de 1951



Jornal Correio da Manhã de 3 de julho de 1951. Primeiro caderno, página 10. Edição especial do cinquentenário do jornal. Detalhe de um anúncio de uma loja de tecidos na Praça da República, 116, no centro do Rio. Este anúncio de jornal apareceu na página dedicada ao comércio da rua da Alfândega. Fonte: Arquivo Digital da biblioteca Nacional.

A ficha consular de minha avó (figura 13 e 14) contém igualmente sua filiação: filha de Sleiman e Catherine Bou Haya. Porém, ao contrário da ficha de meu avô, a de minha avó não possui número de 5 dígitos no canto superior direito. Possivelmente, sua ficha consular fora anexada à ficha do meu avô, Wadih, não gerando, assim, o número de sua ficha consular. O documento nos oferece ainda a distante data entre a expedição da ficha pelas autoridades de segurança geral libanesa: meu avô teve sua resposta em junho, 3 meses antes da minha avó, cuja resposta saiu em setembro de 1948. O documento não informa a data em que a solicitação foi feita. Os detalhes do retrato mostram sua produção: o penteado arrumado e o crucifixo aparente enunciam suas escolhas. Badiha decidiu já no Líbano como gostaria de ser lida no Brasil: em seu documento oficial expõe o símbolo católico sobre sua roupa. Até então escassa, uma fotografia era motivo de planejamento e mensagem. A questão da imagem permeou constantemente as famílias sírio-libaneses, sobretudo na primeira metade do século XX, na busca pela aceitação da sociedade brasileira.

Conforme dito na primeira página da introdução, ao chegar no Brasil pelo Píer Mauá, no Rio de Janeiro, meus avós foram a Porto Alegre, onde estava sua rede de apoio. Estabeleceram-se na rua 24 de outubro, no bairro Auxiliadora, e tiveram uma loja na região. Depois do nascimento das duas filhas gaúchas, voltam os quatro para o Rio e passam a morar os irmãos de meu avô Wadih, Nassim e Youssef, em um sobrado na praça da República, no centro do Rio. Nassim voltou ao Líbano, casou-se e faleceu

na segunda metade da década de 50. Sua mulher, no entanto, segue viúva com 102 anos na aldeia da família, em Beit Menzer, no Líbano. Youssef só visitou seu país na viagem de três dias do ex-presidente da República e então senador Juscelino Kubitschek, em outubro de 1961. Nessa oportunidade, Youssef, tratado como o intelectual da família, ajudou a organizar uma recepção ao político brasileiro e sua esposa, Sarah (figura 17 a 20), na região, enquanto visitavam países árabes, como Egito, Síria e Líbano.

Figura 17 – Fotografia de Juscelino e Sarah Kubitschek em visita ao Líbano



Juscelino Kubitschek e sua esposa Sarah visitaram o Líbano em outubro de 1961 e foram recebidos na aldeia de Beit Menzer, norte do país. A foto foi incorporada ao acervo do Memorial JK.
Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Figura 18 – Fotografia de Juscelino e Sarah Kubitschek em visita ao Líbano



Juscelino Kubitschek e sua esposa Sarah visitaram o Líbano em outubro de 1961 e foram recebidos na aldeia de Beit Menzer, norte do país. A foto foi incorporada ao acervo do Memorial JK.
Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Figura 19 – Fotografia da recepção de Juscelino e Sarah Kubitschek no Líbano



Rua fechada no norte do Líbano para a chegada de Juscelino Kubitschek e sua esposa Sarah em outubro de 1961. Moradores os receberam com bandeirinhas do Brasil e do Líbano como se vê no canto inferior esquerdo da imagem. A foto foi incorporada ao acervo do Memorial JK.

Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Figura 20 – Fotografia de Sarah Kubitschek no Líbano



Sarah Kubitschek e moradores de Beit Menzer, no Líbano, em outubro de 1961. A foto foi incorporada ao acervo do Memorial JK. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida.

Ainda no campo da imagem, alguns imigrantes traziam consigo traços da sua multiculturalidade regional de outra forma. Silvana Jeha, neta de libaneses e autora do livro *Uma história da tatuagem no Brasil* (2023), dedica, no capítulo *Imigrantes*, uma seção sobre sírios e libaneses. Nele, afirma que os sírio-libaneses optavam por tatuagens gráficas ou figurativas, “de natureza religiosa, étnica ou mesmo urbana” (p. 144). Embora tal atributo seja permanente no corpo do tatuado, a grande parte dos filhos e netos apagaram das suas memórias as tatuagens de seus ancestrais sírios e libaneses, “talvez pela intenção de se ocidentalizar e serem assimilados como os demais imigrantes brancos europeus, já que tatuagem, quando chegaram, era coisa de gente marginal” (IBIDEM).

Esses imigrantes, já estereotipados e racializados, reforçaram ainda mais sua imagem bárbara aos olhos do Ocidente com suas tatuagens: “A imagem do mascate moreno, peludo, bigodudo, muitas vezes tatuado, ainda que trabalhador, flertando com a desonestidade e arrumador de confusão aparece em vários dos primeiros relatos sobre imigrantes sírios e libaneses” (IBIDEM, p. 143). Silvana aponta, em sua pesquisa, uma predominância de tatuagens de cunho religioso. O próprio avô da autora dizia que tatuagens como a dele (de uma cruz na mão ou na parte interna do braço) “eram feitas para que nunca se negasse o cristianismo diante de uma eventual tensão com muçulmanos” (p.144). Havia, ainda, tatuagens de motivo ornamental. O relato a seguir nos dá a dimensão da presença dessa prática na cultura sírio-libanesa:

O dr. Scaff, médico formado na Universidade de Beirut, teria dito ao dr. Francisco Toledo que os sírios costumavam se tatuar ainda crianças: ‘os meninos saem à rua e com uma pequena quantia em dinheiro obtêm que um tatuador, indivíduos que lá existem em abundância, lhes faça um desenho (...) Entre os homens o mesmo se dá. O dr. Scaff nos disse que é justamente por considerarem um ornamento’ (IBIDEM, p. 147)

Em 1926, o jornalista carioca Hermeto Lima escreveu para a *Revista Nova Vida* que, na época, os tatuadores profissionais eram sírios e residiam “pela rua da Alfândega ao chegar ao Campo de Santana onde os seus clientes os vão procurar. O preço varia entre 10 a 40 mil réis conforme a espécie do trabalho” (IBIDEM, p. 150). Há também passagens desses tatuadores por todo o estado de São Paulo. Eram homens e mulheres sírios ou libaneses, profissionais ou amadores, tatuando brasileiros com “motivos já recorrentes na tatuagem do Brasil, como iniciais, signos de salomão, corações” (IBIDEM, p. 147). Há, ainda, relatos de sírios atuando encarcerados nas cadeias de Bauru e Ribeirão Preto como tatuadores. José Egídio, um entrevistado do Museu Penitenciário Paulista, disse que foi tatuado abundantemente por um sírio anônimo. A partir do acervo deste museu é possível perceber que “duas dessas tatuagens têm a marca indelével de um autor de origem árabe: trata-se de um leão, tatuagem comum entre os seus patrícios, e letras espelhadas escritas da direita para a esquerda” (IBIDEM, p. 150).

Em *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), João do Rio publicou suas crônicas e reportagens escritas entre 1904 e 1907. No livro, ele afirma que “há três casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que

se marcam por crime ou por ociosidade” (1995, p. 30). De acordo com o autor, as tatuagens “são a exteriorização da alma de quem os traz” e por ela “se reconstrói a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe de ganhadores, dos viciados, das fúfias [prostitutas] (...)” (IBIDEM, grifos nossos). Na sua descrição:

Os turcos são muçulmanos, maronitas, cismáticos, judeus, e nestas religiões diversas não há gente mais cheia de abusões, de receios, de medos. Nas casas da Rua da Alfândega, Núncio e Senhor dos Passos, existem, sob o soalho, feitiçarias estranhas, e a tatuagem forra a pele dos homens como amuletos. (IBIDEM)

Alguém que teve tantos pseudônimos em sua carreira como João do Rio não poupou adjetivos, rótulos e estereótipos às pessoas tatuadas. Como vemos, o carioca os categorizou como humildes e viciados e é neste ambiente moral que os imigrantes sírio-libaneses serão alocados na sociedade brasileira.

A pesquisa de Silvana Jeha é valiosa porque nos oferece detalhes sobre a imagem e a habilidade de alguns desses imigrantes pouco destacada nos trabalhos sobre a imigração árabe no Brasil. Como vimos nos relatos aqui citados, nem todos os imigrantes trabalharam com a mascatagem, comercializando produtos têxtil ou de aviamento, como a história comum oferecida à sociedade brasileira relata. Embora não seja o nosso objetivo reafirmar certos estereótipos ou sublinhar uma passagem mais que disseminada sobre a história desse povo, é preciso dizer que uma parte significativa das famílias de imigrantes sírio-libaneses vindas ao Brasil entre os séculos XIX e XX buscava uma renda mínima para ter alguma chance de prosperar. Em sua maioria, vendiam produtos de porta em porta e introduziram inúmeras técnicas neste ofício, como a venda fiado, as promoções de fim de estoque e o carnê, com intuito de fidelizar clientes para ajudar a família em seu país: "Reinventaram o comércio popular, concedendo prazos e créditos, promovendo liquidações, girando rapidamente o estoque para operar em escalas maiores, no sentido do comércio por atacado" (TRUZZI, 2007, p. 364).

Essa passagem, embora descreva o percurso de muitas famílias sírio-libanesas, é muito usada para falar de toda a comunidade. Ela representa a ideia do *self-made man*, daqueles que não tiveram um sobrenome valioso e não pertenciam àquela aristocracia que os receberam mal, mas acabaram circulando pela alta sociedade

brasileira, graças ao sucesso financeiro de seu negócio. Por isso, as lideranças sociais desta comunidade utilizaram as memórias de parte destes imigrantes de forma política, a fim de tomá-las para si, mesmo que ela não contenha a trajetória de toda a comunidade.

Porém, não há só um recorte de classe no enquadramento da memória (POLLAK, 1992) sírio-libanesa, como também há um recorte de gênero: ao analisar a narrativa dessa comunidade no Brasil, é possível notar a ausência da figura feminina em seu discurso. Em *Mulheres árabes e a participação econômica no processo migratório entre Brasil e Líbano* (2011), Samira Osman aponta que o ato migratório é visto socialmente como uma questão de trabalho e evidencia os papéis sociais de acordo com a perspectivas de gênero. Dessa forma, atribuiu-se à mulher o papel de acompanhante com “responsabilidade pela construção e manutenção de uma estrutura familiar em novas regiões e condições” (p. 116).

A sequência de entrevistas em seu artigo deixa claro que o “papel social da mulher é demarcado e limitado ao ambiente familiar e doméstico, independentemente de ter nascido no Brasil ou no Líbano, de ter emigrado ou nunca ter saído do país, de ser cristã ou muçulmana” (IBIDEM, p. 131). Emni Ghazaoui, uma das entrevistadas do artigo, atribui a permissão familiar ao seu trabalho por ter escolhido um ambiente frequentado por mulheres e crianças. Alia Chahine, em seu depoimento, diz que “quem nasceu aqui [no Líbano] o máximo que faz é ser professora ou outra profissão do tipo” (IBIDEM, p. 124, grifos nossos). Noah Osman acredita que “por esse motivo, sempre se valorizou o trabalho no próprio negócio ou nas chamadas profissões liberais onde a figura do patrão não existia” (p. 121).

De acordo com Osman, as novas gerações, tanto a cristã como a muçulmana, “optaram por profissões liberais e trabalham em negócios familiares, mas também vêm, pouco a pouco, adentrando os mais diferentes campos profissionais e de trabalho” (IBIDEM, p. 123). Ao combinar outras fontes, Claude Hajjar, em *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão* (1985), diz-nos que

A posição das mulheres, dentro da família conjugal, mudou consideravelmente, tornando-se muito mais sólida do que era na terra de

origem. (...) Muitas descobriram que eram mais capazes que os maridos, e assumiram posição de autoridade na família. (p. 46)

É possível notar, no artigo de Osman, que as mulheres de famílias libanesas no Brasil não contavam com o auxílio dos homens nas tarefas domésticas, embora elas também trabalhassem no comércio familiar, inclusive ficando no lugar de seus maridos quando estes faziam viagens a negócios. Para a autora, a mulher na imigração libanesa, embora posicionada como coadjuvante da história, é presença fundamental na ascensão econômica e na criação de novos negócios. A ausência dessas figuras no enquadramento da memória busca garantir o papel do homem na “qualidade de provedor dos recursos econômicos e materiais” (OSMAN, 2011, p. 130).

O enquadramento da memória (POLLAK, 1992) busca sistematizar um discurso conveniente a certo grupo social. Nesse caso, enquanto coube aos homens sírio-libaneses a articulação pública na comunidade brasileira, estabeleceu-se nessas figuras os relatos da memória social. Já à figura feminina (figura 21), limitada ao ambiente privado, restaram as lembranças individuais e íntimas daqueles que se relacionaram com elas, não havendo rosto de mulher no discurso político da memória coletiva. O enquadramento da memória não buscou revisitar o papel das mulheres sírio-libanesas no Brasil a fim de reconstruir a imagem imprescindível delas nas famílias - talvez porque, até hoje, os mais influentes da comunidade libanesa sejam majoritariamente homens.

Figura 21 – Fotografia de minha tia, Deniz, e minha avó, Badhia, em casa, no Leblon



Fonte: Arquivo pessoal. Autoria desconhecida. 1982.

Analisando criticamente o enquadramento da memória sírio-libanesa, perceberemos que o relato desta comunidade omitiu os atritos com a sociedade

brasileira, reforçando a ideia de seleção dos fatos para elaboração de uma história como forma de investimento no país. A elite da comunidade também buscou unificar a história do seu povo, optando por destacar o percurso da maioria desses imigrantes. Tal decisão aumentou — e muito — o arco de superação social de suas famílias que não chegaram pobres.

Joseph Safra, sem dúvidas, foi um dos mais influentes na comunidade libanesa no Brasil. Filho de Jacob e Esther Teira, Safra nasceu no Líbano em 1938, numa família judaica. De acordo com a matéria do jornal *O Globo*, de 20 de julho de 2024¹⁴, a fortuna da família Safra vem da empresa Safra Frères & Cie, fundada em 1840 em Aleppo, na Síria, local estratégico para os mercadores e importante para os banqueiros. O negócio dos Safra financiou as caravanas de camelos que cuidavam do comércio no Império Otomano e realizava o câmbio de diferentes moedas de países da Ásia, África e Europa. O empreendimento familiar abriu filiais em Istambul, Alexandria e Beirute, que acabou sendo a sede do Banco Jacob Safra. Com a II Guerra Mundial, decidiram expandir os negócios em direção às américas.

A família veio ao Brasil nos anos 50 e aqui fundou a Safra Importação e Comércio, uma empresa de importação, comércio de metais, máquinas e gado. Posteriormente, criou um novo banco. Antes de se juntar aos pais e irmãos, Joseph Safra estudou na Inglaterra e trabalhou no Bank of America, nos EUA. Com a morte de Jacob, em 1963, Joseph, Moise e Edmond passaram a comandar os negócios da família. Em 1967, os três filhos fundam a financeira Safra, compram o Banco Nacional Transatlântico e, depois, renomeiam-no para Banco de Santos. Adquirem também o Banco das Indústrias, que, em 1972, passa a ser Banco Safra S. A. Três anos depois, abrem outras duas empresas, uma de investimentos, a Safra Asset Management, e a Safra Corretora. Edmond fica encarregado dos negócios fora do Brasil e, em 2006, Joseph compra a parte de Moise e unifica as instituições financeiras dos dois. Além do banco Safra, Joseph também era dono do J. Safra Sarasin, um banco suíço, e de 50% da Chiquita Brands International, um dos maiores produtores de banana do mundo. Sua fortuna foi estimada em 23,3 bilhões de dólares em 2020 e, neste seu último ano

¹⁴ A matéria “Fortuna de Vicky Safra, mulher mais rica do Brasil, tem raízes no Império otomano; entenda origem de patrimônio” não é assinada por nenhum jornalista e trata dos negócios da família Safra.

de vida, foi considerado o homem mais rico do Brasil e o 82º do mundo, de acordo com a Forbes. Em 2024, a fortuna da viúva de Joseph Safra, Vicky, foi avaliada em US\$ 20,6 bilhões e ela foi considerada, pela mesma revista, como a brasileira mais rica do mundo. Recentemente, a família divulgou¹⁵, sem muitos detalhes, o acordo feito por Alberto, seus irmãos e sua mãe. Alberto movia na justiça uma disputa judicial contra as outras partes pela herança deixada pelo seu pai, Joseph. Ele acreditava ter sido indevidamente diluído no capital do Safra National Bank de Nova York, mas, depois do acordo, afirmou que o patrimônio de seu pai havia sido “devidamente distribuído de acordo com seus desejos”.

João Jorge Saad foi também uma figura proeminente na comunidade árabe e é filho de Jorge João Saad e Raquel Amate Saad, ambos libaneses. Seus pais chegaram ao Brasil em 1910 pelo porto de Santos e foram morar em Monte Azul Paulista, interior de São Paulo. João Jorge nasceu nesta cidade em 22 de julho de 1919 e, aos 5 anos, foi para a capital do estado. A história pública de sua vida traz consigo características de um *self-made man* que trabalhou cedo no comércio com seu pai, na rua 25 de Março, até completar 21 anos, passando a percorrer o país como mascate. Em 1947, casa-se com Maria Helena de Barros Saad e tem cinco filhos. Seu sogro, Ademar de Barros, foi governador de São Paulo e dono da Rádio Bandeirantes. João Saad assumiu a rádio em julho de 1948. Em 1967, funda a TV Bandeirantes e começa a surgir o Grupo Bandeirantes de Comunicação. Atualmente, esse conglomerado de mídia conta com duas redes de televisão aberta, um canal via satélite aberto, quatro canais por assinatura, cinco redes de rádio, outras cinco estações de rádio locais independentes, duas publicações impressas e uma gravadora. Em 1998, Saad foi admitido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso à ordem do Mérito Militar no grau de Comendador Especial e virou nome da avenida que liga a estação Morumbi ao estádio. Morreu em 10 de outubro de 1999 vítima de câncer. Com a morte de João Jorge Saad, a presidência da Rede Bandeirantes passou para seu filho, João Carlos Saad, também conhecido como Johnny Saad. Em 12 de fevereiro de 2019, por 3 votos a 2, o conselho de administração do conglomerado decide afastá-lo da presidência, depois de um pedido feito pelas irmãs Márcia e Maria Leonor Saad. O pedido foi rejeitado após

¹⁵ De acordo com a matéria de Rennan Setti do jornal *O Globo* “Família Safra diz que guerra judicial entre irmãos chegou ao fim ‘amigavelmente’”, publicada em 19/07/2024.

decisão judicial que respeitou o acordo de 2014 entre os acionistas, garantindo a João Carlos Saad a permanência à frente da Band até 2026.

Há, ainda, a trajetória da família Jafet no Brasil. Talvez sua história seja a mais organizada e acessível ao público através de inúmeras entrevistas de seus membros, o que mostra sua influência e protagonismo em São Paulo. Raul, em entrevista ao Jornal da Gazeta, conta que seu tio-avô, o patriarca e professor da universidade de Beirute, Nami Jafet, compareceu a uma reunião com o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, no Líbano. Os relatos desse encontro fizeram Benjamin Jafet ser o primeiro da família a desembarcar no Brasil em 1887. Atualmente, os membros da família relatam que seus antepassados mascatearam e inovaram na prática do comércio varejista – o que dificulta a distinção da biografia da família Jafet para o enquadramento da memória da comunidade libanesa no Brasil. A probabilidade de um imperador reunir-se no exterior a portas abertas com pessoas comuns que, ao chegarem ao Brasil, foram vendedores ambulantes é muito baixa. Seria mais factível um encontro selecionado entre o imperador e pessoas influentes e ricas. Torna-se, portanto, improvável a ideia de que a família Jafet tenha chegado pobre no Brasil para bater de porta em porta como mascates, principalmente tendo como um de seus membros um professor universitário do século XIX como Nami Jafet. Antes de virarem uma família tradicional e misturarem sua história ao estado paulista, foram donos de uma das primeiras lojas na rua 25 de março e da primeira grande fábrica de tecidos de São Paulo, a Tecelagem Ipiranga Jafet. Foram um dos mais influentes na comunidade libanesa e criaram um dos maiores grupos empresariais familiares do Brasil, atuando no ramo têxtil, de mineração, metalurgia, siderurgia, serviços financeiros e navegação. Adma Jafet, esposa de Basílio Jafet, foi cofundadora do hospital Sírio-libanês e, depois, substituída por sua filha Violeta Jafet, presidente da instituição por 50 anos. O controle sobre a história da família impressiona: garantem a atualização da árvore genealógica e afirmam que, em 2017, eram 1.276 membros descendentes dos seis irmãos que desembarcaram no Brasil, chamados por eles de pioneiros. Atualmente, a família atua na mineração e no mercado imobiliário.

Apesar das destacadas trajetórias bem-sucedidas que buscam trabalhar uma memória específica e reducionista sobre os sírio-libaneses no Brasil, nem todos prosperaram e tornaram-se ricos, assim como nem todos chegaram completamente

pobres. Existem, com as suas diversas trajetórias, uma pluralidade de razões para se estabelecerem em determinado local. Gaitano Antonaccio, em *A colônia árabe no Amazonas* (1996), afirma que muitos vieram para o norte do país “pela riqueza da borracha que fascinava a Europa” (p. 111) e, de acordo com sua pesquisa,

Muitos trouxeram grandes somas em dinheiro, capital, valores em bens para revenda, e quando chegaram a nossos portos, já possuíam uma rica experiência de comércio. Eram imigrantes empresários, que no final do século XIX e início do século XX, conheciam o Amazonas de nome e fama, em virtude do apogeu da borracha que já era notado internacionalmente. (IBIDEM)

Entretanto, diferente dos que vinham com dinheiro, havia aqueles que nem chegaram ao Brasil, pois o custo de vida na prolongada travessia pelo Oceano Atlântico, obrigava-os a descer em algum porto anterior ao seu destino final em busca de trabalho. Em outro lugar da fronteira, entre Argentina, Uruguai e Brasil, os sírio-libaneses utilizaram o Rio da Prata, as ferrovias e a rodovia para circular pelas capitais de Buenos Aires, Montevideu e Rio Grande do Sul, sobretudo para o comércio. Muitos se estabeleceram estrategicamente próximo dessas áreas de acesso para o abastecimento de mercadoria, embora seja conhecido, em menor grau, alguns casos de patrícios no meio rural após a mecanização da lavoura (FRANCISCO, 2017, p.79). De acordo com Júlio César Bittencourt Francisco, em *Do Oriente Médio ao Sul do Brasil* (2017), “verifica-se que a maioria dos que chegaram jovens até 1914, ainda que tenham vindo sem qualquer estudo ou capital, dificilmente encontraram muitos entraves ou problemas para ascender socialmente no médio prazo (p.78) e

Ainda souberam ativar suas fronteiras étnicas mantendo seus clubes e igrejas que abriram, onde junto com brasileiros e descendentes de outros imigrantes festejam a diversidade, ouvindo a missa em português rezada por padre árabe, saboreando no clube libanês um bom quibe com tabule e ouvindo música regional gaúcha. (IBIDEM, p. 91)

No artigo *O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos – um enfoque comparativo* (2001), Truzzi ressalta o quão crucial foi o momento de chegada para o êxito desses imigrantes. O atraso da integração nacional pela malha férrea, o retardo da indústria têxtil e a chegada das lojas de departamento facilitaram o desenvolvimento desses imigrantes aqui no Brasil em relação aos EUA.

A ascensão econômica foi mais fácil para aqueles que vieram primeiro e foram capazes de identificar e preencher um nicho na economia paulista em

crescimento. À medida que o tempo passou, a diferenciação econômica forjou uma complexa hierarquia de *status* e poder na colônia. (...) Ironicamente, esse processo reforçou as posições econômicas dos pioneiros bem-sucedidos, já que estes vendiam aos conterrâneos recém-chegados as mercadorias de que necessitavam, tanto como atacadistas quanto como industriais, consolidando assim suas posições. (p. 118-119)

A última passagem da citação ressalta que a rede de apoio dos imigrantes libaneses no Brasil se dava não só por questões culturais, mas também nos termos do sistema capitalista. Aqueles patrícios que tinham um modelo de negócio consolidado, utilizavam-se da condição do recém-chegado e contavam com o trabalho do mesmo para escoar seus produtos, visando prosperar. Em outro artigo, *Sírios e libaneses no oeste paulista* (2019) Truzzi esclarece:

É comum que, na fase da mascateação, o indivíduo a cumpra como recém-chegado, normalmente solteiro, já que tal atividade, dada sua itinerância, pouco se presta a ser desenvolvida por um núcleo familiar. Entretanto, após alguns anos nessa atividade que lhe permite acumular certo capital e ao mesmo tempo identificar e cultivar alguma freguesia em uma determinada localidade, o vendedor ambulante decide se estabelecer com um negócio fixo (...) e a imigração sírio-libanesa foi aos poucos se enraizando irreversivelmente no destino.” (p.4)

Para os árabes veteranos no Brasil, a mão de obra dos imigrantes novatos tomou “forma de relações de clientelismo e patronagem. Os recém-imigrados aprendiam as técnicas e as formas de comércio eficazes na sociedade brasileira colocando-se sob a tutela pessoal e laboral de um comerciante árabe” (PINTO, 2010, p. 68). A sequência “era ‘passar o ponto’ a um patrício mais novo e fundar ou adquirir um armazém ou loja já na cidade” (TRUZZI, 2019, p. 7). Contudo, há relatos duros nesse meio do caminho para a ascensão social. O libanês José Tanus Gatin, quando mascate, conta, em *Memórias da imigração* (1998): “entrava na mata, andava sete, oito dias a pé, dormia nos paióis, nas matas; às vezes chegava na casa de alguém que não tinha lugar, dormia no paiol, em cima do milho; até, uma vez, um rato me mordeu os pés” (GREIBER *et al.*, p.270-1 *apud* TRUZZI, 2019, p. 13).

Por mais que esses imigrantes trabalhassem em sua terra natal na agricultura, se especializaram na área do comércio aqui no Brasil (BERCITO, 2006). Com pouco dinheiro e nenhuma propriedade, o plano de negócio era operar um pequeno estoque e de baixo investimento, indo de porta em porta. Essa operação móvel permitiu aos sírio-libaneses chegar no interior do país, onde havia pouca estrutura ou serviços. Ao

abrir as caixas que levavam consigo, transformavam o tal baú a tira colo em uma loja volante. Alguns traziam também uma matraca, acessório capaz de anunciar sua chegada aos compradores por um barulho característico. Essa presença nos rincões foi, inclusive, uma concorrência ao armazém do patrão, pois “eram bem recebidos pelos colonos que preferiam com eles negociar. As condições de pagamento eram mais tolerantes e as compras fora da venda da fazenda diminuía a dependência das famílias em relação aos fazendeiros” (TRUZZI, 2019, p. 5).

Dessa forma, é fácil pensar que o Brasil deve, de certo modo, aos mascates a interiorização das cidades para a unificação da nação e a identificação do brasileiro com seu país. Por isso, os imigrantes árabes negociaram “sua presença na sociedade brasileira reivindicando para si elementos da narrativa nacional” (PINTO, 2010, p.71). Ao retomarmos o livro *A colônia árabe no Amazonas* (1996), de Gaitano Antonaccio, encontraremos um exemplo do sírio Azize Dibo Mussa no Brasil profundo. Vindo de Buenos Aires, Azize, como muitos outros, chegou por causa do sucesso da borracha:

Comprou um batelão a remo e começou a enveredar pelos nossos rios, subindo o Solimões, até alcançar Manacapuru, levando sua embarcação abarrotada de mercadorias, trazendo em troca produtos regionais para comercializar em Manaus. Assim é que trazia sempre em sua bagagem, pélas de borracha, castanha, pirarucu, aves, etc. (p. 159)

Contudo, não é só de floresta que se faz a região amazônica. A obra do descendente libanês Milton Hatoum busca produzir novas representações sobre essa região com um cenário predominantemente urbano em Manaus (QUEIRÓS e MENDES, 2017). No romance *Relato de um certo oriente*, Hatoum compara seu personagem aos seus semelhantes, colocando-o como exceção e, assim, sinalizando a regra:

Emir não era como os outros imigrantes, não se embrenhava no interior enfrentando as feras e padecendo as febres, não se entregava ao vaivém incessante entre Manaus e a teia de rios, não havia nele a sanha e a determinação dos que desembarcavam jovens e pobres para no fim de uma vida atormentada ostentarem um império. (2008, p. 69)

Nesse cenário urbano do norte do país, a praça dos Remédios é a área da colônia na capital do Amazonas. Entre a rua Mundurucus e a Barão de São Domingos, cortada pela rua dos Barés e a Av. Joaquim Nabuco, formou-se, na península litorânea do Rio

Negro, um mercado do Oriente de mútua proteção entre os semelhantes “contra as naturais retaliações dos comerciantes de Manaus, que muitas vezes se enciumavam com suas presenças” (ANTONACCIO, 1996, p. 110), enquanto aos mais novos cabiam as aventuras das andanças e suas incertezas. Gatitano nos relata, em seu livro, a história de Ahmed, um muçulmano libanês que ia ao Acre e ficava de seis a oito meses por ano para negociar suas mercadorias (IBIDEM, p. 152).

Figura 22 – Fotografia de Wadih e Jorge no Saara



Meu avô Wadih e meu tio Jorge Bou Haia¹⁶ em frente à sua loja no SAARA, na Rua da Alfândega, 159, centro do Rio de Janeiro, na década de 80. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria e data desconhecidas.

Tal qual a praça dos Remédios no Amazonas, a SAARA (Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega), no Rio de Janeiro, foi e é o principal local "para inscrição e afirmação da identidade árabe como parte integrante da paisagem cultural do Rio de Janeiro" (PINTO, 2010, p. 151). Por mais que tenha sido criada em 1962, no começo do século a área já era chamada de “Pequena Turquia”. O espaço étnico estabelecido pelos sírio-libaneses tomou forma de sociedade para impedir a construção da Avenida Diagonal, uma obra estadual de ligação da Cinelândia à Central do Brasil. Convenceram o então governador Carlos Lacerda a cancelar o plano, tendo em vista a movimentação financeira da região. Ali também havia lojas dirigidas por outros grupos étnicos, como gregos, portugueses, espanhóis, judeus, armênios, coreanos e chineses, mas era nítida a proeminência árabe, seja através da língua, pelos restaurantes árabes, lojas especializadas ou a disposição das mercadorias fora da loja.

Andar pela SAARA para os imigrantes era como passear por um bazar levantino no Rio de Janeiro. Segundo Meihy, “a SAARA é o principal palco da ascensão econômica dos árabes na cidade” (2014, p.25). Por todos esses referenciais do passado

¹⁶ Meu tio Jorge é o único Bou Haia da família devido ao um erro ortográfico do cartório no Brasil.

que a área ainda suscita no presente, é possível compreender esse território como um lugar de memória (NORA, 1993) da comunidade, tendo em vista o simbolismo da memória coletiva expressa e revelada no local.

Imagem 23 – Fotografia de Wadih Bou Haya em sua loja



Meu avô Wadih dentro da Confeção Vitória, loja própria em associação com seu irmão, Youssef. O imóvel era localizado na rua Senhor dos Passos, 60, SAARA, centro do Rio de Janeiro.

Fonte: Arquivo pessoal. Autoria e data desconhecidas.

Meu avô junto com seus irmãos, Nassim e Youssef, chegaram a ter, a partir de 1958, duas lojas circunscritas à região da SAARA, uma no número 60 da rua Senhor dos Passos (figura 23) e outra na esquina da avenida Passos com a Regente Feijó. Nesse ano, toda a família deixou o sobrado em que moravam em frente à Praça da República (figura 24), um local que deu espaço muito tempo depois à Biblioteca Parque, para residir na rua Aperana, no Leblon, enquanto o bairro ainda era areal. A região, ainda sem investimentos, foi uma alternativa viável para eles. O bairro contava também com um conjunto de moradias populares na praia do Pinto. Esse complexo, entre a Lagoa e o Leblon, teve fim em um incêndio suspeito, deixando 9 mil pessoas desabrigadas em 1969. Esse tipo de incêndio era recorrente: anos antes, próximo dali, a favela do Largo da Memória fora incendiada pelo próprio prefeito, Henrique Dodsworth, iniciando o fogo. Na década de 60, com os governos de Carlos Lacerda e Negrão de Lima, a cidade passou por uma política de remoção das favelas na zona sul e na região central, buscando valorizar os imóveis dessas regiões e transferindo seus antigos moradores para conjuntos habitacionais longínquos e de infraestrutura precária.

A mudança da minha família para o Leblon configurou um novo padrão de vida ao separar casa e trabalho, diferente de como acontecia no antigo endereço, que

abrigava a loja embaixo e o domicílio em cima. Enquanto um dos irmãos atendia na loja, os outros dois mascateavam pela cidade. Na década de 1960, meu avô abriu mais uma loja na rua da Alfândega, 159, com seu filho, Jorge (figura 22). Comercializavam roupas masculinas e femininas, como camisas e casacos, e, em um dado momento, a produção de *pullover* de *tricô* da minha avó também ganhou espaço com forte aceitação dos clientes.

Figura 24 – Fotografia de minha mãe, Laiz, e sua irmã, Deniz, na praça da República



Minha mãe, Laiz, e sua irmã, Deniz, na praça da República, centro do Rio, em frente à sua casa, no primeiro ano de residência na cidade, em 1955. Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria desconhecida.

Assim, "graças à inserção comercial das primeiras décadas, os libaneses puderam chegar ao mercado de profissões liberais" (FRANCISCO, 2005, p. 73). Com uma renda mínima adquirida a partir da mascateação e uma vida mais estabilizada, os comerciantes libaneses conseguiram abrir lojas e até franquias. Júlio César Bittencourt Francisco, em seu trabalho de dissertação, entrevistou 21 descendentes de sírio-libaneses cariocas e constatou que a segunda geração pôde optar por seguir no comércio da família ou trilhar um novo rumo:

Fica evidente que a via educacional, opção disponível, em maior intensidade aos filhos homens, foi fundamental para tomada de decisão. Boa parte dos entrevistados reconhecem as vantagens da profissão de comerciante, porém, formam seus filhos nas carreiras ligadas às profissões liberais, como a advocacia e a medicina. Mesmo entre aqueles que podiam contar com a opção de continuar a atividade de comerciante dos pais, a preferência foi pelo curso superior. Concluída a universidade, eles iniciaram suas carreiras de forma independente. (FRANCISCO, 2005, p. 125)

O processo de mobilidade social se deu, sobretudo, na segunda geração dessas famílias libanesas com a sua entrada nas universidades. Em uma pesquisa feita pelos alunos formados pelas três faculdades de maior prestígio em São Paulo (medicina, direito e engenharia), "os sírios e libaneses foram classificados relativamente como o segundo grupo étnico numericamente mais significativo entre 1930 e 1950" (TRUZZI, 2001, p.119). Esse contingente expressivo logo se refletiu no mercado, galgando posições econômicas mais estáveis e reconhecidas na sociedade. Na minha família, esse exemplo seria personificado na figura da minha mãe, Laiz Bou Haya, aluna de direito formada na UFRJ em 1975 e mestra na NYU em Direito Empresarial em 1984.

Eles consolidaram seus negócios ao longo dos anos 30 e 40. Praticamente monopolizaram o comércio varejista de tecidos e a pequena indústria de transformação ligada ao setor, ocuparam a posição mais importante no comércio atacadista e investiram, ao longo da década de 40, metade do capital aplicado, em São Paulo, em toda a indústria têxtil (*Censo Econômico*, 1940:238). Transitando da mascateação e do varejo para o comércio por atacado e para a indústria, as firmas pertencentes a sírios e libaneses galgaram posições cada vez mais proeminentes nesse setor da economia paulista. (IBIDEM, p. 118)

Para Murilo Meihy, em *Arabia Brasiliensis: Os estudos árabes e islâmicos no Brasil* (2014), é na ascensão dos descendentes desses imigrantes na política e nas profissões mais valorizadas da sociedade que a figura jocosa do imigrante do Oriente Médio é abandonada pelo brasileiro. Sua história e cultura começam a ser mais valorizadas e, somente em 1930, percebe-se o impacto desses imigrantes e seus filhos no debate intelectual do país.

Ainda que na economia e na geografia das cidades brasileiras os imigrantes tornavam-se um elemento social cada vez mais difícil de ser ignorado, apenas com a efervescência cultural produzida no decorrer dos longos anos do governo de Getúlio Vargas e o elogio à miscigenação é que se garantiu um ambiente intelectual favorável aos estudos sobre a história da imigração árabe. (p. 19)

Por mais que o núcleo da transformação tenha sido São Paulo, esse fenômeno cultural se espalhou pelo país, conclui o historiador. O êxito dos patrícios na política brasileira tornou-se símbolo dessa virada de chave na sociedade. Como exemplo, podemos observar os ex-prefeitos descendentes de libaneses que passaram pela capital paulista: Maluf, Kassab, Haddad e o postulante a prefeito nas eleições de 2020 e 2024, Guilherme Boulos (PSOL). Para ficar na política e como forma de exemplificar o enraizamento desse grupo étnico na sociedade brasileira, pode-se analisar a cidade de

Belo Horizonte, em Minas Gerais: o neto de sírios Alexandre Kalil foi presidente do clube de futebol Atlético Mineiro e prefeito da capital do seu estado por um mandato completo, entre 2017 e 2020. Se reelegeu em 2020 e renunciou à Prefeitura de Belo Horizonte em 28 de março de 2022, para concorrer ao governo de Minas Gerais em 2022, ficando em segundo lugar, com 35% dos votos. Seu sucessor na prefeitura foi o vice-prefeito e ex-secretário de Fazenda, Fuad Noman (PSD), que também tem ascendência síria. Fuad concluiu o mandato na cadeira executiva municipal em 2024 e foi reeleito em BH.

Em *Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento brasileiro, 1945-1998* (2003), Sérgio Lamarão, do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, analisou mais de 6.600 verbetes da época para o *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB)*. Nessa pesquisa, o autor relata surpreso o alto número de deputados federais e senadores com sobrenomes sírio-libaneses. De 1945 a 1998, foram contabilizados 163 parlamentares desta comunidade, número que só perde para o quantitativo de parlamentares de origem italiana, que totalizam 236. Descendentes portugueses não foram incluídos no estudo, pois o sobrenome não disponibiliza as informações sobre a nacionalidade dos pais. Do que foi possível averiguar, descendentes sírio-libaneses foram, nesse tempo histórico, o segundo maior grupo representado no Congresso Nacional. Reproduzo abaixo a tabela que mostra a quantidade de deputados federais e senadores por legislatura entre 1946 a 1999. Nela, é possível dimensionar a presença dessa comunidade no Brasil.

Tabela 2 – Bancada de sírio-libaneses por legislatura no Congresso Nacional

Estados	46-51	51-55	55-59	59-63	63-67	67-71	71-75	75-79	79-83	83-87	87-91	91-95	95-99
AC					2	1			1	1			1
AM									1		2	1	1
BA		1	1					1	1	2	3	2	2
CE			1	1	1				1	1			1
DF											1	1	2
ES													
GO	1			1	1		1	1	1	1	2	3	3

MA		1	1	2	1	2			2	2	3	2	1
MT								1	1	1	3	3	3
MS								1	1	1	3	3	3
MG	1	1	1	1	1	1	1	1	2	6	4	7	7
PB			1	1	1				1	2			
PA			2	1	1	1	1	2	1	2	3	2	1
PR				2	7	4	2	2	3	2	3	3	3
PI										1	3	2	1
RJ	1	1	1	1	4	3	4	6	6	8	7	8	7
RS			1	1				2	3	3	1	2	2
RO					1					1			
SC			1	1			1	1				1	1
SP	2	1	2	4	10	6	3	2	3	5	12	12	10
TO											1	1	
BRASIL	5	5	14	20	33	21	15	19	29	39	49	50	50

Fonte: LAMARÃO, 2003.

A tabela 2 nos oferece muitas informações importantes. Destacamos o desproporcional número de legislaturas em São Paulo frente aos demais estados, bem como o fato deste estado, junto com o Rio de Janeiro e Minas Gerais, serem os únicos a terem no mínimo um representante sírio-libanês no Congresso Nacional em todas as legislaturas de 1946 a 1999 e o visível impacto que a ditadura militar (1964-1985) causou nesta bancada. A legislatura de 1963 a 1967 teve o maior número de parlamentares até então na série histórica, recompondo-se somente nos anos de 1983 a 1987, quando ultrapassa tal marca na constituinte, passagem do regime militar para o regime democrático.

No centro do poder, com a bancada sírio-libanesa na política, em 1999 aprova-se, na Câmara Municipal, o título de cidades-irmãs entre São Paulo e Damasco, na Síria. Já o Rio de Janeiro escolheu, em 2018, a cidade de Beirute, no Líbano. Ambos os fatos evidenciam a movimentação da comunidade em torno da patrimonialização da memória social da sua etnia.

Para que esse título de cidades-irmãs ocorresse, os sírio-libaneses deveriam ter suas presenças pacificadas na sociedade brasileira. Muitas famílias católicas maronitas

dissolveram sua cultura para permear a cultura local: ao migrarem, sobretudo aqueles da primeira e segunda onda, por exemplo, acabaram professando sua fé na Igreja Católica Apostólica Romana, pois a comunidade libanesa ainda não havia fundado nenhuma igreja Maronita no país, o que depois veio a acontecer nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Distrito Federal. O mesmo aconteceu com outras religiões confessionais, como vemos na fala de Nasri Machoul: "Como não havia Igreja Ortodoxa em Rio Bonito [SP], meus pais frequentavam a Igreja Católica. Meu pai nunca fez diferença entre a igreja Católica e a Igreja Ortodoxa" (GREIBER *et al.*, 1998, o. 365).

A conversão ao catolicismo foi significativa, dada a dificuldade de seguir praticando seus credos originais. "Já nos municípios onde a colônia era mais densa, os sírios e libaneses organizaram-se tanto em termos religiosos, quanto em associações étnicas" (TRUZZI, 2019, p.23). Esses relatos da ausência de padres de suas religiões específicas levaram os imigrantes a fazerem essas e outras concessões que, aos poucos, foram apagando a singularidade de muitas famílias a ponto de o passado ficar longe demais e suas singularidades se perderem frente às famílias brasileiras.

Deve-se também ressaltar a perda histórica de fiéis das igrejas próprias da comunidade árabe para o catolicismo, dotado de uma estrutura muito mais capilar ao tecido social brasileiro, presente em qualquer povoação por menos que ela fosse. Assim, a falta de instituições religiosas próprias no interior resultou em um processo de adesão ao catolicismo romano. (IBIDEM, p. 18)

Contudo, no que diz respeito aos imigrantes muçulmanos "a identidade religiosa prevalece sobre a identidade étnica, ao contrário do que parece ocorrer entre os árabes cristãos" (IDEM, 2008b, p. 67). Desta maneira, podemos entender que, por mais que haja, de maneira geral, muitos traços culturais entre esses imigrantes, esses dois grupos pouco se misturaram, "(...) graças ao distanciamento imposto por tradições religiosas distintas e pela herança amarga de conflitos históricos na terra de origem", completa Truzzi (p. 67).

Ao nos debruçarmos novamente no artigo *Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo*, de Oswaldo Truzzi (2008b), veremos que a comunidade paulista é formada majoritariamente por famílias "do mundo árabe, especialmente do Líbano e, particularmente do sul desse país" (p. 38),

ao contrário de outras nações, como os Estados Unidos, onde muitos praticantes se convertem e praticam essa religião sem ter descendência alguma.

Ao contrário das famílias cristãs, para as quais o clube representa uma importante alternativa de socialização, sobretudo para a primeira geração nascida no Brasil, os muçulmanos encontraram nas sociedades beneficentes esse papel, e tais instituições geralmente estão ao lado das mesquitas. Para Truzzi, "a experiência religiosa particular e diferenciada do restante da sociedade, nesse caso, é muito mais estruturante da conduta do grupo comparada à de sírios e libaneses de origem cristã" (IBIDEM, p. 40). Isso se dá pela característica endógena das famílias muçulmanas, ou seja, de se voltar para a sua família e para a comunidade da sua religião confessional. Essa é uma tentativa por parte desta comunidade no Brasil, tendo em vista a natureza da religião e as dificuldades de transmissão dos valores islâmicos no Ocidente:

O relacionamento com membros de fora da comunidade islâmica é marcado, sobretudo, pelos contatos exigidos pelos negócios na esfera dos relacionamentos comerciais, tanto entre empresas quanto no interior da própria firma, quando esta adquire certo porte e exige o recrutamento de funcionários além do trabalho familiar. (IBIDEM, p. 42)

As experiências dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil tinham espaço nos jornais das cidades e refletia o grau de aceitação deles na sociedade. Na década de 1980, esse grupo étnico já era visto como formado por pessoas instruídas e prósperas com capital político e econômico. Embora nem toda comunidade tivesse esse perfil, trabalhou-se publicamente a ideia do sucesso e de prosperidade atrelada a esses atores sociais. Como exemplo, apresentamos um artigo de uma página (figura 25) publicado no *Jornal do Brasil*. No encarte do suplemento do Líbano, escrito por Mansour Challita em 27 de setembro de 1983, o autor diz:

Mussa Karam emigrou sozinho em 1924. Hoje, tem 50 descendentes entre filhos, netos e bisnetos. Emile Saleh Abi-Rama veio em 1928. Teve 10 filhos, a maioria dos quais hoje casados com filhos e netos. A Família Abu-Jamra, que se iniciou no Brasil com Ibrahim e Said, chegados respectivamente em 1895 e 1899 conta hoje 600 integrantes. (artigo com autoria de CHALITA, Mansur, *A Epopéia da Imigração Libanesa no Brasil*, RJ, Jornal do Brasil, 27/09/1983)

Figura 25 – *Jornal do Brasil* de 1983

Imigração Libanesa

A Epopéia da Imigração Libanesa no Brasil

Mansour Challita

CUPON REIMPORTA

Se você possui algum documento sobre o Líbano e se estiver interessado em conhecer o país de sua ancestralidade e suas tradições, procure e envie o cupom abaixo para o Consulado Geral do Líbano - Rua Lúcia Mariana nº 30 - CEP 22280 - Rio de Janeiro.

Ass: Assessoria Consular e Cultural
e Consulado em um único posto
especializado do Líbano

Nome: _____
Endereço: _____
CEP: _____

GRUPO DIJON formula ardentes desejos para que volte a paz no Líbano.

Artigo de uma página publicado no *Jornal do Brasil*, no encarte de suplemento do Líbano escrito por Mansour Challita em 27 de setembro de 1983.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Embora Mansour Chalita seja uma figura muito respeitada dentro e fora da comunidade, como patrono da Academia Líbano Brasileira de Letras, Artes e Ciências e responsável pela tradução do Alcorão e da obra de Gibran Khalil Gibran do árabe para o português, sua matéria no *Jornal do Brasil* mais parece uma exibição do *status* da comunidade para fora dela, já que a circulação do veículo não era circunscrita ao grupo étnico. A publicação parece buscar um público leitor diverso a fim de divulgar a prosperidade dessas famílias libanesas no país.

Houve no Brasil a imprensa árabe em busca do cotidiano da vida do imigrante (HAJJAR, 1985, p. 70). Em 1895, em Campinas, funda-se o primeiro jornal, *Al Fariáh*, e em seguida, o *Al Brasil*, em Santos. Os jornais se juntam dois anos depois criando o periódico *O Brasil*, editado na rua 25 de março, em São Paulo. Jorge Safady nos aponta três jornais em São Paulo em 1902: *O Brasil*, *Al Munázir* e *Al Manárat* (dos maronitas). No Rio de Janeiro, eram *Al Adl* e *Al Sauáb*. Em 1937, fundou-se, no Rio de Janeiro, a Associação de Imprensa Libanesa e, em 1941, o Brasil tinha os órgãos de imprensa árabe em circulação. As publicações diárias eram *Abu Al Haul* e *Fata Lubnan*; as publicações de duas vezes na semana eram *Al Afkár*, *Ar Rábitat*, *Suria Al Jadidat* e *Al Watan*; semanalmente, tínhamos *O Brasil*; quinzenalmente, *Az Zikra*, *Al Kalam*, *Al Hadid* e *Abjád Hauaz*; e mensalmente: *Al Usbat*, *Ach-Chark*, *A Vinha* e *O Brasil*

Ilustrado. Também entra em vigor em 1937, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, uma lei proibindo a imprensa em língua estrangeira. Sobrevivem a este revés as revistas *O Oriente* e *O Brasil-Líbano*. Em 1971, mantém-se circulando, em São Paulo, *O Brasil-Líbano*, os semanais *Al Urúbat*, *O Clarim* e *O Anbá* e os mensais *Layazul*, *Etapas* e o já citado *O Oriente*.

Ao histórico de jornais árabes no Brasil, adiciona-se *O Cedro* (figura 26). Sua redação ficava em São Paulo, na rua 25 de março, 817, 8º andar, sala 81. De acordo com a imagem, o diretor responsável era Armando M. Cury e o redator chefe, Michel G. Cury. As assinaturas tinham um custo de Cr\$ 3.000,00 no Brasil e 10 dólares para o envio internacional. O exemplar apresentado abaixo pertence ao acervo da minha família e foi guardado por noticiar a morte de meu tio-avô, Youssef. Seu retrato ilustra a matéria da coluna da direita, que trata de sua vida. O jornal possui outros textos no seu verso e o cabeçalho é escrito em árabe, diferentemente da frente do jornal, e não há informações sobre a frequência da publicação do veículo.

Figura 26 – Jornal *O Cedro* de 1964



Edição número 307, de 31 de julho de 1964, do Jornal *O Cedro*, com expediente na Rua 25 de Março - SP. Fonte: Acervo pessoal.

Devido à morte prematura de Jamil Safady, sua inacabada pesquisa, com recorte de 1895 a 1949, aponta 140 órgãos de imprensa e 300 jornalistas. Até 1984, eram conhecidos ao menos 150 jornais. O livro *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão* (1985), de Claude Fahd Hajjar, do qual foram retiradas essas informações, também mostra que funcionavam no país o jornal *Akbar Al Whatan*, como único diário, os semanais *Brasil-Líbano*, mais antigo, *Al Anbá* e *Al Nafir*, o quinzenal *A Voz Árabe* e a revista mensal *Etapas*. Todos os jornais levaram consigo não só o nome do Brasil, mas também suas notícias, bem como sua terra natal. “Daqui era possível escrever criticando, apoiando, enfim, participando nos acontecimentos que vinham assolando a terra de origem. Foi através da imprensa (...) onde o imigrante sentiu menos opressora a sua opção pelo exílio” (p. 70).

Atualmente, a internet oferece um novo formato de acesso à informação. A ANBA, Agência de Notícias Brasil-Árabe, é um portal de notícias da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, sua sede é em São Paulo e não se restringe somente aos sírio-libaneses, tratando de todos os países da Liga Árabe. A revista *Libanus* é uma revista eletrônica e é uma publicação trimestral da Academia Líbano-Brasileira de Letras, Artes e Ciências e seu primeiro número foi lançado em junho de 2023. No formato impresso, a *Carta do Líbano* iniciou como tabloide em Belo Horizonte, em abril de 1995, e ao migrar para São Paulo, tornou-se revista em 2002.

Muitos feitos de membros dessas famílias exiladas ganharam repercussão nacional e foram veiculados em jornais de fora da colônia. Na ciência, apontamos nomes como os de Neusa Margem, uma das pioneiras no estudo da física de partículas no Brasil, e Diana Mussa, a primeira paleobotânica brasileira e autoridade mundial em flora do devoniano. Na cultura, podemos citar a célebre escritora brasileira Janete Clair, o dramaturgo Amir Haddad, cuja história da chegada de sua família foi compartilhada no começo do capítulo, o diretor de teatro Antônio Abujamra, os escritores Milton Hatoum e Raduan Nassar, este ganhador do Prêmio Camões, e os músicos Zeca Baleiro e Fagner, entre outros.

Figura 27 – Jornal *O Globo* de 2013

Matéria de 19 de janeiro de 2013 no Caderno *Prosa* do Jornal *O Globo* sobre a biografia de Benjamin Abrahão, escrita por Frederico Pernambucano de Mello. Fonte: Acervo *O Globo*.

No campo da imagem, evidenciamos o libanês Benjamin Abrahão, cujas fotos e vídeos possibilitaram completar a iconografia do cangaço, com destaque para o registro da intimidade de Lampião e seu bando. Na figura 27, mostramos o jornal *O Globo* divulgando o lançamento da biografia de Benjamin Abrahão, *Entre anjos e cangaceiros* (2013), escrito por Frederico Pernambucano de Mello. Nela, Abrahão, além de contar as veredas dos trajados de couro, fala do seu trabalho como secretário de Padre Cícero em Juazeiro do Norte, no Ceará.

É possível perceber que a forma com que muitos sírio-libaneses trabalhavam, indo de porta em porta, permitiu às futuras gerações embrenhar-se nas coisas mais íntimas da cultura brasileira. Num primeiro momento, pode parecer improvável a conexão entre árabes e samba, mas essa história já deu música. Foram encontrados três sambas-enredo a respeito dos árabes. Um deles foi o da escola Em Cima da Hora no ano de 2015, de autoria de André Kaballa, Carlos Botafogo, Gláucio Guterres, Alexandre Gordão e Gilson, chamado *No coração da cidade, uma história das mil e uma noites: o Rio das Arábias*. Ela dizia

Do oriente, a esperança
Saalam aleikum! Aqui cheguei
Fiz da arte, a herança
Os costumes e as danças eu recriei
Nos jornais, o dia a dia,

*São mensagens de saudade
Com os mascates o comércio prosperou
Eu vou fazer da passarela o meu Saara
A mais perfeita joia rara
Com as marchinhas vem a emoção
Vou comprar a fantasia e cair nessa fôlia
Solta a voz do coração*

O outro samba-enredo é da escola Mocidade Independente de Padre Miguel, composição de 2017 de autoria de Altay Veloso, Paulo César Feital, Zé Glória, J. Giovanni, Dadinho, Zé Paulo Sierra, Gustavo, Fábio Borges, André Baiacú e Thiago Meiners, para ilustrar o enredo *As mil e uma noites de uma Mocidade pra lá de Marrakesh*. E mais recentemente, em 2023, tivemos o *Baião de mouros* da Unidos de Padre Miguel desfilando na série ouro do carnaval carioca, com a composição de Myngal, Chacal do Sax, Alexandre Rivero, Robertinho, Maykon Rodrigues, Rafael Faustino, Gabriel Simões e Felipe Mussili.

Talvez a canção mais famosa sobre esse tema seja a marchinha *Allah-lá-ô*. De acordo com o livro *A Canção no tempo*, de Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, a música foi feita em dois tempos: primeiro Haroldo Lobo cantou, no carnaval de 1940, a marcha *Caravana*, com versos como “Chegou, chegou a nossa caravana/viemos do deserto/sem pão e sem banana pra comer/o sol estava de amargar/queimava a nossa cara/fazia a gente suar”. Meses depois, ao preparar o repertório para o carnaval de 41, Haroldo pediu o compositor Antônio Nássara, filho de libaneses e autor do primeiro jingle comercial do Brasil, para completar a composição. Os relatos dizem que as palavras “caravana”, “deserto” e “calor” evocavam uma imagem para ele apresentar “Viemos do Egito/e muitas vezes nós tivemos que rezar/Allah, Allah, Allah, meu bom Allah/mande água pra Ioiô/mande água pra Iaiá/Allah, meu bom Allah”. O livro conta ainda que “em 1980, em um artigo em *Manchete*, o conhecido jornalista e descendente de libaneses, David Nasser declarou-se autor da letra de ‘Caravana’, embrião de ‘Allah-lá-ô’” (1997, p. 193).

Já nos esportes, a recíproca é verdadeira: o capixaba Nassif Elias representou o Líbano no judô até 81kg nas últimas duas edições dos Jogos Olímpicos, em 2016 e 2021. Bisneto de libaneses, naturalizou-se após o comitê deste país descobrir sua ascendência e foi o porta-bandeira das duas comitivas libanesas na abertura dos jogos.

Ao puxar o fio dessa história e suas consequências, vemos que a demanda por inclusão por parte dos imigrantes sírio-libaneses no Brasil e sua luta por reconhecimento público foi ganhando cada vez mais terreno neste país. Tal qual o cinema novo que buscava exibir um Brasil profundo enquanto o descobria, devemos agora no século XXI aprofundar a noção de Brasil e conceder os devidos créditos às outras etnias que construíram essa paisagem brasileira. Há nessa topografia um monte sírio-libanês que, somado ao povo árabe, formam um sambaqui oriental nas terras brasileiras.

Recentemente, a Câmara de Comércio Árabe-brasileira encomendou a “Pesquisa Nacional Exclusiva sobre Árabes no Brasil”, feita pelo Ibope Inteligência em parceria com a H2R Pesquisas Avançadas. Segundo a pesquisa, 11,61 milhões das pessoas que vivem no Brasil atualmente fazem parte da comunidade árabe, sendo 6% da população brasileira formada por árabes e descendentes. As entrevistas em domicílio foram feitas em 2002 lares em 143 municípios brasileiros entre 1 e 15 de outubro de 2019. Considerando a margem de erro de dois pontos percentuais, a pesquisa aponta para uma comunidade árabe de 9,52 milhões a 13,69 milhões de pessoas no Brasil. Dentre os 22 países árabes, os entrevistados identificaram-se como sendo de 12 nacionalidades diferentes. Os libaneses somaram 27% dos entrevistados; os sírios, 13%; marroquinos, 6%; sauditas, 6%; egípcios, 5%; palestinos, 5%; argelinos, 3%; jordanianos, 3%; líbios, 3%; somalis, 3%; barenitas, 1% e cataris, 1%. Outros 25% não identificaram uma nacionalidade árabe específica.

Vimos, ao longo da história, algumas tentativas por parte da comunidade árabe de se estabilizar no Brasil. Em alguns momentos, como parte deste processo, mostraram-se prósperos (figura 25). Desta forma, ao levar em consideração as iniciativas de trabalhar tanto sua memória quanto a sua imagem de maneira pública e política, deve-se prestar atenção à Pesquisa Nacional Exclusiva sobre Árabes no Brasil. Embora tenha uma instituição como remetente, seu destinatário segue sendo a sociedade brasileira. Caso o número da comunidade árabe no Brasil tenha sido superestimado, essa não seria a primeira oportunidade de trabalhar a narrativa sobre si no país.

Se entendermos a memória como definiu do poeta Waly Salomão, em seu poema *Carta aberta a John Ashbery*, no livro *Algaravias: Câmara de ecos* (1996), teremos a memória como uma ilha de edição - um dispositivo que monta imagens e narra acontecimentos, capaz de relatar um fato e inventar tantos outros, de distorcer e de explicar. Roberto Bolaño, escritor chileno e um dos mais importantes de sua geração na América Latina, questiona os limites da pátria para um escritor no capítulo “Discurso de Caracas”, no livro *Entre paréntesis*:

Embora também seja verdade que a pátria de um escritor não é sua língua ou não apenas sua língua, mas as pessoas que ele ama. E às vezes a pátria de um escritor não são as pessoas que ama, mas sua memória. E outras vezes a única pátria de um escritor é a sua lealdade e a sua coragem. Na verdade, muitas podem ser as pátrias de um escritor.¹⁷ (2004, p. 36)

Como vemos, Roberto Bolaño apresenta um conceito fluido de pátria e podemos encontrá-lo na memória. No geral, a comunidade árabe no Brasil sofreu episódios constantes de violência nas primeiras décadas, como mostra esse capítulo. Foram desterrados de sua própria terra pelo império Otomano; saíram da Síria e do Líbano para serem desterrados no estrangeiro. Com uma língua indecifrável, foram mal interpretados e mal-recebidos e, antes mesmo de chegar ao Brasil, muitos sofreram golpes ao longo da travessia. O país que os recebera valorizava mais os europeus que a si mesmos e, ironicamente, não compreendia que seu próprio colono, há centenas de anos, enriquecera sua cultura e língua com os feitos dos próprios árabes.

Graças a essa longa convivência, forjada por moçárabes, mudéjares e mestiços, os dois idiomas praticados na Península Ibérica - tanto o espanhol quanto o português - são fortemente tributários do árabe. Alpañil, aduana, zanahoria, berenjena, babuchas, cifra, açúcar, taza, elixir - compõem os cerca de 4 mil vocabulários de origem árabe, que constituem o terceiro aporte à língua espanhola, atrás apenas do latim e do grego. Influência de igual monta observa-se sobre a língua portuguesa através de milhares de palavras, como Oxalá e seu correspondente espanhol, Ojalá, derivados diretamente de in sha Allah, cujo significado - se Deus (Alá) quiser (si Dios quiere), tão comuns em nossa linguagem coloquial. (TRUZZI, 2007, p. 360)

Aqui, os sírios e os libaneses presenciaram o fim do império, a República Velha, a Era Vargas com seu regime autoritário, a segunda república, a repressão da ditadura militar e a reabertura democrática do país. É impossível pensar o Brasil de hoje sem a

¹⁷ Tradução livre do original *Aunque también es verdad que la patria de un escritor no es su lengua o no es sólo su lengua sino la gente que quiere. Y a veces la patria de un escritor no es la gente que quiere sino su memoria. Y otras veces la única patria de un escritor es su lealtad y su valor. En realidad muchas pueden ser las patrias de un escritor.*

presença dos sírios e libaneses. Nesse processo histórico, montaram suas memórias da forma que lhes foi conveniente, pelo menos aos homens. Aos ricos, interessou passar-lhes por pobres em suas histórias a fim de sair mais vitoriosos com causos de superação no Brasil. Tal presença se normalizou ao associar sua imagem ao sucesso dos negócios, ao serem vistos como ricos que chegaram ao centro do poder. Conseguiram influenciar o processo de patrimonialização do país: as cidades de Beirute e São Paulo foram oficialmente consideradas irmãs e, em Curitiba, inauguraram, na praça Gibran Khalil Gibran, um memorial árabe, onde funciona uma biblioteca especializada, por exemplo.

Por mais que os sírio-libaneses tenham se inserido na sociedade brasileira de forma *sui generis*, eles formaram uma representação sólida nessa sociedade, ajudando não só a construir o comércio e a indústria têxtil de hoje como estiveram intimamente ligados à produção cultural do país, colaborando decisivamente para esta nação que os recebeu. A noção que temos do Brasil não só têm participação dos sírio-libaneses (figura 28) como foram fundamentais para que o país se constituísse como tal. Fortaleceram a ideia de diversidade e pluralidade, bem como a necessidade de valorização e respeito à diferença, à sua história e a seus feitos para o país. Sua presença no Brasil enriqueceu esta nação ao apresentar uma visão de mundo milenar, não ocidental, trazendo diferentes formas de viver (PINTO, 2010) e poder, mais do que nunca, fortalecer a identidade nacional aproximando o caráter multicultural (HEYMANN, 2006) que o país tem de si.

Figura 28 – Fotografia de imigrantes libaneses



Da esquerda para a direita, no Píer Mauá, no Rio de Janeiro: Catherine Sleiman Bou Haya, minha bisavó, Marrone Abi-Haya, minha tia-avó, Badiha Bou Haya, minha avó, homem desconhecido, Wadih Bou Haya, meu avô, e outro homem desconhecido. Década de 50. Fonte: Arquivo pessoal. Autoria e data desconhecidas.

3. A colheita no deserto de Abraão e o Bairro Jabour

Lembra-te: Não vives só, neste mundo.

Teus irmãos também estão aqui.

Albert Schweitzer

A presença árabe no Rio de Janeiro, até 1920, teve um caráter mais comercial, o que explica sua presença concentrada no centro da cidade. Eles eram em sua maioria compostos de homens solteiros (70%) em busca do acúmulo de capital. De 1920 a 1940, esses imigrantes se movimentam em busca de ocupar a cidade de outra forma: instalando-se em residências para estabilizarem-se com suas famílias. “Nesse momento, os árabes espalharam-se por regiões como Rio Comprido, Estácio, Glória, Tijuca, Andaraí, Inhaúma, Piedade, Irajá, Madureira, Realengo e até a longínqua Santa Cruz” (MEIHY, 2014, p. 24). Entre 1940 e 2010, algumas dessas figuras se mudam para bairros nobres como Copacabana, Leblon, Ipanema e Barra da Tijuca. A história de Abraão Jabour encontra-se nesse processo histórico de aburguesamento familiar e circulação na elite carioca, mas, antes de falar do Bairro Jabour e da vida de seu fundador, vale mencionar os nativos da região que séculos depois levou o sobrenome deste libanês.

Entre a atual cidade de São Sebastião, no litoral de São Paulo, até o cabo de São Tomé, próximo à foz do rio Paraíba do Sul, no município de Campos dos Goitacazes, era tudo domínio indígena tupinambá. A Zona Oeste da cidade, bem como o resto do Rio de Janeiro, era ocupada por eles. O livro de Rafael Freitas da Silva, *O Rio antes do Rio* (2020), cujo trabalho sistematiza os relatos do padre jesuíta português José de Anchieta, do frade francês André Thevet e do calvinista francês Jean de Léry, tem como objetivo reconstituir a cidade antes mesmo da colonização. Dos documentos do livro de Silva, grande parte vem da obra de Léry, *Viagem à terra do Brasil*, em que o autor registra 35 tabas¹⁸ e visita 22, tornando-se “a principal fonte histórica quinhentista relativa aos nomes das aldeias tupinambás do Rio de Janeiro” (2020, p. 109).

¹⁸ Do tupi *Tawa*. Aldeia indígena, lugar onde habitam o povo indígena.

De acordo com ele, entre os maciços do Mendanha e da Pedra Branca, cadeias montanhosas de floresta verde e exuberante e em direção à baixada da baía de Sepetiba, residiam os *Okaranti*. “Os 40 quilômetros de distância [das outras aldeias, *Takûarusutyba*, *Sapopéma*, *Kotyúá*, *Tantimã*, *Payó e Sarigûé*] descritos pelo cronista francês apontam para a região atual de intersecção entre os bairros de Bangu, Santíssimo e Campo Grande” (IBIDEM, p. 170, grifos nossos). A raiz da palavra *okara* em tupi significa “a área aberta entre as malocas das aldeias, o pátio, a praça, o grande terreiro de convivência das festas e rituais tribais” (IBIDEM, p. 164). Já o sufixo *ti* é mais incerto. Pode evidenciar a proeminência da cor branca no território, sendo uma referência à beleza ou à forma deste terreiro, ao significar “ponta”. Para o autor, independente da etimologia completa da palavra, *Okaranti* refere-se à sua grande *okara*, sendo a maior taba do Rio de Janeiro no século XVI, com mais de 10 mil moradores.

A área dos *Okaranti* só foi definitivamente utilizada muitas décadas depois da invasão portuguesa e do genocídio indígena. Eles podem ter se refugiado “em uma única aldeia e que teriam fundado, segundo a tradição oral, o povoado de Sepetiba, quando as tropas de Salvador de Sá resolveram avançar no terreno” (IBIDEM, p. 171). O fato é que nem mesmo a grandeza da maior taba tupinambá foi capaz de produzir uma lembrança definitiva, tamanha a violência colonial.

Essa digressão pode soar excessiva, mas cruzando os relatos desses cronistas quinhentistas com as primeiras construções da colônia, observa-se que as taperas indígenas e as clareiras abertas por elas “serviram como ponto de partida para a construção de moradias em torno dos grandes engenhos” (IBIDEM, p. 163), frutos da ocupação portuguesa.

Se essa é uma história similar a todos os outros bairros da cidade, o recente processo de formação deste território o distingue, como veremos a seguir. Infelizmente, carecem de publicações acadêmicas cujo bairro seja o centro do debate. Há, por exemplo, publicações sobre a experiência coletiva vivida na casa do multi-instrumentista Hermeto Pascoal, morador antigo. Ali se criou uma relação associativa com laços afetivos chamada de Escola Jabour. “Era um grupo de música instrumental que entendia a música de Pascoal como importante referência estética” (SILVA e

GIMENES, 2017, p. 4). O livro *Árabes no Rio de Janeiro* (2010), de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, citado no capítulo anterior e no decorrer deste, fala brevemente sobre Abrahão e sua trajetória de vida. Já *Meu irmão Abrahão* (1985), livro de Carmem Jabour, a irmã Zoé, trata de forma duvidosa as suas lembranças, devido o saudosismo que diz evitar. A tese *Sob o signo da imagem* (1990) e o artigo *Donos de um certo olhar* (2000), ambos de Ana Maria Mauad, analisam as fotos da família Jabour no acervo de sua avó, Mariana Jabour Mauad. Localizamos, entretanto, o trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo *Revitalização e redesenho do espaço urbano: promovendo a reintegração dos bairros Senador Camará e Jabour* (2023), escrito pela Natália Maria Silvana da Costa, que propõe a criação de uma nova praça no bairro e melhorias para a vida dos moradores. Talvez por se localizar no subúrbio da Zona Oeste e ter se organizado de maneira periférica na agenda política do município após a morte do seu fundador, pouco se pesquisou sobre o território (figura 29).

Figura 29 – Mapa do Bairro Jabour



Mapa do Bairro Jabour no Rio de Janeiro retirado do projeto de lei nº 689/2017, que oficializa o Jabour como bairro, o que ocorreu em 2019. Fonte: PL nº 689/2017.

À primeira vista, pode parecer que não há mais nada de interessante nesse espaço longe da região central da cidade e que, ainda no século XX, fazia parte da área rural do Rio de Janeiro. Com uma construção particular, a região tem em seu processo de formação muitos fatores que lhe fazem especial. O então vereador Marcelino D’Almeida (PP) buscou com o projeto de lei nº 689/2017 transformar a área em bairro no ano de 2019 sob a justificativa de

Com 53 anos de criação o local conhecido o “Jabour” fica entre os bairros de Santíssimo e Senador Camará. O nome é uma homenagem a seu idealizador e fundador, Abrahão Jabour, imigrante nascido no Líbano em 1884. Em meados dos anos 1960, o empresário começava a construção do Bairro Jabour em um

terreno de 200.000 m², que havia pertencido à Companhia Federal de Fundição. O objetivo de Abraão Jabour era criar um bairro modelo para pessoas de classe média. O local atraiu a atenção, sobretudo de profissionais liberais, funcionários públicos e militares. O arquiteto Jorge Mauad concebeu um projeto de casas, apartamentos e lojas projetadas harmonicamente entre ruas bem calçadas e arborizadas, praças, igreja e escolas. Para homenagear seu país de nascimento, diversas ruas do bairro ganharam nomes de cidades libanesas: Baalbeck, Beirute, Biblos, Saida e Trípoli. Um lugar com uma importância histórica e cultural, nesta região tão desprovida de melhorias na Zona Oeste. A criação de um novo bairro ajudaria no crescimento e na valorização de seus imóveis, trazendo investimentos nesta área da cidade. (Rio de Janeiro [RJ], 2017)

Por mais que o projeto de lei tenha sido aprovado surgindo a lei municipal nº 6.643 que cria o Bairro Jabour, a lei ainda não foi promulgada pelo prefeito. Jornais de bairro trataram o processo legislativo como finalizado, porém, o Jabour ainda não ganhou seu gerente executivo na subprefeitura de Bangu, como ocorreu em 1981 com Senador Camará ao emancipar-se de Bangu. Por ora, os pedidos dos moradores do Jabour são feitos ao gerente executivo de Senador Camará. Falta, portanto, a aplicabilidade da lei. De acordo com o atual presidente da associação de moradores do Jabour, Elias Alencar, é preciso entender as vantagens da promulgação da lei aos moradores do bairro, pois está incerta a mudança os tributos, como a isenção do IPTU e as tarifas sociais de água e luz, benefício disponível tanto para aqueles que participam quanto para aqueles que estão fora dos programas sociais do governo.

Para falar do início do Jabour, é necessário começar pela figura paterna de Abraão, patrono do bairro. Seu pai veio ao Brasil em 1883. Ele, Elias Gibram, chegou neste primeiro momento sozinho, deixando seu então filho único, Abraão, e sua esposa, Sayde. Com a ajuda da madrinha de sua mulher, Nagib Ahili, comprava mercadorias e vendia como “um homem forte e decidido” (ZOÉ, 1985, p. 23) mascateando pelo Rio de Janeiro carregando “o baú nas costas” (IBIDEM). Voltou para a litorânea cidade de Troblus, no Líbano, dois anos depois e repetiu essa viagem por mais duas vezes. Em 1893, “na terceira vez, sua mulher Said¹⁹ Gabriel, já com três filhos, arruma a mala e vem com o marido para o Brasil” (MAUAD, 1990, p. 111). A viagem de três meses de navio foi motivada pela difícil situação na região, já

¹⁹ Há uma variação na grafia da mãe de Abraão nas duas publicações que tratam sobre a família Jabour. Ela aparece tanto “Said” na tese *Sob o Signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX* (1990) de Ana Maria Mauad, como “Sayde” em seu outro texto chamado *Donos de um certo olhar* (2000) da mesma autora.

acostumada às sucessivas partidas (IDEM, 2000, p. 110). Do Rio de Janeiro, partem para Providência, uma pequena cidade com uma colônia libanesa na zona da mata do estado de Minas Gerais, e ali se instalam por orientação da comerciante Raije Rohili²⁰ (PINTO, 2010, p. 140). Mesmo distante, Elias chamava o padre da Igreja Ortodoxa do Rio para realizar as celebrações da família em Providência e, a cada visita do representante ortodoxo, a família de Elias e Sayde ia crescendo com a chegada de novos filhos: João, Jorge, Gabriel, Miguel, Mariana e Carmem, todos brasileiros. No total, Elias e Sayde tiveram cinco meninos e quatro meninas. O sobrenome Gibram deu espaço ao Gabriel do português, que se tornaria Jabour, “pois dois nomes próprios não se aceitam na escola” (MAUAD, 1990, p. 112).

Meu pai instalou um armazém onde havia de tudo como nos armazéns do interior: desde comestíveis até roupa. Revejo-o às vezes nos meus sonhos. Tinha três portas. E fazia parte da casa onde morávamos. No corredor, operárias separam os grãos de café em diversas categorias. Sábado, a afluência dos compradores era maior e nós, as crianças, ajudávamos a atendê-los. (ZOÉ, 1985, p. 23-4)

Sua filha, Carmem, que futuramente optará por se chamar Zoé, dona dessas lembranças, definia seu pai, Elias, como taciturno e um homem que “não possuía a visão dos grandes homens de negócio. O primeiro a revelar tal dom foi meu irmão Abraão” (IBIDEM). Este começou a trabalhar com o pai no armazém, mas suas ambições o levaram a propor uma sociedade com Jorge Mauad em uma venda em São Luiz, a 5km de Providência. Jorge era conterrâneo da família Jabour e imigrou com as notícias de prosperidade de Elias. Com sua vinda ao Brasil, Jorge batizou três dos nove filhos de Elias e membros das famílias Jabour e Mauad casaram-se. A venda de Abraão ia bem: nas palavras de Mariana, sua irmã, “aquilo tudo rendeu, mas o Abrão²¹ não ficou satisfeito; ele queria mais”. (MAUAD, 2000, p.112) “Com Jorge, Abraão²² cresceu, vendendo, armando negócios, dando um novo sentido à trajetória da família.” (IDEM, 1990, p.111) A sociedade entre Abraão e Jorge Mauad se desfez por

²⁰ De acordo com os relatos de Ana Maria Mauad em *Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no rio de Janeiro* publicada no livro *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro* (2000), o nome correto da senhora em questão é “Rajil Rohilli”, isto é, com uma grafia diferente da apresentada pelo pesquisador Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto.

²¹ No artigo *Donos de um certo olhar* (2000) Ana Maria Mauad refere-se ao filho mais velho de Elias como “Abrão” enquanto a irmã dele no livro *Meu irmão Abraão* (1985) o menciona como “Abraão”.

²² Em *Sob o Signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX* (1990) Ana Maria Mauad refere-se ao filho mais velho de Elias como “Abraão”, enquanto a irmã dele no livro *Meu irmão Abraão* (1985) o menciona como “Abraão”.

orientações médicas deste que foi ao Líbano de férias, onde morreu pouco depois de chegar. A seguir, o primogênito de Elias passou a dedicar-se ao arroz e ao café. “Sua visão mostrou-lhe que esses dois produtos estavam à beira de se tornarem grandes artigos de exportação”. (ZOÉ, 1985, p.24)

As datas detalhadas nas obras de Mauad (2000) e Pinto (2010) divergem nos negócios de arroz: para a sobrinha-neta de Abrahão, em *Donos de um certo olhar*, seu tio-avô vai escoar a produção para São Paulo, “a melhor praça de negócios, nos anos 20” (MAUAD, 2000, p. 113). Para essa viagem, o empresário em início de carreira pegou 20 mil réis emprestados com o Sr. Tônico para se hospedar no melhor hotel da cidade. Sua usual roupa branca aliada ao seu endereço em São Paulo lhe credenciou como “um capitalista do arroz”. Ao contar este acontecimento de Abrahão, sua irmã Mariana ri e diz à neta: “ele fez cartaz com vinte mil réis” (IBIDEM, p. 113). Mauad dá sequência ao relato:

A fábrica de beneficiar arroz foi trocada, algum tempo depois, por um armazém de café. Com ele, Abrão intermediava o produto entre os fazendeiros da região e as casas comissárias no rio. Recolhia o café, catava os melhores grãos e ensacava. Todo esse trabalho consumia uma mão de obra significativa, ampliando sua influência na região e tornando-o cada vez mais poderoso. (IBIDEM)

Já em *Árabes no Rio de Janeiro* (2010), Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto data o início de beneficiamento de arroz de 1907 em Trimonte:

O sucesso da usina permitiu que ele se mudasse para Leopoldina, em Minas Gerais. Nos anos de 1920, Abrahão voltou para o café e passou a intermediar o produto entre os fazendeiros em Minas e as casas exportadoras no Rio de Janeiro. (PINTO, 2010, p. 141)

Como podemos ver, não há sincronia nos relatos, pois o sucesso de Abrahão nos negócios em 1907, como afirma Paulo, dispensaria a ajuda relatada por sua irmã para ir a São Paulo em 1920, como consta na pesquisa de Ana Mauad. Carmem, no livro *Meu irmão Jabour* (1985), confirma de forma breve a usina de beneficiamento de arroz em Trimonte e não especifica a data. De todo modo, os caminhos dessa história se cruzam na sequência, com a abertura do escritório no Rio: quando vinha “travar os contratos na cidade, para a colocação do café no mercado” (MAUAD, 1990, p. 129). Abrahão, “o chefe da família, cujo negócio é o café, enriquece com habilidade. Abre um escritório

no Rio e passa a viver seis meses em Providência e seis meses nesta cidade. Copacabana é o bairro escolhido”, conclui (IBIDEM, p.112). Nos outros seis meses, Abrahão voltava ao interior, acompanhava de perto e administrava o cronograma da entrega do café pelos fazendeiros.

Aos poucos, Abrahão deixa de sincronizar seu calendário com a safra de café e vai se estabelecendo definitivamente na então capital federal. Na década de 1920 abre um escritório na Sacadura Cabral e depois o transfere para o centro da cidade. De acordo com a coluna *Junta Commercial* do Jornal do Brasil de 14 de fevereiro de 1931 (anexo 9), a firma *A. Jabour & C.* foi fundada na rua da Candelária e composta por Abrahão, João e Miguel Jabour, sócios no comércio de café e algodão.

Se Abrahão, sem empresa, já foi considerado, em São Paulo, “um capitalista do arroz”, no Rio, o libanês ostentava o mesmo carro do então Presidente da República, Washington Luiz. Depois de tomar banho de mar no posto 5, seu chofer já o esperava, relembra Mariana:

Entrava no carro e ia fazer a volta na Avenida Atlântica, em frente ao hotel Copacabana Palace. Enquanto um carro ia o outro voltava: era o Washington Luiz e o Abrão. Os carros paravam uns minutos, eles se cumprimentavam, excelência, não sei o que... (MAUAD, 2000, p.114)

A praia também foi local para exercer sua influência na comunidade árabe. Abrahão dispunha de uma enorme barraca de quatro metros por cinco, com mesa, cadeiras de vime, frutas e bebidas. Ali, sabia o que se passava na rua da Alfândega através dos lojistas que frequentavam o local.

Ao estabelecerem-se no Rio, Abrahão e seu irmão, João, fundaram no Rio de Janeiro a Jabour Exportadora e, com ela, chegaram a ter filiais em três dos principais portos exportadores de café no Brasil: Rio de Janeiro, Paranaguá e Vitória. Essas demandas lhe fizeram figuras proeminentes no ramo (figura 30) e o sucesso deles fez parte da história do café no Brasil: a empresa “chegou a ser a maior exportadora de café do mundo, exportando até um milhão de sacas por ano (...) para os EUA, Argentina, Holanda, França, Suécia, Líbano e muitos outros países europeus e asiáticos.” (ZOE, 1985, p. 25) Abrahão foi presidente da comissão que fundou o Centro do Comércio do Café no Rio de Janeiro (IBIDEM, p.33) e, ainda em 1931, naturalizou-se brasileiro.

Figura 30 – Coluna *Informe econômico* do *Jornal do Brasil* de 1975.

Pelo mercado

• O Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro realizara hoje uma sessão solene, as 16 horas, para homenagear algumas figuras de destaque na economia brasileira. Serão homenageados, entre outros, os sócios benemeritos Arthur Pinto Novas, Alberto Pinto de Andrade, Djalma Boechat, José Larivoir Esteres, Paulo Rodrigues Alves e **Abrahão Jabour**.

Coluna *Informe econômico* do *Jornal do Brasil* do dia 9/10/1975.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

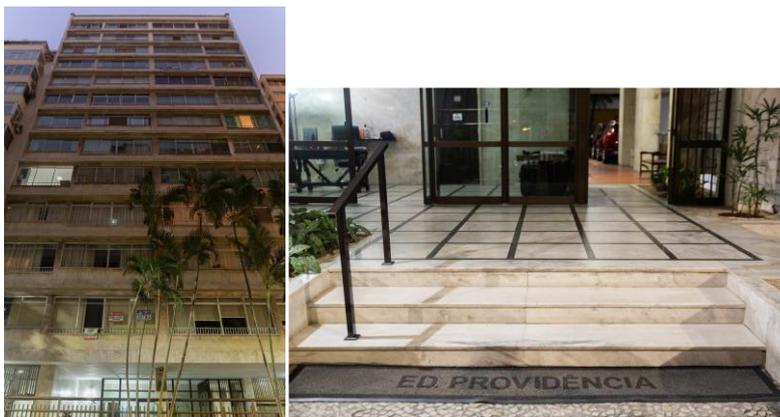
A historiadora Ana Maria Mauad em *Sob o Signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX* (1990), cuja tese de doutorado discute a representação social da elite da cidade e analisa o acervo fotográfico da sua avó, Mariana Jabour Mauad, descreve um pouco do estilo de vida da família Jabour:

Nesta época, ele já morava definitivamente no Rio e acabara de comprar uma grande casa na Rua Aires Saldanha, sempre no Posto Cinco, onde costumava nadar e tomar banho de sol, em grandes tendas montadas na areia. A riqueza torna-se permanente, pois toda a família trabalha para mantê-la, desde o armazém em Providência, passando pelo escritório no Rio, chegando até aos contatos no exterior, todos os lugares eram controlados por integrantes da família ou pessoas ligados por laços de afeto.

[...] férias em Poços de Caldas ou Araxá, estréia de peças teatrais e sorvete na Americana ou na Brasileira, compras na Rua Gonçalves Dias ou na Rua do Ouvidor, passeio de barco em Sepetiba ou na Pedra de Guaratiba e o curso carnavalesco que atravessava a Avenida Rio Branco, saindo da Praça Mauá e chegando no Obelisco. A conquista do espaço da cidade pelo imigrante enriquecido. (p. 112-113)

Hoje, a antiga casa de número 66 na Aires Saldanha deu lugar a um prédio de 12 andares cujo nome reverencia a história de Abrahão ao chamar-se Providência (figuras 31 e 32), em referência à cidade mineira em que ele morou.

Figuras 31 e 32 – Fotografias do Edifício Providência



As imagens 31 e 32 são do Edifício Providência localizado na rua Aires Saldanha, 66, em Copacabana.
Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Junho de 2023.

Abrahão chegou neste terreno em 1932 com seu irmão João e suas respectivas esposas, Joana e Zuleika. Joana Sara era prima-irmã de Abrahão e tiveram o casamento reprovado por ambas as famílias (IDEM, 2000, p. 113). Casaram-se escondidos em Petrópolis, quando Abrahão tinha 24 anos e Joana, 25. Joana faleceu em 1941 sem filhos e Abrahão não se casou novamente. Durante a união, conviviam com algumas das principais famílias libanesas: os Calfat, os Jafet e os Maluf, como relata sua irmã Carmem. Em um momento ainda sem clubes, as reuniões ocorriam em suas casas, com narguilé e outras tradições árabes. Abrahão, viúvo, mudou-se para uma mansão na Urca em 1955. No palacete, cujo terreno “subia até o pão de açúcar” (ZOÉ, 1985, p.26), não foi diferente: recebeu sua família, políticos, empresários e organizou festas. “Fora dessas noitadas, os jardins do palacete da Urca viram muitas recepções concorridas. O Governador ia às vezes almoçar lá” (IBIDEM, p.27), como mostra a seguir.

Figura 33 – Fotografia de Abrahão Jabour com o então governador Negrão de Lima



Fonte: ZOÉ, 1985. Autoria e data desconhecidas.

O estudo de Ana Maria Mauad, no qual a autora identifica estatutos de representação nas fotos da coleção de sua avó à procura de significantes de um estilo

de vida, classifica, na passagem das décadas, diferentes momentos neste acervo. São 513 fotografias, das quais 225 foram tiradas por profissionais e 288 por amadores. Das amadoras, 154 foram tiradas pelo marido de Mariana, João Jorge Mauad. A autora da pesquisa nomeia como “tempo de investir” os registros ocorridos de 1900 a 1929, já que há uma predominância nos retratos. De acordo com ela, “a foto de estúdio cumpre o papel de cartão de visita do imigrante que chega e quer se estabelecer onde a fortuna pode surgir” (IBIDEM, p. 117). Na sua visão, momentos como esse explicitam a necessidade do imigrante de se integrar ao estilo de vida dominante e marcar sua ascensão social. A década de 1930 deste acervo é marcada pelo “tempo de diversão”, já que as fotos traduzem uma descontração, lazer e documenta as férias da família Jabour. A preocupação não era mais ostentatória e se voltou ao momento vivido. Em 40, é “tempo de aproveitar”, e a reunião de fotos volta-se para os espaços domésticos, “apontando para a conquista definitiva da cidade pelo imigrante endinheirado” (IBIDEM, p. 120). O “tempo de sucesso” são os anos 50, quando há um grande volume de eventos especiais, como casamentos, batizados, aniversários e grandes bailes.

Ana Maria Mauad, ainda em sua tese *Sob o Signo da imagem* (1990), afirma que a coleção aponta para uma predileção por ambientes urbanos “associados à abundância, ao luxo e ao conforto” (p. 145). “Em todas as imagens de coleção, mantém-se uma relação clara entre espaço e indumentária, estabelecida através de um código de comportamento que permite pouca variação em torno do padrão dominante” (p. 175). Tais ambientes políticos retratados “associam-se na mensagem fotográfica a um estilo burguês, tanto pelos objetos que os integram como pelos temas que retratam. A tendência é evidenciada pelo aumento da presença de fotos ambientadas em lugares exclusivos como clubes e hotéis” (p. 142). Jockey Clube, Cristo Redentor, Pão de Açúcar e Copacabana Palace são algumas locações das fotos mencionadas. Em sua análise, Mauad afirma que os trajes de gala, passeio-completo e esporte-fino têm seu devido destaque, “demonstrando a importância em se manter a boa aparência, principalmente em espaços onde ver e ser visto é a principal diversão.” (p. 153) “Assim, busca-se retirar da vida a melhor imagem que ela pode oferecer: é a memória da família empreendedora que nos anos 50 atinge o auge do seu sucesso” (p. 172).

Enquanto seus irmãos faziam grandes negócios, a caçula da família completava o centro do poder indo atuar em uma instituição muito influente: a Igreja Católica.

Carmem Jabour, mais conhecida como irmã Zoé, notabilizou-se como defensora dos moradores de rua e idosos no Rio de Janeiro. Com seu trabalho, ficou conhecida como “mãe dos pobres” após fundar na Rua Marquês de Olinda, 54, o Dispensário dos Pobres da Imaculada Conceição em Botafogo, na zona sul da cidade, e a Cidade dos Velhinhos – com a ajuda de seu irmão Abraão. O terreno de 130.00 m² em Jacarepaguá, foi cedido por ele à Associação São Vicente de Paulo e inaugurado em setembro de 1970 de acordo com a matéria do Correio da Manhã de 30/05/1971 (figura 34),

(...) a casa principal foi transformada em capela, alojamento das freiras e cozinha: um galpão de diversões, que ficava ao lado da piscina foi adaptado para ser o primeiro pavilhão. São dez quartos (duas vagas em cada um), dois banheiros, uma sala-de-estar e um ambulatório. Este servirá como padrão para os futuros pavilhões, assim como do que vem de ser construído.

Figura 34 – Jornal *Correio da Manhã* de 1971

Cidade dos Velhinhos é uma casa de paz e amor

No próximo dia 10, a Ordem das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo estará inaugurando o segundo pavilhão da Cidade dos Velhinhos, na Taquara. A instituição é o que se pode chamar de uma "república" para velhinhos, onde elas próprias estabelecem um clima de alegria e cordialidade.

A irmã Zoé Jabour teve a idéia de criar a Cidade dos Velhinhos a partir dos pedidos que recebia de velhos que a procuravam no Dispensário Imaculada Conceição, em Botafogo. Eles procuravam um lugar agradável onde pudessem descansar.

A ocasião apareceu com o oferecimento de seu irmão Abraão Jabour, que cedeu um pequeno sítio que possuía na Estrada do Mapuá. E assim foi feito: a casa principal foi transformada em capela, alojamento das freiras e cozinha; um galpão de diversões, que ficava ao lado da piscina, foi adaptado para ser o primeiro pavilhão. São dez quartos (duas vagas em cada um), dois banheiros, uma sala-de-estar e um ambulatório. Este servirá como padrão para os futuros pavilhões, assim como do que vem de ser construído.

Lugar bonito

O primeiro pavilhão já tem as vinte candidatas. O segundo, que agora será inaugurado, também já está lotado. A partir do terceiro, já planejado, serão aceitos velhos, que pagarão os mesmos Cr\$ 300,00 e se preencherem as mesmas condições. Para entrar lá é preciso ter, no mínimo, 65 anos e boa saúde, sem doenças contagiosas, e, é lógico, pagar a pensão mensal ou ter quem o faça. Lá os velhos têm assistência médica, desfrutam de um clima excelente em um lugar extremamente bonito, calmo e confortável. Tem o tempo bem preenchido, pois ajudam na horta, fazem tricô e costumam cuidar do viveiro de pássaros, ajuntam na cozinha (ovovó Alice catava feijão com uma precisão digna de nota), vêem televisão, conversam e passeiam pelos jardins.

As finanças vão relativamente bem, embora as subvenções ainda não tenham chegado. Mas a irmã Leonor Lacerda reclama muito da rua não calçada. Quando chove, o barro cede e a lama e os buracos são uma constante.

Outra coisa que preocupa as freiras é o viveiro de pássaros. As velhinhas se enternecem com os passarinhos, mas acontece que as irmãs não sabem onde conseguí-los. O pedido é da irmã Leonor para as velhinhas: se você tem um canário cantador ou um curió bloco amarelo, dê um passeio a Jacarepaguá (ou mesmo deixe na Rua Marquês de Olinda, 54, Botafogo); a alegria das velhinhas vai pagar a pena. Guarde: Estrada Mapuá, 691, Taquara.

Jornal *Correio da Manhã*, exemplar de 30/05/1971. Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Por esse trabalho de vida, a irmã Zoé recebeu o prêmio “A mãe do ano” pelo jornal O Globo em 1975 (figura 35) e o Prêmio Internacional para a Dignidade da Velhice em 1992 e uma moção de felicitações da ALERJ. Contudo, para tais feitos, a caçula fugiu de casa três vezes, e perdeu contato com a família por dez anos – exceto com sua mãe – até que a família aceitasse sua vocação e sua nova casa: o convento da Associação São Vicente de Paulo.

Figura 35 – Jornal *O Globo* de 1975

Jornal *O Globo* publica a matéria *Muitas rosas com amor para irmã Zoé, a Mãe do Ano* em 12 de maio de 1975, p.10. Fonte: Acervo *O Globo*.

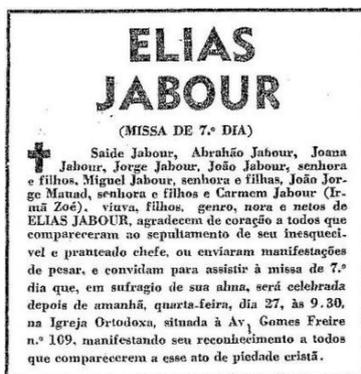
A irmã Zoé publicou *Meu irmão Abrahão* (1985), um livro de memórias sobre este personagem, um ano após seu falecimento. A autora esclarece, logo na dedicatória, que não foi movida por um desejo de satisfazer a vaidade do irmão, mas por gratidão pelas suas obras humanitárias, bem como a “lembrança que guardamos de um ser superior com quem nos foi dado o privilégio de conviver” (p.9). Destaca seu caráter autodidata na leitura, a ausência de diploma e a mente de doutor. (p.24) O livro é um grande elogio a sua figura, carrega lembranças de muito afeto e destaca seu caráter filantrópico. Deixa claro que Abrahão acreditava na obrigação moral dos ricos em oferecer algo aos mais pobres, como forma de colaborar com a nação e impactar positivamente essas vidas.

Nas palavras de Mansour Challita, autor da apresentação do livro (e dono do artigo na figura 25 do capítulo anterior), Abrahão “naturalmente, tinha defeitos: o autoritarismo, a teimosia, a presunção, o prazer de manter as pessoas (especialmente os parentes) na sua dependência. Agradava-lhe ser Patriarca.” (IBIDEM, p. 16) Mas no parágrafo seguinte enfatiza que são de “sua generosidade e bondade que todos se lembram” (IBIDEM). Zoé o descreveu como severo e uma pessoa que impunha autoridade sem admitir indisciplina. No entanto, quando não exercia seu lado paternal era “jovial, alegre, espirituoso e amigo dos divertimentos.” (IBIDEM, p. 28) Foi autodidata aprendendo a ler e a escrever por conta própria e, por hábito, se informava

sobre diversos assuntos, principalmente nos jornais e revistas. Os relatos reunidos neste livro traçam o perfil de uma pessoa caudilha, ungida e imantada.

Embora o livro de memórias de sua filha, Carmem, informe que, em 1952, seus pais mudaram-se de Providência, Minas Gerais, para um sítio em Campo Grande, no Rio de Janeiro, bancados por Abraão e João, *O Globo* informa, em seu jornal de 25 de outubro de 1948, a missa de sétimo dia do patriarca da família, Elias Jabour (figura 36). Ela foi realizada na Igreja ortodoxa que a família frequentava desde sua chegada ao Rio de Janeiro, na Av. Gomes Freire na Lapa. Dois anos depois, em 1950, o único filho doutor de Elias, Jorge Jabour, chegou a Brasília como Deputado Federal pela UDN. De acordo com a biografia apresentada pela Câmara dos Deputados, ele foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia, diretor do Jockey Clube Brasileiro, fundador da revista médica *O Hospital*, da Casa de Saúde São Jorge e diretor-proprietário da Casa de Saúde Dr. Eiras.

Figura 36 – Jornal *O Globo* de 1948



Informativo da missa de sétimo dia de Elias Jabour no jornal *O Globo* de 25 de outubro de 1948, p. 6.
De acordo com o texto da imagem, a missa ocorreu na Igreja Ortodoxa, na Av. Gomes Freire, 109.
Fonte: Acervo *O Globo*.

A essa altura, a família já se dividia pelo Rio de Janeiro e Ana Maria Mauad nos oferece na sua tese o mapa habitacional da família na cidade. A predominância pela escolha da zona sul do Rio é notável.

A cidade vai aos poucos sendo conquistada pela família: Abraão, Copacabana e depois Urca. Mariana, Campo Grande, Vila Isabel e, por fim, Jardim Botânico. João, o Leblon. Miguel também a Urca. Carminha tornar-se Irmã Zoé, e Joana - a irmã - continuou sempre vivendo ao lado de Abraão. (MAUAD, 1990, p.113)

Na década de 1960, seus irmãos, João e Abrahão, perceberam que o ciclo do café estava terminando e buscaram diversificar seus investimentos. Em viagem à Argentina, João teve a oportunidade de comprar um lote de ações do Banco do Brasil e esse movimento os enriqueceu bastante como sócios. De acordo com a irmã Zoé, essa foi “a base principal da fortuna da família” (ZOÉ, 1985, p. 26). Em 1964, decidiram desfazer a sociedade e repartiram o patrimônio. A irmã mais nova lembra:

Ao passo que Abrahão se tornava cada vez menos negociante e mais filantropo, João revelava um gênio comercial que fazia a admiração de todos e que ele soube aplicar em tantos empreendimentos de vulto, industriais, imobiliários, bancários e financeiros. (IBIDEM)

Nas palavras da irmã Zoé, Abrahão “era mais feliz dando do que amontoando” (1985, p.29) e que a partir dos seus setenta anos, demonstrava desinteresse por ganhar dinheiro e que queria doar o que tinha, pois nas palavras dele, “o sabor da riqueza é ilusório. O prazer de servir é mais durável”. (IBIDEM, p.30). Abrahão disse um dia para Milton Braga, seu médico predileto, que ganhar dinheiro é difícil somente no início, porque ao tê-lo, ele se multiplica. Nesse momento o complicado é decidir o que fazer com tal fortuna, além de amontoá-la. (IBIDEM, p.31). Ao que tudo indica decidiu, a partir da sua posição e articulação na sociedade carioca, gastar seu dinheiro sobretudo com a criação do Bairro Jabour e com a Cidade dos Velhinhos. Abrahão idealizou o bairro na década de 1960 com a venda da Companhia Federal de Fundição para uma firma norte-americana. A Companhia tinha Oswaldo Aranha e os três irmãos Jabour (Abrahão, Jorge e João) como acionistas majoritários e, nessa operação, Abrahão renunciou ao dinheiro para ficar com o terreno árido e deserto de 200 a 300.000 m² que daria início ao bairro Jabour.

Estava então construindo o Bairro Jabour, e falava dele sem parar. (...) Sua vitalidade tinha a exuberância de uma paixão. E havia o orgulho do homem que conseguiria juntar imensos recursos para poder ser útil aos outros.” (IBIDEM, p. 30)

O espaço foi “um dos poucos empreendimentos urbanísticos centrados em habitações populares realizados no Rio de Janeiro” (PINTO, 2010, p. 142) a época, pois tinha, inicialmente, 14 ruas com calçadas largas e 560 lotes divididos em: 530 lotes para edificação de casas e edifícios residenciais; e 30 para edificação de lojas comerciais que atendiam toda região. O bairro planejado por Jorge Mauad Jabour, previu a área as três escolas (o ginásio Abrahão Jabour e a escola municipal Jorge Jabour, bem como

o primário Rainha Fabíola), a praça, a igreja Santa Inês, um ambulatório médico e a maternidade Santa Helena, todos doados pelo patrono do bairro. Somados à área residencial, formavam um centro cívico. Em 1972 construiu-se o edifício Maracanã, depois 8 prédios de quatro andares com 32 apartamentos em cada edificação. Em seguida adicionaram ao projeto mais 7 prédios de 10 andares com 72 apartamentos em cada, todos com garagem e *playground*.

Abrahão Jabour construiu aproximadamente 1.400 casas e apartamentos. Numa outra parte do terreno, a CEHAB (Companhia Estadual de Habitação) construiu mais 2.700 casas. 35.000 habitantes moram hoje no bairro. Chama a atenção do visitante seu contentamento, seu orgulho com seu bairro, a lembrança que cultivam do fundador. (ZOÉ, 1985, 41)

Figuras 37 e 38 – Fotografias do Bairro Jabour em 1972



Fotografias feitas em 1972 no alto do Edifício Abrahão Jabour, o primeiro prédio de 10 andares construído com pilotis. A foto da esquerda registra a rua Francisco Pereira enquanto à direita mostra a rua Raul Azevedo. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

De acordo com a matéria *O Bairro Jabour* transcrita no livro *Meu irmão Abrahão* (1985), o plano do fundador “era de vender essas unidades pelos preços mais baixos e em 136 prestações, sem equivalência salarial, sem correção monetária, sem reajustamento” (p.39-40) e que as primeiras casas, ainda na década de 1960, tinham prestações de 5 a 10 cruzeiros. Conta-se que em alguns casos as prestações das lojas e dos edifícios tinham um valor menor que a própria taxa do condomínio, relata o jornal. Caso algum morador tivesse eventualmente alguma dificuldade para pagar o financiamento de seu imóvel, como diz Manoel Lobo Maciel, era só falar com Abrahão que “ele adiava o vencimento ou perdoava a dívida. Eu mesmo passei por um período difícil; e ele me ajudou, sempre sorridente e sem nunca me fazer sentir o peso de sua generosidade” (IBIDEM, p. 42).

Outra publicação, pela *A Gazeta Rural* em outubro de 1971, julgava como “finíssimo” o acabamento dos apartamentos no Bairro Jabour, com ruas “bem

arborizadas, possuindo um traçado urbano dos mais primorosos” creditando o trabalho de Jorge Mauad Jabour como “uma obra-prima do famoso arquiteto”. Categorizou como “pioneira em todo país” as condições de financiamento e chamou o investimento de “a maior revolução no mercado imobiliário” como único conjunto residencial sem qualquer vínculo com B.N.H²³.” (IBIDEM, p.58).

Figura 39 – Jornal *O Globo* de 1972

O QUE VAI PELA CONSTRUÇÃO

Em Senador Camará ergue-se um empreendimento em moldes de País Desenvolvido

Situa-se entre Bangu e Campo Grande, frente para a Av. Sta. Cruz, uma comunidade denominada Bairro Jabour. Sob o impulso da visão e da capacidade empreendedora do Sr. Abraão Jabour, e a capacidade técnica da JMC Engenharia Ltda., o Bairro que está sendo construído alla a um alto padrão de construção, características comunitárias excepcionais — centros comerciais, duas escolas primárias, ginásio, maternidade, clube, hospital, posto policial, ambulatório, igreja, posto de saúde, o que confere aos moradores um elevado grau de integração e de autonomia.



A JMC Engenharia Ltda., utilizando equipamento pesado como guindastes etc., vem aplicando processos modernos de racionalização do trabalho, levando a um elevado grau de eficiência, redução de prazos, redução de custos e a um acabamento primoroso.

Na foto, uma visão parcial do Bairro Jabour, mostrando conjuntos de blocos residenciais-comerciais construídos pela J M O Engenharia Ltda., em meio a conjuntos de casas. São unidades de alto padrão de conforto e acabamento da melhor qualidade.

Matéria no jornal *O Globo* de 6 de agosto de 1972, p. 26, na sessão de habitação e urbanismo. O texto iguala o empreendimento a de países desenvolvidos. Fonte: Acervo *O Globo*.

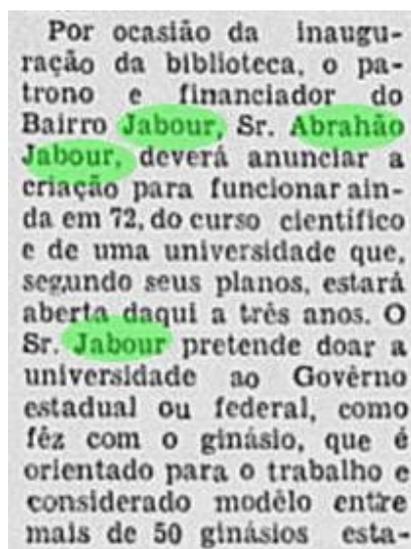
Em 1971, Abraão Jabour escreveu uma carta (figuras 122 e 123 do apêndice) para o senador Jarbas Passarinho, então Ministro da Educação e Cultura, pedindo autorização para construir uma universidade com seus próprios recursos no Bairro Jabour. Nela, perguntou ao ministro “as necessidades indispensáveis ao funcionamento de uma universidade” e, na oportunidade, informou o perfil dos residentes locais:

Devo, preliminarmente, esclarecer a V.Exa. que, no citado bairro, já residem quase vinte mil pessoas, proprietários dos seus imóveis, prometidos vender por mim com financiamento de oito a quinze anos sem correção monetária, com apenas 15% de entrada e às vezes sem ela. Lá se encontram funcionários públicos, 280 bancários, sendo 180 do Banco do Brasil; 680 famílias militares, de sargento a general; comerciantes, comerciários, operários, médicos, advogados, etc.

²³ Banco Nacional da Habitação (BNH) foi uma empresa pública brasileira voltada ao financiamento de empreendimentos imobiliários. Foi a principal instituição federal de desenvolvimento urbano criada em 1964 após o golpe militar e extinta em 1986.

A seguir, Abrahão informa, no documento, os equipamentos do bairro na época: duas escolas primárias com capacidade para 2.500 alunos em dois turnos, duas escolas estaduais, uma para o ensino médio e outra para o técnico, com capacidade para 1.250 alunos, uma igreja, uma maternidade e um hospital. No decorrer da carta, com a construção da universidade, Abrahão destacou a possibilidade de uma família atender todas as suas necessidades no mesmo bairro, “criando uma sociedade à parte, feliz, disciplinada e ordeira” (p. 1). O seu desejo de abrir uma universidade no local também foi matéria no *Jornal do Brasil*, como mostra a imagem a seguir.

Figura 40 – *Jornal do Brasil* de 1971



Por ocasião da inauguração da biblioteca, o patrono e financiador do Bairro Jabour, Sr. Abrahão Jabour, deverá anunciar a criação para funcionar ainda em 72, do curso científico e de uma universidade que, segundo seus planos, estará aberta daqui a três anos. O Sr. Jabour pretende doar a universidade ao Governo estadual ou federal, como fez com o ginásio, que é orientado para o trabalho e considerado modelo entre mais de 50 ginásios esta-

Trecho da matéria *Ginásio Jabour usa ideia do JB e abre biblioteca que o integra à comunidade*, no *Jornal do Brasil* de 5/06/1971. Fonte: Acessado pela Biblioteca Nacional Digital.

Não seria difícil ver Abrahão pelo Bairro Jabour movimentando o comércio ou levando convidados, como políticos, para conhecer a região. Georges Hage disponibilizou seu acervo para o livro *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*, de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto e, de acordo com a figura 41, Abrahão mostra ao bispo Georges al-Hajj a região onde realizaria uma procissão ortodoxa em 1966, e a figura 42 registra a missa ortodoxa celebrada pelo bispo. A presença do arquiandrita seria frequente no local, com a inauguração de cada etapa do projeto arquitetônico e urbanístico acompanhada de churrasco em meio aos novos moradores.

Figuras 41 e 42 – Fotografias da procissão ortodoxa



A primeira imagem mostra Abraão Jabour no centro, de terno branco, Georges al-Hajj logo atrás, de preto, e uma feira ortodoxa à sua esquerda. Fotos feitas no Bairro Jabour. A imagem 42 é da procissão ortodoxa. 1966. Fonte: PINTO, 2010. Acervo de Georges Hage. Autoria desconhecida.

Figura 43 – Fotografias das placas das ruas do Bairro Jabour



Os nomes das ruas são em homenagem às cidades libanesas.
Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Além do seu nome e de seus familiares nas escolas e na praça e além dos ritos da igreja ortodoxa, a identidade étnica do fundador foi inscrita no bairro ao nomear cinco ruas em homenagem às cidades libanesas: Beirute, Baalbeck, Saída, Trípoli e Biblos (figura 43). De acordo com o *Jornal O Globo* de 18 de setembro de 1988 (figura 47), esse movimento foi um gesto de agradecimento de seus moradores (figura 45). Dessa forma, as cidades litorâneas, exceto Baalbeck, cujo passado guardam muita relação com o mar, foram parar no subúrbio carioca.

Figura 44 – Mapa do Bairro Jabour no Google maps



Mapa do Bairro Jabour com as ruas de nomes de cidades libanesas. Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 45 – *Jornal O Globo* de 1988

O Capitão Lins se lembra com orgulho de ter proferido o discurso de entrega do Largo do Ludgero ao primeiro administrador regional de Bangu, Antônio Barcelos Neto, em 1964. Na época, segundo ele, a forma mais adequada que a comunidade encontrou para homenagear seu fundador foi batizando cinco de suas ruas com os nomes Baalbeck, Beirute, Biblos, Saída e Trípoli, em uma referência à origem árabe do brasileiro naturalizado Abrahão. Se o plano do Capitão Lins foi aceito pela família

Segunda coluna da matéria “No começo, ideia de muitos sonhos” publicada no Caderno *Zona Oeste* do *Jornal O Globo*, em 18 de setembro de 1988, pág. 13. Fonte: Acervo *O Globo*.

A homenagem dos moradores a Abrahão deve-se não só ao agradecimento pela facilidade na compra de imóveis ou pela possibilidade de uma família atender todas as suas necessidades no mesmo bairro, como disse na carta a Jarbas Passarinho, mas também pelo sucesso na distinção do território de seu entorno. Antes do Jabour virar oficialmente bairro, o consideravam perímetro de Senador Camará, que historicamente apresenta baixos índices de qualidade de vida.

O artigo de Patrícia Nicola sobre expansão urbana para habitação de interesse social identifica o Bairro Jabour com características de classe média. A Figura 46 enumera as prioridades das famílias residentes do Jabour. A matéria do *Jornal do Brasil* relata os serviços e a qualidade oferecida pelo Ginásio Abrahão Jabour, “considerado dos melhores da rede estadual”, com um “departamento audiovisual moderno, um departamento de línguas estrangeiras que iniciou cursos de inglês e francês através de filmes coloridos” (*Jornal do Brasil*, RJ, 17/04/1972) e outras estruturas, como uma biblioteca com mais de 4 mil volumes e quadra esportiva com iluminação. Tudo doado pelo Sr. Abrahão, conclui a matéria.

Figura 46 – *Jornal do Brasil* de 1972

O Ginásio Abrahão Jabour é considerado dos melhores da rede estadual, por contar com um departamento audiovisual moderno, um departamento de línguas estrangeiras que iniciou cursos de inglês e francês através de filmes coloridos e fitas gravadas (em sala ambiente especial), biblioteca com 4 mil volumes, uma oficina de arte industrial e uma quadra de esportes cercada e iluminada, doada no ano passado pelo Sr. Abrahão Jabour.

Trecho retirado da matéria *Ginásio Abrahão Jabour vai instalar ainda este ano um circuito fechado de TV*, publicada no *Jornal do Brasil* em 17/04/1972. Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Para Patrícia, a expansão ocupacional da Zona Oeste não contou com a infraestrutura necessária por parte do poder público, bem como equipamentos estatais de interesse social. A pesquisadora afirma que esse retrato gerou “desigualdade do acesso a direitos básicos, a serviços públicos e à cidade, bem como da maneira como dela se apropria e se participa” (NICOLA, 2021, p. 854). No âmbito da cultura, por exemplo, dos 128 museus presentes na cidade do Rio, 88 estão no Centro e na Zona Sul, enquanto os 40 restantes se espalham pelo resto do município, segundo o Instituto Brasileiro de Museus.

A Zona Oeste foi por muito tempo uma terra de latifúndios, de senhores de engenho, incluindo lavouras e fazendas. Com a chegada das fábricas e dos setores de serviço e militar, além das remoções de favelas de outras regiões, a expansão da malha urbana se direcionou para o oeste em razão da aparente saturação das Áreas de Planejamento 1, 2 e 3 (Centro, Zona Sul e Zona Norte respectivamente) da capital fluminense.

A região da Zona Oeste era uma importante produtora agrícola e exportadora de laranja. As terras dos laranjais, agora desvalorizadas e estigmatizadas pelo fracasso, foram postas à venda por preços irrisórios na década de 1950. Com isso, grandes extensões de terras antes destinadas à agricultura foram transformadas em loteamentos, favorecendo a urbanização para fins habitacionais e industriais. A partir da década de 1960, o então governador Carlos Frederico Werneck Lacerda (1960–1965) iniciou o programa de remoção de favelas e reassentamento de famílias faveladas, transformando a

Zona Oeste em um importante vetor de expansão da cidade para assentamento da população de baixa renda. (IBIDEM, p. 845)

Como vemos, a Zona Oeste foi ocupada por muito tempo de forma a produzir para a elite do município. Os novos modelos de negócios, mudanças habitacionais em outras partes da cidade e o planejamento público por meio do decreto-lei nº42/1969, da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá pelo arquiteto Lúcio Costa, aceleraram o processo de ocupação nessa parte da cidade. Ocorre que as construções planejadas não foram destinadas para os realocados do governo Lacerda. Além disso, as áreas assentadas por essa população tinham como característica a construção espontânea, sem unidade de planejamento, e foram majoritariamente ocupadas pelos mais pobres usualmente destituídos de seus direitos.

O Bairro Jabour participa da Área de Planejamento 5.1, cuja concentração populacional é a maior de todo o estado. Participam desta área Bangu, Campo dos Afonsos, Deodoro, Gericinó, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos, Padre Miguel, Realengo, Senador Camará e Vila Militar. A Zona Oeste é a região com maior extensão territorial no município e a segunda mais populosa (com 2.371.135 de habitantes), perdendo para a Zona Norte (com 2.645.526), de acordo com o censo do IBGE de 2010.

A partir desta contextualização regional, entende-se a razão de serem muito disputados os imóveis no bairro Jabour, como mostra a figura 47. Em 18 de setembro de 1988, saiu no caderno *Zona Oeste* do Jornal *O Globo* que “suas 14 ruas, três mil residências e 90 lojas comerciais são defendidas com unhas e dentes por cerca de 15 mil habitantes” (p. 13), devido aos frequentes “elogios dispensados pelos visitantes ao cosmopolitismo do bairro” (p. 13). A matéria descreve, ainda, o bairro com “ruas e calçadas largas, edifícios elegantes — que nada ficam a dever aos ocupados pela classe média da Zona Sul” (p. 13). A presença constante da expressão “classe média” encontrada na pesquisa deixa clara a distinção do Jabour com a região que o cerca.

Figura 47 – Jornal *O Globo* de 1988

O GLOBO ZONA OESTE • 13

No começo, idéia de muitos sonhos

Apesar de os inúmeros problemas terem transformado em indignação a euforia que impregnou os moradores nos últimos dois anos da década de 1950, quando as primeiras unidades foram construídas, o Jabour resistiu como um dos mais tranqüilos e valorizados bairros da Zona Oeste. Suas 14 ruas, três mil residências e 50 lojas comerciais são delimitadas com unhas e dentes por cerca de 15 mil habitantes, que pretendem instalar o mais rápido possível um busto de bronze do fundador Abraão Jabour no Largo Ludgero, o ponto central do bairro.

Um dos principais idealizadores do bairró é o Capitão Lins, que chegou ao Jabour em 1961 seduzido pelo preço baixo das prestações das casas e prestou a Associação dos Moradores no ano passado. Assim como ele, milhares de trabalhadores foram beneficiados pelos planos de alugar de nunca vender lotes vazios, mas unidades prontas em 138 prestações mensais, sem entrada, redução, equivalência salarial ou correção monetária. Quando os primeiros mutirões acabaram de pagar suas casas, as prestações eram de inscricões cinco ou dez cruzeiros. Bons tempos aqueles.

O Capitão Lins se lembra com orgulho de ter pro-

que conhece o mundo todo e preferiu passar a maior parte do tempo na tranqüilidade da casa que construiu no Jabour.

Além de ter vendido as unidades habitacionais a preços irrisórios, Abraão Jabour doou à comunidade três escolas, duas praças, um lote para a construção de um posto da Souza e outro para servir como velatório para a Cemitério. A Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro ganhou do lote a Igreja de Santa Inês, frequentada por ele praticamente todos os sábados que precederam sua morte. Nas viagens ao bairro, Abraão contava sempre com a companhia de sua irmã Carmem Jabour, conhecida em todo o país como Irmã Zé.

Em matéria de saúde, os moradores são unânimes em afirmar que estão bem servidos. A preocupação com o atendimento médico à "pequena cidade" que adotou levou Abraão Jabour a construir em recursos próprios a Clínica Santa Helena, vendida em seguida ao médico Alvaro Mena Barreto. Hoje a clínica já não existe, mas os moradores contam com um Instituto Cirúrgico, uma maternidade, um pronto socorro e duas clínicas particulares, desbando de uma região com um dos mais precípuos atendimentos médicos de todo o Estado.



Bons casos e tranqüilidade: marcas registradas do bairro

forido o discurso de entrega do Largo do Ludgero ao primeiro administrador regional do Bangu, Antônio Barcos Neto, em 1964. Na época, segundo ele, a forma mais adequada que a comunidade encontrou para homenagear seu fundador foi batizando cinco de suas ruas com os nomes Baulbeck, Beiruts, Biblos, Saída e Tripoli, um uma referência à origem do brasileiro naturalizado Abraão. Se o plano do Capitão Lins for aceito pela família Jabour e pela comunidade, o busto será instalado sobre uma grande pirâmide, mas uma vez em referência à primeira nacionalidade de Abraão.

Pouco mais de uma década após sua fundação, o bairro começou a crescer verticalmente. Forçando que as poucas casas ali construídas não eram suficientes para atender à crescente demanda, Abraão

Jabour decidiu construir dois blocos de 12 apartamentos cada, inaugurados em 1974. Poucos anos depois, foram erigidos oito novos blocos, com 72 apartamentos cada e o chamado "Maracanãzinho", um condomínio de forma arredondada que abriga o centro comercial e mais de 200 apartamentos.

Quem passa pela Avenida de Santa Cruz em direção a Campo Grande, na altura de Senador Câmara, tem a atenção sempre voltada para o Jabour. Os moradores já até se acostumaram com os elogios dispensados pelos visitantes ao conglomerado de bairro, ruas e calçadas largas, edifícios elegantes — que nada tem a ver com o ocupado pela classe média da Zona Sul —, casas bonitas, lojas espaçosas e um comércio variado foram o suficiente para conquistar o músico Hermeto Pascoal.

Caderno *Zona Oeste* do Jornal *O Globo*, publicado em 18 de setembro de 1988, pág. 13.

Fonte: Acervo *O Globo*.

As primeiras habitações do bairro seguem preservadas por seus residentes: as casas, com 9 x 25m, dois quartos, sala, copa, cozinha e garagem se repetem ao longo do Jabour com um telhado duplo à frente (figura 48) e estão posicionadas ligeiramente atrás do terreno, com acesso à área externa por todos os lados.

Figura 48 – Fotografia das casas de telhado duplo no Jabour



As tradicionais casas do Bairro Jabour, com telhado duplo, seguem um padrão de terreno e projeto.

Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria e data desconhecidas.

Por mais que houvesse um projeto padrão, elas atualmente apresentam uma diversidade quanto ao uso dos seus materiais (figura 49): muitos moradores decidiram subir altos muros em nome da segurança. A imagem de santo na frente da casa e acima do muro, característica do subúrbio carioca, também se faz presente. O primeiro prédio a ser construído no bairro foi o edifício Maracanã (figuras 50 e 51). Os prédios de quatro andares foram construídos anos depois (figuras 52 e 53). Também houve a inauguração da Clínica e Maternidade Santa Helena, em 1965 (figuras 54 e 55), que já não existe mais, e permanecem em funcionamento a Escola Municipal Rainha Fabíola (figura 56),

a Escola Abraão Jabour, a Escola Jorge Jabour, apesar das obras (figura 57), e a Igreja Santa Inês, lotada pelos moradores aos domingos (figuras 58 e 59).

Figura 49 – Fotografias das casas no Jabour



Fotografias atuais das fachadas das casas planejadas no início do Bairro Jabour.
Fonte: A autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Figuras 50 e 51 – Fotografias de Abraão Jabour no Edifício Maracanã



Abraão Jabour visitou o Prédio “Maracanã”, em 1972, de terno de linho branco, sapato bicolor e o chapéu Panamá característico. A Figura 51 registrada no mesmo ano foi feita na área externa do Edifício Maracanã e mostram Abraão e o engenheiro responsável. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. A autoria desconhecida.

Figuras 52 e 53 – Fotografias dos prédios de quatro andares na Rua Raul Azevedo



A imagem em preto e branco foi feita em 1982 no final da rua Raul Azevedo. À direita, os prédios de quatro andares e, ao fundo e à esquerda, estão os prédios de 10 andares. É possível observar também as cercas de madeira protegendo as árvores. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida. A imagem comparativa à direita é atual. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Figura 54 – Fotografias da inauguração da Clínica Santa Helena



Inauguração da Clínica e Maternidade Santa Helena em 1965. À direita, Abrahão Jabour de terno preto corta a fita de inauguração do local que funcionava na rua Baalbeck. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figuras 55 e 56 – Fotografias da fachada da Escola Municipal Rainha Fabíola e da Escola Municipal Jorge Jabour



A figura 55, à esquerda, apresenta a fachada da Escola Municipal Rainha Fabíola. O muro de azulejo tem o rosto da Rainha da Bélgica à esquerda do portão e, à direita dele, há um texto contendo a pergunta “Uma rainha tem deveres e você?”. Já a figura 56, à direita, mostra a Escola Municipal Jorge Jabour. A placa à esquerda, localizada acima do muro da escola, informa as obras emergenciais de reconstrução parcial do imóvel. Ambas as escolas estão localizadas na Praça Elias Jabour, região central do bairro. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Figura 57 – Fotografia do Ginásio Abrahão Jabour na Praça Elias Jabour



Fotografia do pátio externo do Ginásio Abrahão Jabour. A escola onde fica o ginásio está localizada na Praça Elias Jabour, região central do bairro. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Outubro de 2024.

Figuras 58 e 59 – Fotografias da Igreja Santa Inês na Praça Elias Jabour



Fotografias da Igreja Santa Inês na Praça Elias Jabour, região central do bairro. A imagem 58 foi tirada dentro da igreja na missa das 11h de domingo, enquanto a imagem 59 mostra a pintura sobre azulejo na fachada da igreja. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Natália Maria Silvia da Costa, com a pesquisa *Revitalização e redesenho do espaço urbano: promovendo a reintegração dos bairros Senador Camará e Jabour* (2023), na área de arquitetura e urbanismo, busca a implementação de um espaço cultural entre a comunidade Selva do Rebu e o Jabour. No trabalho, Natália analisa os dois bairros na atualidade e busca a promoção da cultura e do lazer no local. Para ela, o Jabour Social Clube está em mau estado de conservação e sem manutenção, “não sendo mais um palco para eventos e vida social como outrora” (p. 31) e a utilidade do clube declinou “em face do aumento da criminalidade na região” (p. 108). Já a praça Elias Jabour foi observada neste trabalho como espaço de pouca árvore e sombra (p. 81). Além disso,

Apesar de contar com equipamentos para esporte e lazer, apresenta condições precárias e subutilização. Parte considerável da praça é ocupada por três escolas públicas e pela Paróquia Santa Inês, enquanto a outra parcela, situada

no canto esquerdo, é esporadicamente utilizada para eventos relacionados à paróquia. É notório o potencial inexplorado dessa praça em se tornar um espaço público de excelência, capaz de atender às necessidades e interesses dos moradores da região. (IBIDEM, p. 54)

De acordo com a Natália, a Praça Ludgero é considerada ponto de referência no Bairro Jabour, atraindo “moradores e visitantes e se tornou palco de diversos eventos relacionados à cultura e lazer” (IBIDEM, p. 67) Natália reforça a ideia do largo como referência do bairro e afirma que a diversidade de equipamentos possibilita diferentes eventos nela: “A praça Ludgero, portanto, exerce um papel fundamental na vida dos moradores, oferecendo um espaço qualificado que atende as necessidades de lazer, recreação e convívio social” (IBIDEM, p. 69).

Para Natália, os moradores apreciam eventos culturais, como feiras e shows, sobretudo para crianças e idosos. Para atender a demanda, a pesquisadora elaborou o projeto de criação da Praça Cultural Hermeto Pascoal, cuja proposta a posiciona ao lado da Praça Iguatama, divisa do Bairro Jabour com Senador Camará e nomeia o espaço em homenagem ao compositor e morador antigo da região:

Tais eventos concentram-se, em sua maioria, na parte superior do bairro, especificamente na metade superior da Rua Raul Azevedo e na Praça Ludgero. A Praça Cultural Hermeto Pascoal surge como uma resposta à carência de espaços destinados a essas e outras manifestações culturais, promovendo a integração entre indivíduos dos dois bairros (Senador Camará e Jabour) que, em um passado remoto, eram um só. (IBIDEM, p. 108)

No ano de 2024 a Associação de Moradores do Bairro Jabour, a AMBARJ, pleiteou a manutenção da praça Elias Jabour ao município. A pesquisa *Outras memórias* esteve no local antes e depois das obras começarem e registrou o estado da quadra de futebol da praça antes dos reparos (figuras 60 e 61). Para o atual presidente da associação, Elias Alencar (figura 64), conhecido no bairro como Elias das plantas, a reforma não foi ponto convergente no território. Ele relata o desejo de alguns moradores em reformar as praças mais próximas da sua casa, como o Largo Ludgero ou a praça Iguatama. Mesmo a reforma da praça Elias Jabour custando o valor total das reformas das duas outras praças, o presidente da associação avalia que a praça Elias Jabour precisava de reparos, considera a localização dela fundamental por estar no centro do bairro e aponta que o espaço da praça já previa diversas atividades, como parquinho infantil, quadras esportivas (figura 62) e agora conta com um anfiteatro

(figura 63). Desta forma, acredita que o equipamento público terá maior aproveitamento.

Figuras 60 e 61 – Fotografias da quadra de futebol na Praça Elias Jabour



Antes e depois da quadra da Praça Elias Jabour. O gramado sintético e as marcações da quadra foram refeitas. A imagem à esquerda foi feita em 14/07/2024 e a seguir no dia 12/10/2024. A quadra não havia sido inaugurada no momento da foto. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya.

Figuras 62 e 63 – Fotografias da quadra de vôlei e do anfiteatro na Praça Elias Jabour



A figura 62 à esquerda mostra a inclusão da quadra de vôlei de praia e reforma da quadra poliesportiva na praça Elias Jabour. Já na imagem da direita, vê-se a inclusão do anfiteatro no projeto de reforma da praça Elias Jabour, localizado à frente da quadra de grama sintética e à esquerda da Paróquia Santa Inês. Tanto as quadras quanto o anfiteatro não haviam sido inauguradas quando as fotos foram feitas. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Outubro de 2024.

Para o presidente da associação, o poder público deveria intervir no Jabour Social Clube, área deteriorada e ocupada por usuários de drogas. Como terreno particular, Elias acredita que o poder executivo, seja a Prefeitura ou o Governo do Estado, deveria ocupar o espaço com programas sociais em benefício da população, preferencialmente focando na infância e na saúde. Ele avalia o bairro como nota 7. Como conselheiro do conselho comunitário de segurança do 14º batalhão da Polícia Militar, recebe informações dos arredores do Bairro Jabour e leva em consideração a eventual falta de segurança do bairro e seu entorno, como fator negativo. Como características positivas, menciona o alto número de praças, quatro no total (Iguatama,

Elias Jabour, Ludgero e Mangueirão), as três escolas públicas e o funcionamento efetivo da Clínica da Família do bairro. Destaca também a qualidade da iluminação pública com a troca total dos postes de luz das ruas para lâmpadas de LED e a coexistência das diversas religiões no local (dois centros espíritas, as igrejas batista, metodista, adventista e a Paróquia Santa Inês). Elias destaca o fácil acesso às instituições públicas, como a Comlurb e a Polícia Militar.

Figura 64 – Fotografia de Elias Alencar



Elias Alencar, presidente da Associação de Moradores do Bairro Jabour, na sede da associação, na Rua Silvio Fontes, 89, no Bairro Jabour. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Outubro de 2024.

Os moradores do bairro Roberto Gaze e Jaime Dias apontam Hermeto Pascoal como um ilustre personagem da região, mas não esquecem também do já falecido Seu Wandir Monteiro, major aposentado do exército e criador do Fla Jabour, torcida organizada de um membro só, ele próprio. Wandir estava sempre presente com seu fusca temático (figura 65) e a inusitada cena marcou inúmeros moradores da região. Relembaram também de: Maria Bic, funcionária da Jabour Exportadora e responsável pelas cobranças dos imóveis financiados no bairro, Flávio Augusto, fundador do curso de idiomas Wise Up e morador do bairro até seus 19 anos; de Gilson Ricardo, o cineasta, produtor musical e agitador cultural; de Sérgio Coelho, o Serjão, radialista da Rádio Tupi; de Seu Honorato, dono da primeira padaria do bairro, chamada Cantinho da Vovó; de Jorge José Vasconcellos, premiado dublador; de Humberto Gaze, pai do próprio Roberto e importante advogado da região — foi presidente da OAB e advogou para o Bangu Atlético Clube e para o Castor de Andrade, entre outras figuras icônicas do bairro.

Figura 65 – Fotografia de Wandir Monteiro e seu fusca



Seu Wandir Monteiro, criador da Fla Jabour, abraçado com sua boneca de pano apoiada em seu fusca.
 Fonte: Reprodução da página *Fla Jabour* no Facebook. Data e autoria desconhecidas.

Roberto Gaze reuniu registros do bairro de diversos acervos digitais para o Primeiro Grande Encontro do Bairro Jabour, ocorrido em 5 setembro de 2009 no Bangu Atlético Clube. O encontro focava na geração nascida nos anos 60, época de fundação do bairro, mas também era possível reconhecer outras gerações no encontro. Depois da reunião, Beto decidiu aproveitar o material coletivo e organizá-lo em um *site* (bairrojabour.com.br) que já saiu do ar. Nesse formato, Roberto chegou a publicar centenas de textos contando a história do bairro, mas, infelizmente, não foi possível manter o trabalho e o endereço foi descontinuado.

O acervo de Roberto Gaze foi dividido com a pesquisa *Outras memórias* e remetem a formação do bairro. Um desses documentos históricos marca a visita da Rainha da Bélgica, Fabíola. Sua figura popular pelo mundo encantou Abrahão, que a homenageou nomeando a escola primária com o nome da majestade (figura 55). O rei Balduíno e sua esposa vieram ao Brasil em 1965, para uma sessão conjunta no Parlamento Brasileiro e para uma visita ao Palácio do Planalto em Brasília. No Rio de Janeiro, Abrahão usou sua influência para levar a rainha, em 13 de novembro, para visitar a escola de ensino fundamental que levava seu nome. Foi recebida pelos alunos com bandeiras do Brasil e da Bélgica (figura 66) e os reis inauguraram uma placa para eternizar a visita de ambos. A pesquisa *Outras memórias* encontrou o menino Saulo (figura 67) 59 anos depois da entrega das flores à rainha.

Figuras 66 e 67 – Fotografia da Rainha Fabíola no bairro Jabour e do menino Saulo
59 anos depois



A Rainha Fabíola é recebida por crianças em escola homônima no Bairro Jabour em 13 de novembro de 1965. Na primeira foto, o menino Saulo está à esquerda da rainha. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida. A segunda foto, feita em 14 de julho de 2024, mostra o menino 59 anos depois de entregar as flores para a rainha. Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Julho de 2024.

Uma década depois, o concurso de beleza Garota da Primavera (figura 68) e os Bailes de Debutante badalaram o Jabour Social Clube e mobilizaram o bairro. De acordo com Roberto Gaze, a disputa pela faixa de garota da primavera teve seu auge na primeira metade da década de 70 e era a chance das meninas de representar a vizinhança no concurso municipal de beleza no Maracanãzinho. O clube teve programações com a Orquestra Tabajara, Chacrinha, Renato Aragão e Dedé Santana. Também ficou na memória dos moradores o show de Nelson Cavaquinho no Ginásio Estadual Abrahão Jabour (figura 69 e 70). Sua apresentação aconteceu em 1984, a convite do morador Sérgio Coelho, o “Serjão”, definido pelos seus vizinhos como proativo, colaborou com o bairro movimentando-o culturalmente.

Figura 68 – Fotografias das garotas da primavera



Na foto à esquerda, Tânia, que venceu o concurso de 1973, no Jabour Social Clube, passa a coroa da Garota da Primavera à Deise Cleuve em 1974. Na foto central, Deise desfila como Garota da Primavera de 1974, e, na última foto, passa, no ano seguinte, o título à Crezilda. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figuras 69 e 70 – Fotografias de Nelson Cavaquinho antes e durante show no Jabour



Nelson Cavaquinho antes do seu show no Jabour. Da esquerda para a direita: Nelson, Serjão, Lucia, Maria, Dona Elza, esposa de Nelson, e, ao fundo, Serginho, filho de Serjão, no apartamento de Sérgio Coelho “Serjão” e Lucia. À direita Nelson Cavaquinho se apresenta no palco do Ginásio Abrahão Jabour em 1984. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Sharif Youssef Mamed é conhecido no Bairro Jabour como Ari Mamed e morou na região de 1979 a 2012, quando se mudou para a Barra da Tijuca para depois fixar-se em um sítio em Nova Iguaçu. Os bisavós paternos de Sharif emigraram de Damasco em decorrência do Império Otomano e chegaram ao Brasil em 1930. Com 5 anos, Arabia Mamud já estava prometida a Youssef Mamed, avós de Sharif. Quando esses sírios chegaram na cidade, foram morar em um sobrado na rua General Caldwell, nº 300, próxima ao SAARA, no Centro do Rio e lá ficaram 30 anos. Seus pais, Ari Ufonsel²⁴ Mamed e Renilde Alves Mamed, mudam-se recém-casados para o Jabour movidos pela oportunidade de adquirir um imóvel espaçoso por um preço acessível. Depois dos irmãos Marcos e Fabiano, o filho caçula, Sharif, ganhou este nome no resgate às raízes de seu pai. Sharif, com esse nome singular e sobrenomes característicos, carrega a alcunha de árabe e a carrega com orgulho. Chegou no Jabour com 7 anos, estudou na Escola Abrahão Jabour e permaneceu no bairro por 42 anos. A exceção dos Gaze, cuja história familiar Roberto não soube falar além da ascendência síria, Sharif, no período em que esteve no Jabour, não conheceu outra família residente na região com uma história similar a sua. Mudou-se de lá ao perceber que sua geração já havia se deslocado, mas frequenta semanalmente o bairro para jogar futebol no campo do Mangueirão aos sábados de manhã.

²⁴ O sobrenome Ufonsel do Ari se deu por um erro de grafia no cartório e deveria chamar-se Ari Youssef Mamed.

O falecimento do patrono do bairro impossibilitou-o de ver no que o terreno desértico da antiga Companhia Federal de Fundição e seu entorno se transformaram. Abraão Jabour faleceu em 22 de fevereiro de 1980 aos 96 anos (figura 71). De acordo com o jornal *O Globo*, “em seu enterro havia pobres, políticos, freiras, grandes empresários, representações de escolas, velhinhos, enfim pessoas que foram agradecer ou levar a última homenagem a um homem que só procurava fazer o bem”. A matéria o destacou como homem pobre que se tornou rico e destinou sua fortuna “para a solidariedade humana e a ajuda aos necessitados. A obra que ele deixou está espalhada pelos mais diferentes setores e lugares e beneficia diariamente milhares de pessoas.” (ZOÉ, 1985, p.66) Após a missa de 1 ano de sua morte, a irmã Zoé lançaria o livro *Meu irmão Abraão* no colégio da Imaculada Conceição, ao lado da igreja, cujo relato foi fundamental para a pesquisa.

Figura 71 – Obituário de Abraão Jabour no Jornal *O Globo*

Abraão Jabour, 96 anos de solidariedade humana

Após a missa de sétimo dia pelo Carioca honorário Abraão Jabour, ontem na Candelária, alguém na fila de cumprimentos se aproximou da freira Zoé Jabour e disse: “Seu irmão foi um homem que usou a riqueza como instrumento de solidariedade humana e amar ao próximo e neste momento certamente está no reino do céu”.

O comentário se deve ao fato de ele, homem pobre que se tornou rico, sempre ter mantido sua fortuna voltada para a solidariedade humana e a ajuda aos necessitados. A obra que ele deixou está espalhada pelos mais diferentes setores e lugares e beneficia diariamente a milhares de pessoas. Assinó é com a Cidade dos Velhinhos, em Itacarepaguá, que ele construiu para abrigar, com toda a assistência, 130 pessoas idosas que não têm para onde ir; o Bairro Jabour, em Senador

Camará, onde viveu mais de 30 mil pessoas, que ele criou com uma função social primeira, atendendo-se, sem se importar com o lucro, aos programas governamentais; milhares de crianças e jovens lá passaram pela Escola Raícha Fábola, pela Escola Jorge Jabour e pelo Ginásio Estadual Abraão Jabour, que ele construiu e doou ao poder público. Juntamente com um centro de saúde. Outra obra sua foi a Igreja de Santa Inês, doada à Arquidiocese do Rio, além da sinta permanente ao dispensário dos pobres da Irmandade Conceição, de Botafogo, e um clube recreativo. Fora disso, o seu dia-a-dia era pontilhado de pequenas ações de caridade e amor ao próximo. Tanto que em seu enterro havia pobres, políticos, freiras, grandes empresários, representações de escolas, velhinhos, enfim pessoas que foram agradecer ou levar a última homenagem a um homem que só procurava fazer o bem, pouco se importando com o origem do beneficiário. Pelos serviços prestados ao Rio, o *Globo* lhe conferiu o título de Carioca Honorário.

Abraão Jabour tinha 96 anos, era ilibano, naturalizado brasileiro e foi conhecido como o “Rei do Café”. Foi porque chegou a ser o maior exportador mundial de café e no período de 1969 a 1979 ele exportou 8 milhões de sacas.

Ele tinha uma grande fé em Deus e imenso amor pelo Brasil. Segundo sua irmã, a freira Zoé Jabour, todas as manhãs abria a janela e dizia: “Bom dia meu Deus, meu grande Deus. Bom dia Brasil, como eu te amo meu Brasil. Se o Brasil está bem, todos nós estamos bem. Viva o Brasil, viva o Brasil. Nossa Senhora proteja o Brasil”.

Foi com este espírito que ele viveu e deixou uma grande obra.

A missa de sétimo dia em intenção da alma de Abraão Jabour está marcada para hoje às 11 horas na Candelária.



Abraão Jabour

Sobre o falecimento de Abraão Jabour, o jornal *O Globo* publicou uma matéria, sem assinatura de jornalista, sobre sua vida e obra. 29 de fevereiro de 1980, pág. 12. Fonte: Acervo *O Globo*.

Abraão recebeu, pelo *O Globo*, o título de Carioca Honorário em 1974. O convite para a solenidade, destacava a construção do Bairro Jabour, a Cidade dos Velhinhos, a escola fundada por ele na Urca e a intenção de construir uma universidade em Senador Camará, o que não ocorreu. Também obteve reconhecimento póstumo com o Prêmio Distinção pelos 130 anos da imigração libanesa, dado pelo Consulado Geral do Líbano no Rio de Janeiro em 2018.

Figura 72 – Jornal *O Globo* de 1974O *Globo* de 15 de março de 1974, p. 8. Fonte: Acervo *O Globo*.

Pelas palavras de sua irmã, Abrahão fazia raramente “donativos ligados à projeção social” (ZOÉ, 1985, p.29-30) e ainda assim seu nome tornou-se inerente ao bairro. Ao pesquisar na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, seu nome está frequentemente ligado à sua ação filantrópica, como a Cidade dos Velhinhos (figura 72) e ao Bairro Jabour. Como exemplo, a figura 73 é um anúncio publicado no jornal *O Globo* divulgando a comemoração do centenário de Abrahão que ocorreu na escola municipal Abrahão Jabour no bairro em 1985.

Figura 73 – Anúncio do centenário de Abrahão Jabour no Jornal *O Globo*

Anúncio no canto da página do centenário de Abrahão Jabour. O texto se refere a ele como “construtor do bairro Jabour e da Cidade dos Velhinhos”. Publicado em 28 de junho de 1985 no *Caderno Grande Rio* do Jornal *O Globo*. Fonte: Acervo *O Globo*.

Dois anos depois de sua morte, já era pública a difícil manutenção da Cidade dos Velhinhos. Em vida, Abrahão arcava com as despesas do lugar, mas na sua ausência passaram a cobrar mensalidades de Cz\$ 300,00 a Cz\$ 2,5 mil, sobretudo depois da perda das doações de suprimentos das firmas da região. Na época, a responsável já não era mais a Irmã Zoé e, sim, Inides Nogueira. Em entrevista (figura 74), a irmã afirmou que passavam por uma reorganização. Como solução, promoveram duas campanhas de arrecadação: “Adote uma vovó” e “compre o almoço dominical”, mas não tiveram adesões.

Figura 74 – Jornal *O Globo* de 1987



Matéria “Cidade dos Velinhos em dificuldade” do jornal *O Globo* de 22 de janeiro de 1987, p. 2. Fonte: Acervo *O Globo*.

João Jabour, seu irmão 25 anos mais novo e sócio nos negócios do café, faleceu dia 7 de fevereiro de 1982. De acordo com sua irmã, João havia sido formado pelo primogênito (ZOÉ, 1985, p. 25). A matéria do jornal *O Globo* (09/02/1982) chamada *Família começa a decidir negócios de João Jabour* (p. 17) afirma que ele era o maior acionista individual do Banco do Brasil, com 400 milhões de ações. Tinha participação em outras 63 empresas e veio a falecer com 75 anos. O sepultamento do comendador Jabour ocorreu com a bandeira do clube Sírio e Libanês envolta ao caixão e contou com a diretoria do clube, a presidência do Banco do Brasil, a direção do Clube Monte Líbano (João era presidente de honra), do Jockey Club, parentes e amigos. João também foi conhecido pelo seu Haras e teve dezenas de matérias publicadas sobre suas negociações envolvendo cavalos puro-sangue. O sucessor dos negócios da família foi Mauricio Jabour, filho de João, cuja atuação no mercado foi tratada como grande incógnita.

Figura 75 – Obituário do Jornal *O Globo* de 1982



Obituário do jornal *O Globo* do dia 14 de fevereiro de 1982. Chama atenção a discrepância no tamanho dos anúncios da morte de João Jabour e a quantidade: 6 dos 14. Fonte: Acervo *O Globo*.

Irmã Zoé faleceu em 15 de maio de 2000, aos 84 anos. O obituário do jornal *O Globo* (figura 76) informa a morte, por “velhice”, após dois anos internada no Hospital São Vicente de Paulo, na Tijuca. Foi freira por 57 anos e sua dedicação à população pobre do Rio é que a tornou notável, mesmo que já pertencesse a uma família rica. É lembrada pelo Dispensário dos Pobres, pela Cidade dos Velhinhos e sua influência na sociedade fez falta: as irmãs “sentem saudades dos tempos em que irmã Zoé, com sua vocação para realizar campanhas beneficentes e de conseguir espaço na mídia, atraia ajuda de empresas, redes de restaurantes e socialites” relata a matéria do jornal *O Globo* de 12 de julho de 2019 (p. 24). Por toda sua obra, recebeu, da entidade católica Ordem Soberana de Malta, o troféu Matilde Maresca di Ferrapricola, a Medalha de Honra da Associação Cultural Internacional Gibran e, em 1992, o Prêmio Internacional para a Dignidade da Velhice.

Figura 76 – Obituário da Irmã Zoé no Jornal *O Globo*



Publicação de 16 de maio de 2000, página 20. Fonte: Acervo *O Globo*.

Figura 77 – Jornal *O Globo* de 1988

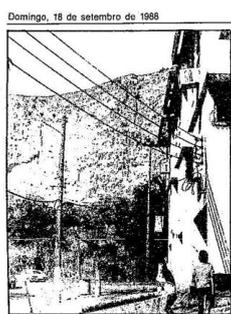


Revista *Zona Oeste* do jornal *O Globo* de 18 de setembro de 1988. Fonte: Acervo *O Globo*.

O processo *sui generis* do Jabour teve em Abrahão a figura de sua formação. Com seu falecimento, o bairro conheceu o descaso político do poder público, característico na região. A matéria d'*O Globo* de 18 de setembro de 1988 (figura 77) relata o pedido de ajuda e afirma que seu fundador “certamente condenaria, com seus discursos apaixonados e contundentes, o abandono a que o bairro foi relegado pelas

autoridades” (p. 12). Aziz Filho, o jornalista, aponta a falta de ônibus, de segurança, de sinalização e de lazer como os principais problemas dos moradores. Um problema recorrente na vizinhança era a pedreira da Emasa (figura 78), que já se encontrava no local na época da construção do bairro. A pedreira levantava muita poeira com suas explosões e estimulou a mudança de muitos moradores. O impasse com a vizinhança se deu porque, por um lado, a empresa gerava renda no local contratando parte da mão de obra e, por outro, sua atuação abalava a estrutura de parte dos edifícios.

Figura 78 – Jornal *O Globo* de 1988



Com explosões na pedreira, casas recebem a poeira

Pedreira é a vizinha que mais incomoda

Mas a maior pedra no sapato da comunidade do Jabour continua sendo a pedreira da Emasa, que já se encontra no local quando Abrahão Jabour teve a ideia de construir o bairro. Segundo os moradores, as explosões levantam muita poeira e já levaram muitos a abandonarem o local por causa da alegria das crianças. Ao ouvir o barulho ensurdecedor das dinamites, não resta outra saída: os moradores a não ser proteger a cabeça dos filhos. Mesmo com tantos problemas, nem todos concordam em que a única solução esteja na sua desativação. Haroldo Tavares Lobo, cartista do Sindicato que mora no Jabour desde 1961, lembra que a Emasa emprega grande parte da mão de obra local e teme que a saída da firma cause a criação de uma grande favela em frente ao Largo Ludgero. A ponderação é dividida com o capitão reformado Djálima de Melo Lima, de 65 anos, para quem a melhor forma de

minimizar os efeitos das explosões seria uma fiscalização efetiva dos métodos de exploração.

Os órgãos competentes deveriam fiscalizar com mais rigor os detonamentos, exigindo, pelo menos, que eles borrem água para a poeira não ir tão alto. Vários engenheiros já constataram a fissura na estrutura de alguns edifícios — diz o Capitão.

Os diretores da Emasa garantem que a pedreira é regularmente fiscalizada pela Prefeitura e que todas as exigências do órgão são cumpridas com rigor. Segundo Cleon Simões, assessor da diretoria, as reclamações dos moradores não procedem porque há oito anos foi instalado um dispositivo anti-poeira, impedindo que a poeira prejudique o bairro. Outra medida adotada pela empresa com o objetivo de minimizar os efeitos das explosões foi plantar, há cerca de quatro meses, eucaíptos ao seu redor.

Revista *Zona Oeste* do Jornal *O Globo* de 18 de setembro de 1988.

Fonte: Acervo *O Globo*.

Com o tempo, a sensação de insegurança no bairro tornou-se recorrente. Assim como em Bangu e Senador Camará, o Bairro Jabour também teve as escolas Abrahão Jabour, Jorge Jabour e Rainha Fabíola fechadas pelo tráfico de drogas. A matéria *A Zona Oeste pede socorro* (figura 79) narra a passeata de 12 mil moradores da região contra as medidas do crime organizado em 2002. Pelo menos 30 escolas e dois postos de saúde alteraram suas rotinas por causa de tiroteios e ordens do tráfico: “Quando o tiroteio começa a gente já sabe que os pais vêm buscar seus filhos. Os tiros são como o sinal tocado no fim das aulas”, diz uma professora na matéria. Esse problema se estendeu pelo menos até setembro, quando as escolas decidiram repor as aulas perdidas aos sábados, conforme a matéria *Tráfego força mudança no ano letivo*, de 22

de setembro de 2002 do mesmo jornal. Esse ano foi especialmente violento, pois foi quando Hermeto Pascoal, morador há 44 anos, decidiu se mudar do Jabour para Curitiba, Paraná. O músico disse em entrevista que “a metralhadora come direto aqui” e estava esperando a venda do sítio de Campo Grande para se desfazer da sua casa no bairro. Na época, o confronto entre os traficantes da favela do Rebu e do Sapo era frequente e os moradores sofreram as consequências do conflito, tanto na segurança quanto na locomoção. Em 29 de dezembro de 2007, um ônibus da Viação Oriente foi incendiado em Senador Camará e um ônibus da Viação Jabour foi apedrejado. Os ataques seriam uma represália à operação da PM, na qual um chefe do tráfico teria sido baleado, como afirma a matéria do jornal *O Globo* (p. 19).

Figura 79 – Jornal *O Globo* de 2002



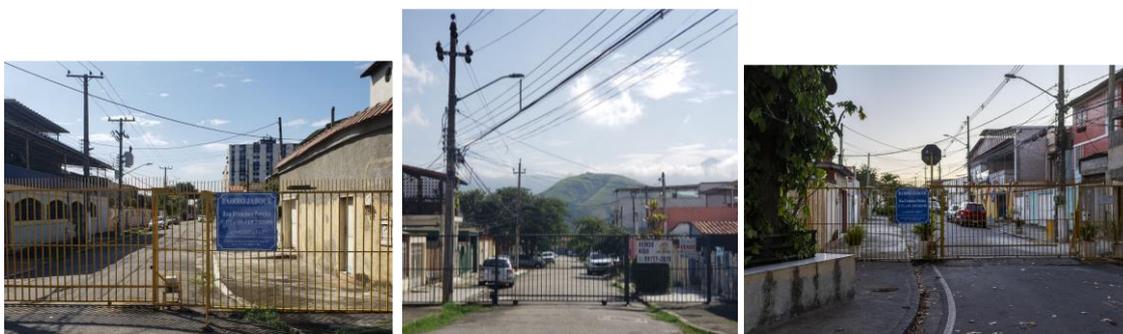
Matéria de uma página sobre a passeata de moradores contra o fechamento de escolas e postos de saúde pelo tráfico. A publicação é do *Caderno Cidade* do Jornal *O Globo* de 11 de julho de 2002. Fonte: Acervo *O Globo*.

A falta de segurança tomou o Jabour a partir de seu entorno. A primeira década dos anos 2000 marcou a região com a guerra entre as facções do Terceiro Comando, Comando Vermelho e o 14º Batalhão de Polícia Militar de Bangu. De acordo com o jornal *Folha de São Paulo*, na matéria *Bairro vira área de confrontos de facções*, de 12 de janeiro de 2002, um dos principais responsáveis pela guerra era o traficante Robinho Pinga, do Terceiro Comando. “Líder do tráfico no Rebu e em mais seis favelas em Senador Camará (Coréia, Cavalo de Açó, Jabour, Marco Sete, Jacaré e Coroadó),

Pinga vem tentando, há vários meses, tomar os pontos de venda de cocaína e maconha das favelas do Sapo e Viegas, controladas pelo Comando Vermelho e que são vizinhas das áreas que estão sob seu domínio.” A troca de comando na região foi tão volátil que o Rebu, de Robinho Pinga do Terceiro Comando, era, historicamente, território de Rogério Lemgruber, o Bagulhão, cofundador do Comando Vermelho.

Dessa forma, a sensação de insegurança se fez presente no Bairro Jabour. Moradores de algumas ruas, como a Byblos, entraram em consenso e colocaram grades nas quadras (figura 80). Elas ficam abertas durante o dia e impedem o acesso à noite daqueles que não têm o controle para abri-las. Nem todas as quadras são integralmente residenciais. Em uma delas, por exemplo, funciona uma creche. Consentir a grade foi a forma que a vizinhança encontrou de buscar um sentimento antigo de segurança no bairro.

Figura 80 – Fotografias das grades no bairro Jabour



As fotografias mostram os portões fechando a passagem e dando acesso exclusivo aos moradores em algumas ruas do Bairro Jabour. Fonte: A autoria de Bruno Bou Haya. Julho e agosto de 2024.

Se não fosse Abrahão Jabour a investir na região, a área que fora um dia dos *Okaranti* teria, com certeza, outro nome que não o sobrenome de seu fundador. Diferentemente das outras áreas, o planejamento urbanístico atribuiu ao bairro uma identidade própria, fruto de um padrão de organização: as casas características, a sequência do projeto dos prédios baixos e as dimensões da quadra replicadas sucessivamente. A praticidade, a diversidade do comércio e a cercania das atividades essenciais oferecem até hoje ao morador a chance de investir seu tempo no local para construir, assim, seu senso de pertencimento. A presença libanesa ali imprimiu a sua etnicidade com o convite de Abrahão ao arcebispo da Igreja Ortodoxa para celebrar os progressos do seu projeto, mas a questão étnica se inscreveu definitivamente a partir da movimentação dos moradores em chamar as ruas do bairro com nome de cidades

libanesas em homenagem ao seu patrono. Sendo a iniciativa dos moradores, ela sinaliza o agradecimento ao idealizador e financiador dessa construção coletiva, e não uma vontade de Abraão em destacar sua origem.

É provável que a ideia do bairro tenha surgido com a experiência da Igreja Ortodoxa, à qual Abraão estava ligado. Graças à atuação empresarial do Arquimandrita²⁵ Basílio Chahin, “o primeiro investimento árabe na expansão urbanística do Rio de Janeiro foi o bairro São Nicolau, criado pela Sociedade Ortodoxa de São Nicolau em São João de Meriti” (PINTO, 2010, p. 137) na década de 40. Os lotes foram comprados pelos membros da Igreja, como Jabour, Jafet, Haddad, Helal, Tranjan, Chamma e Habib. A compra dos lotes tinha um caráter tanto de investimento, devido à proximidade com a estrada para Minas Gerais, como um gesto solidário à instituição religiosa. Com esse dinheiro, a Igreja de São Nicolau conseguiu erguer um anexo de 11 andares para abrigar os padres (IBIDEM, p. 138).

O caso de Abraão no Bairro Jabour encontra semelhanças com Gabriel Habib em Areal. Embora este não tenha um caráter tão filantrópico quanto o daquele, Habib conseguiu persuadir as autoridades a criar uma escola no bairro e a estender a luz elétrica até o local. No início, Gabriel Habib abriu uma olaria para produzir tijolos e telhas necessárias para as futuras construções. “Em seguida construiu uma padaria, açougue, armazém quitanda e barbearia, criando um núcleo comercial que na visão dele atrairia moradores para a região” (IBIDEM, p. 139). O entorno se desenvolveu com estradas valorizando a área e Gabriel Habib investiu em casas populares “agrupadas em torno de um descampado que servia de praça” (IBIDEM), enquanto a primeira loja de armarinho de Areal foi de sua família.

De acordo com Berliet Júnior, em *O romance de um imigrante: vida e obra de Gabriel Habib* (1988), o investimento em moradia popular e no entorno feito por ele estava na ordem moral em agradecimento à sociedade brasileira. Em *Brimos* (2020), Diogo Bercito também atribui a criação do Hospital Sírio-Libanês, pela conterrânea Adma Jafet, a um desejo de gratidão ao Brasil. Nesses casos, circunscritos à elite libanesa no Brasil, existe uma história que se repete nos chamando atenção para o

²⁵ Na Igreja ortodoxa, o arquimandrita é o superior de um mosteiro.

caráter político desta narrativa, tal qual a seleção das memórias enquadradas (POLLAK, 1992) desta comunidade. Por mais que alguns desses imigrantes tenham prosperado nessas terras, o Brasil, como vimos, não os receberam bem, oferecendo resistência e preconceito com sua cultura.

Por mais que o Bairro Jabour pareça ter angariado mais recursos de seu fundador que Areal, não parece coincidência que Abrahão e Habib tenham empreendido em moradias populares. Suas histórias de vida oferecem uma coesão a esses atos: o interesse de um cidadão de baixa renda em ter sua casa é fruto dos mesmos desejos auspiciosos de um imigrante em busca de um lugar. Dessa forma, ambos fizeram desses projetos “instrumento de intervenção social junto às classes populares (...) que legitimaria e consolidaria sua inserção privilegiada na sociedade carioca” (PINTO, 2010, p. 147).

Figura 81 – Mapa do Estado de Goiás.



O ponto vermelho é o município de Professor Jamil. Fonte: Wikipedia.

Não obstante, ainda existe outra experiência em que libaneses participam de decisões sobre um território: Taufic e Jorge Salim Safady resolveram prestar uma homenagem a seu irmão Jamil Salim Safady, ao nomear uma pequena cidade de Goiás de Professor Jamil (figura 81). De acordo com o Censo do IBGE de 2022, a população do local é de 3.649 habitantes, aumentando 8,12% em comparação ao censo de 2010. O início do município remonta a criação de um campo de futebol, em 1942, que seguiu para a construção de uma rodovia estadual e mutirões em benefício da região. A população local cresceu e, de acordo com a versão oficial da prefeitura em seu *site*, logo chegaram

À condição de distrito do município de Piracanjuba. Pela Lei nº 11.404, de 16 de janeiro de 1991, ficou criado o município de Professor Jamil. A denominação do município foi uma homenagem que dois de seus mais importantes pioneiros, Taufic e Jorge Salim Safady, resolveram prestar a seu

irmão Jamil Salim Safady. (Prefeitura Municipal de Professor Jamil, <https://professorjamil.gov.br/historia/>, acessado em 04/10/2024)

Ao analisarmos a vida de Abrahão Jabour, encontraremos seu “próprio eixo sobre o qual se constrói a narrativa da história da família como um todo (MAUAD, 2000, p. 112). Sua história nos mostra uma trajetória típica do *self-made man*, cujo sobrenome valia pouco até agregar valor a ele no comércio, angariando capital político na sociedade. Seu percurso tem muita semelhança com a memória enquadrada pelos imigrantes libaneses, porém é possível encontrar também divergências com seus conterrâneos.

Como vimos até aqui, essa imigração foi fruto de um processo social que se apoiou na própria comunidade no Brasil. Portanto, é impossível analisar sua história sem considerar sua família. Elias, seu pai, aportou no final do século XX, em um fluxo intenso de sírio-libaneses no Brasil. Como tantos, mascateou e cruzou o oceano três vezes em sintonia com seus conterrâneos, bem como efetivou a abertura de um armazém no interior do Brasil. Quem desvirtuou da prática foi Abrahão: por mais que seu sucesso tenha sido na área comercial, não houve tantos imigrantes libaneses como produtores rurais e sua empresa chegou a ser a maior exportadora de café do mundo. Nesse sentido, sua história rompe com a alegoria do árabe que enriqueceu no Brasil na loja ou na indústria têxtil, assim como a de seu irmão, o comendador João Jabour, que fora o maior acionista particular do Banco do Brasil. Afinal, não seria viável pensar que a presença libanesa de mais de um século na região, com milhões de pessoas no país, produzisse uma história única (ADICHIE, 2019).

Contudo, a família Jabour adquiriu costumes e práticas brasileiras, como muitos outros conterrâneos. Não é de se espantar que, ao longo da sua presença no país, tenham deslocado suas missas da Igreja Ortodoxa, na rua Gomes Freire, na Lapa, para a Igreja Imaculada Conceição, na praia de Botafogo. Nota-se tal fato ao comparar o local da missa de sétimo dia de Elias Jabour (27/10/1948) com a missa de um ano de falecimento de Abrahão (22/02/1981). Era comum para muitas famílias libanesas, tanto ortodoxas como maronitas, migrar de seu grupo confessional no Líbano para frequentar a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil. De acordo com Claude Fahd Hajjar, “o número de ortodoxos é bastante elevado, mas milhares de imigrantes (...) acabaram aderindo aos rituais católicos” (1985, p. 79). É claro que o caso da família

Jabour teve forte influência de Carmem, a Irmã Zoé, mas independente da razão, o fato diz respeito às negociações de uma família inserida em uma nova sociedade com suas tradições. Entendendo-a, Abrahão constrói, no Bairro Jabour, a Paróquia Santa Inês, submetida à Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, na praça que leva o nome de seu pai, Elias Jabour, frequentador da Igreja Ortodoxa.

O fato de Abrahão não ter dedicado especialmente o Bairro Jabour para seus semelhantes o afasta, ainda mais, da história pública e intensamente trabalhada pelos sírio-libaneses. A pesquisa apurou e trouxe relatos sobre redes de apoio a patrícios recém chegados, como mostra Rosa: “mascatear era a atividade inicial dos recém-chegados, que na maioria das vezes, se hospedaram na casa de ‘patrícios’ e amigos que já se dedicaram a esta atividade, o que estreitava ainda mais os laços entre eles.”(2001, p. 57, *apud* TRUZZI, 2019, p.3) Oswaldo Truzzi (2008a) completa:

Desde o início havia uma clara noção, fornecida pelos que chegaram antes, de por onde deveria começar, do tipo de mobilidade a ser perseguida, de qual era o nicho em que a colônia havia se entrincheirado com sucesso, de onde portanto, existia uma rede de conterrâneos funcionando efetivamente: provendo emprego, treinando e socializando o recém-chegado. (p.68)

Ao bem da verdade, em alguns casos, a solidariedade não era a força motriz e, sim, a oportunidade de contratar alguém pagando pouco. Mas, no caso da formação deste bairro, cujo caráter filantrópico foi amplamente divulgado pela mídia devido à facilidade no financiamento dos imóveis, seria coerente com sua trajetória apoiar famílias com passado similar. Essa ausência poderia indicar uma postura empreiteira de seu patrono em vista à especulação imobiliária, ao planejar um bairro em um grande terreno vazio e agregar valor a ele vendendo casas já construídas, o que retiraria o caráter de caridade no ato.

Contudo, ao sincronizar a jornada dos imigrantes com o surgimento do bairro, veremos que os sírio-libaneses já haviam se dissipado do centro pela cidade em busca de uma casa para suas famílias. Esse processo deu lugar a um convívio menos frequente da comunidade árabe em comparação aos encontros diários na rua da Alfândega e região. Aliado a isso, nos anos 70, a imigração libanesa para o Rio de Janeiro já minguara. Dessa forma, a conjuntura dos imigrantes já estabelecidos, com contato

mais escasso entre si (HAJJAR, 1985, p. 44) e a ausência de patrícios recém-chegados podem ter pavimentado o caminho sem libaneses no Bairro Jabour.

Robert Park, cofundador da escola de Chicago, buscou em seus trabalhos compreender os processos de interação entre indivíduos, comunidades e seu ambiente urbano. Em *A Cidade: sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano* (1916), Park aponta a vizinhança como a menor unidade local da organização social e política da cidade. Para ele,

todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com os sentimentos peculiares à sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua. Dentro dessa vizinhança a continuidade dos processos históricos é de alguma forma mantida. (p. 581)

Para o sociólogo, “estrutura e tradição são aspectos apenas diferentes de um complexo cultural comum que determina o que é característico e peculiar na cidade” (IBIDEM, p. 580), pois ela se faz a partir dos costumes e hábitos de seus moradores. Segundo Park, “a consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma à outra” (IBIDEM).

Figura 82 – Fotografia de faixa no bairro Jabour



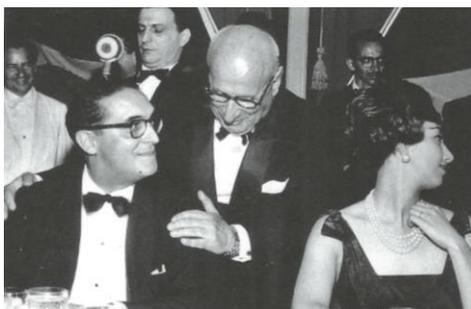
Faixa celebra as esferas sociais (moradia, educação, saúde e religião) atendidas no Bairro Jabour. 1966.
Fonte: PINTO, 2010. Acervo de Georges Hage. Autoria desconhecida.

Deve-se enxergar a criação do bairro a partir das questões em voga naquela sociedade: havia no Brasil um discurso de progresso nacional promovido pelas instituições vigentes. Não por acaso, a figura 82 traz eixos da esfera social (moradia,

educação, saúde e religião) atendidos no Jabour, congratulando seu patrono. O eixo “religião” evidencia o tom moral das esferas sociais trazidas na faixa. Tal qual Abrahão, a parcela mais abastada da comunidade árabe desta época não só afirmou sua importância para a sociedade brasileira com seus planos de negócios, como também subscreveu a política vigente do país, a época governada pelos militares.

A retomada do conservadorismo no Brasil veio com a instauração da ditadura militar encerrando o governo progressista de João Goulart (PTB) em 1964. Embora esses valores nunca tenham deixado o país, o golpe de caráter civil-militar adotou medidas impopulares capazes de “assegurar os lucros dos grupos financeiros internacionais e dos seus aliados internos” (PRESTES, 2019, p. 115). O golpe “contou com a participação do grande empresariado nacional e estrangeiro e de políticos civis de direita (...) e dele resultou o estabelecimento de uma *ditadura militar*.” (IBIDEM, p. 116). Uma vez estabelecida, a ditadura brasileira (1964-1985) sofre, de acordo com a historiadora Anita Prestes (2019), um processo de fascistização com o Ato Institucional nº5, decretado em 13 de dezembro de 1968, para controlar as lutas populares dos trabalhadores e do movimento estudantil.

Figura 83 – Fotografia de Abrahão Jabour com Carlos Lacerda e Letícia Abruzzini



Carlos Lacerda, Abrahão Jabour e possivelmente Letícia Abruzzini, esposa de Lacerda.
Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Data e autoria desconhecidas.

O Rio de Janeiro, como antiga capital da República, não foi exceção: tais valores ideológicos se propagaram e foram defendidos de forma transversal na sociedade carioca. Abrahão, na elite da cidade, esteve no ambiente do poder com Carlos Lacerda (figura 83), Chagas Freitas e com seu irmão Jorge, deputado federal udenista, entre outros. A frase atribuída a Abrahão por sua irmã, a Zoé, coloca-o em consonância com a situação política do país e com as visitas que recebia em seu palacete na Urca. Segundo Zoé, para Abrahão, “quando o pobre se torna proprietário, deixa de tornar-se

comunista” (1981, p. 36). O imóvel próprio era a certeza da anestesia da luta por igualdade e justiça social, favorecendo o *status quo* e garantindo sua fortuna. Entende-se, portanto, que era preferível ceder uma ínfima parte do seu montante a correr o risco de ter um país efetivamente mais igualitário. Dessa forma, a generosidade de Abrahão, muito presente na sua biografia, começa a ter outros contornos ao ser contextualizada com o momento político do país.

Mansour Chalita, na apresentação do livro da Irmã Zoé (1985), fala da desigualdade do país sem relacioná-la ao regime político vigente, a ditadura militar: “Os super-ricos ainda não descobriram que se deixassem aos herdeiros 52 bilhões em vez de 58, ou 180 em vez de 186 e gastassem o saldo em obras humanitárias os herdeiros não sentiriam a diferença, mas os pobres a sentiriam, o país a sentiria” (p. 14). Embora Mansour tenha escrito esta frase para diferenciar Abrahão dos outros ricos, a frase do Abrahão Jabour sobre comunistas o iguala aos ricos “menos solidários”: a alta classe brasileira, seja de qual etnia for, lucra com a desigualdade: por vezes financeiramente e por outras angariando capital simbólico - como na fase final da vida de Abrahão. Tal qual a maioria dos ricos no Brasil, Abrahão não se interessou em emancipar a classe trabalhadora, mas, diferentemente deles, buscou impactar uma área de forma notável e foi capaz de contribuir socialmente no regime político dos seus aliados.

Naquela época e ainda hoje, a ideia de ordem social é vista como um mecanismo de garantia de estabilidade política e econômica para os bens e investimentos dos ricos. Por tanto, pode-se dizer que o que foi visto historicamente como um trabalho filantrópico por Abrahão teve, na verdade, um caráter ideológico.

De acordo com Jaime Dias, o bairro foi beneficiado pela ditadura militar. Os governadores biônicos da Guanabara²⁶ indicados pelo governo federal favoreciam o local por ser um bairro de militares, aplicando os investimentos nos equipamentos públicos (figura 84). Segundo o morador, que reside no Jabour desde seu nascimento, o ginásio do bairro, isto é, o atual 6º ao 9º ano, foi considerado a terceira melhor oferta

²⁶ A Guanabara foi um estado do Brasil de 1960 a 1975, que existiu no território correspondente à atual localização do município do Rio de Janeiro. Em sua área, esteve situado o antigo Distrito Federal.

de educação escolar do município, com cinema, laboratório de química, curso de música e de língua estrangeira (como mostra a figura 45). Segundo ele, por mais que a escola fosse pública, somente os moradores do bairro podiam estudar ali, o que impedia, por exemplo, seus amigos residentes no complexo da Coréia e adjacências de serem seus colegas de sala. Jaime acredita que essa exclusão não qualificou a escola como ótima, mas provou como a seleção de alunos com mais condições sociais foi importante para atingir o reconhecimento da escola pelo poder público municipal, e completa: a melhor educação é a que transforma vidas.

Figura 84 – Jornal *A Gazeta Rural* de 1971



A matéria “Governo da Guanabara vê com entusiasmo progresso do Bairro Jabour em S. Camará”, de *A Gazeta Rural*, diz que “a expressão do governador da Guanabara na solenidade de inauguração de uma série de obras no Bairro Jabour fez emocionar o seu criador.” Fonte: Acervo de Roberto Gaze.

Eric J. Hobsbawm, em *A era do capital (1848 – 1875)*, descreve o mundo burguês, o ambiente e a lógica dessas pessoas no norte global. A figura de Abrahão se encaixa perfeitamente na descrição de um burguês europeu do século XIX. Utilizou uma roupa para passar-se por capitalista do arroz em São Paulo, em busca de mobilidade social, e construiu um lar capaz de o colocar na elite carioca de maneira ativa. Tanto a vestimenta quanto o lar cumprem papéis fundamentais na burguesia. A família Jabour, tal qual a sociedade burguesa, não foi só uma unidade social básica, mas uma imprescindível peça para o sistema de propriedade e o modelo de negócios. A diversidade na atuação da família lhes ofereceu articulação e recursos com comendadores, políticos, freiras e empresários. Nem sempre Abrahão exerceu sua hegemonia dentro do estado pelo lucro, pois renunciou a ele mesmo sendo “a coisa mais importante pela qual os burgueses lutavam” (p. 243). Como muitos burgueses,

sessou sua motivação pelo lucro “assim que trazia riqueza em quantidade adequada” (IBIDEM).

É possível notar as mudanças nos objetivos de Abrahão quando ele se consolidou na elite carioca. Ana Maria Mauad, ao analisar os álbuns da família da década de 40, chama o momento de “tempo de aproveitar” e percebe a “ênfase nos espaços domésticos localizados no Rio de Janeiro, apontando para a conquista definitiva da cidade pelo imigrante endinheirado” (2000, p. 120). Abrahão viabilizou e sustentou a Cidade dos Velinhos até sua morte e, no Bairro Jabour, facilitou o financiamento das moradias. De acordo com Hobsbawm,

uma das principais características da burguesia como classe era que consistia num corpo de pessoas com poder e influência, independente do poder e influência derivados de nascimento ou *status*. Para pertencer a ela, um homem tinha que ser “alguém”; uma pessoa que contasse como *indivíduo*, por causa da sua riqueza, capacidade de comandar outros homens, ou de influenciá-los de alguma forma (p.250).

Figura 85 – Fotografia da placa da Rua Abrahão Jabour no Recreio dos Bandeirantes

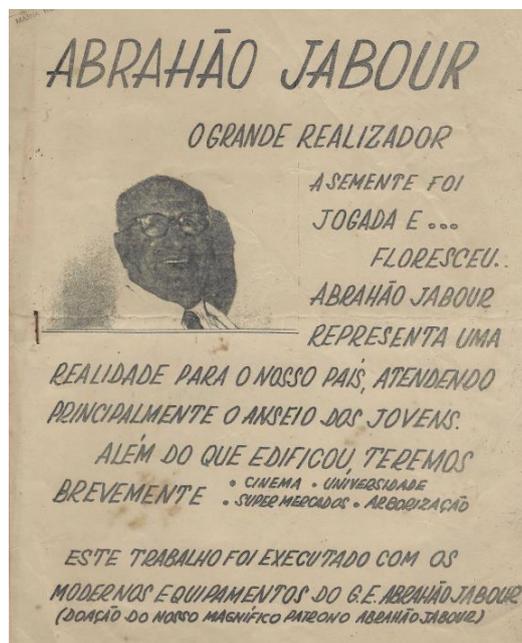


A placa atribui a ele somente a criação da Cidade dos Velinhos.
Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Para Hobsbawm “ser burguês não era apenas ser superior, mas implicava também ter demonstrado as qualidades morais equivalentes às antigas qualidades puritanas” (p. 251). Nesse processo de criação do bairro, Abrahão Jabour não só ganhou muito capital político e social (figura 85) como estabeleceu claramente uma relação de superioridade (figura 86), algo fundamental no mundo burguês. Abrahão foi destacadamente naquele território e, de certa maneira, ao longo da sua vida no Rio de Janeiro, “um homem a quem ninguém (exceto o Estado ou Deus) dava ordens, mas que determinava-as a si mesmo” (IBIDEM, p. 252). Satisfeitas, as instituições criadas por Abrahão (Escola Abrahão Jabour, Paróquia de Santa Inês, moradores do bairro Jabour, Cidade dos Velinhos e Dispensário dos Pobres) acabaram lhe acompanhando em vida

e o seguiram em seu falecimento. Cinco das oito assinaturas do anúncio da missa de seu centenário (figura 87) correspondem às instituições dos seus atos filantrópicos.

Figura 86 – Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho



Anexo a carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho, então ministro da Educação e Cultura do Brasil, em que pede autorização para construir uma universidade no bairro Jabour. 5 de março de 1971. Fonte: Acervo de Mariana Jabour.

Esse capital simbólico, construído ao longo de sua vida, foi intensificado quando sua imagem é atrelada a de uma figura solidária, que cria a Cidade dos Velhinhos e o Bairro Jabour. Em um tempo sem fundações personalíssimas que levam o nome de seu fundador, impressionou aos beneficiados e ao poder público a quantidade de equipamentos doados por Abrahão e destinados aos moradores da região. Não bastou construir escolas públicas; elas foram bem equipadas e ofereciam atividades para completar a formação dos jovens (figura 45). Fica a impressão de que o plano não era só oferecer a gama de serviços essenciais no bairro, mas fazê-lo com qualidade. Dessa forma, o projeto urbanístico transformou “o empreendedorismo econômico etnicamente marcado pela sua associação com a identidade libanesa e ortodoxa em dádiva social, afirmando a importância dos imigrantes de fala e cultura árabe para o progresso da sociedade brasileira” (PINTO, 2010, p. 146).

Figura 87 – Comunicado da missa de centenário de Abrahão Jabour



Publicação de 11 de janeiro de 1985, no *Caderno Grande Rio* do Jornal *O Globo*.
Fonte: Acervo *O Globo*.

Abrahão, os sírio-libaneses e o Bairro Jabour ocupam uma posição intermediária na sociedade carioca e brasileira. O bairro, embora não esteja geograficamente no centro, tem atributos de espaço nobre: o ordenamento do espaço, as grandes calçadas e a disposição e variedade dos serviços do bairro suprem a posição periférica e entregam qualidade de vida aos moradores. A condição de intermediário não deve ser vista como nenhum demérito para aqueles que a ocupam, mas tal compreensão esclarece sua situação: um bairro historicamente cobiçado na região, que por vezes sofre com a violência externa, e é ocupado pela classe média.

Sem sangue europeu ou africano, os sírios e libaneses foram tanto estigmatizados por sua cultura como buscaram se desvencilhar das questões mal resolvidas da escravidão no país. O papel de burguês incorporado pelos árabes interferia pouco no arranjo social brasileiro: os proprietários de terras seriam as famílias ligadas às capitânicas hereditárias e aos recém-chegados imigrantes europeus e japoneses. A atividade comercial, ainda malvista naquela cultura colonial, seria cumprida por alguém novo: sem o privilégio do ruralista ou a mazela do regime escravocrata sobre si.

Os árabes valeram-se da imagem de negociantes que o Brasil tinha deles e se propuseram a negociar. Se no primeiro momento a aristocracia rural não os favorecia, organizaram um grupo de pressão e ocuparam com muita propriedade o ideal burguês. No meio, os recém-chegados sírio-libaneses não iam morar nas áreas nobres ou na periferia; moravam no centro das cidades. Como intermediários, não produziam a matéria-prima da indústria têxtil, mas a trabalhavam transformada em produto

acabado para o consumidor final. Operaram a lógica burguesa, como Abraão Jabour, e contribuíram não só com o setor econômico, mas também na política brasileira.

Abraão foi, como seu grupo étnico, um intermediário. Enriqueceu como beneficiário do arroz e do café: teve sucesso como atravessador entre produtores e consumidores. Depois, fez a mediação entre o estado e os moradores do Jabour, ao estimular o interesse na área, cuidando das necessidades daqueles que habitavam a região, ficando entre estes e o poder público.

Depois de os indígenas *Okaranti* serem dizimados pelos portugueses, as terras do Bairro Jabour e região passaram muito tempo produzindo para subsistência da elite, primeiramente como colônia e depois como área rural da cidade do Rio de Janeiro de um Brasil República. Quando Abraão renunciou ao seu quinhão na venda da Companhia Federal de Fundação para ficar com a área do bairro, ele era árido e pouco atraente. Como comerciante do café, sabia que, com seus investimentos e capital político, seria possível transformá-lo em um local atraente o suficiente para sua última safra: trocou as sacas de café pela venda de habitações e interessou diversas pessoas, como Hermeto Pascoal, um multi-instrumentista mundialmente conhecido. O movimento gerado por Hermeto, como falamos no começo do capítulo, deu música: Joyce Moreno ensina como chegar no Bairro Jabour para visitar seu mestre alagoano, com a canção "Na Casa do Campeão".

Algum tempo depois de um libanês decidir escrever sua história na terra seca carioca passando a ser chamado de vovô Jabour pelos novos moradores do local, o percurso enfrentado seguidas vezes por ele da zona sul até o local em seu Galaxie Landau ganhou *swing* com influências da bossa nova, síntese tão brasileira quanto a pluralidade cultural que nos define enquanto nação. De acordo com a letra,

“Pega a Avenida Brasil no km 32
Quando à direita aparece o Motel Carbonara
Você vai ver uma placa indicando Bangu
Entra à direita na placa
Passa por baixo do elevado
E procura o Jabour (...)”

Figura 88 – Fotografia de casa tradicional do Bairro Jabour



Uma casa tradicional 9x25m do Bairro Jabour, localizada na rua Byblos, com uma placa com o nome da rua na sua fachada.

Fonte: Autoria de Bruno Bou Haya. Agosto de 2024.

Apêndice

As fichas consulares de qualificação para ingresso no Brasil foram localizadas no portal *Family Search* do Arquivo Nacional, nos registros "Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1965".

Figura 89 – Frente da ficha Consular de minha bisavó, Catherine Sleiman Bou Haya

262

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MÓDULO S.C. 130

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso CATHERINE SLEIMAN BOU HAYA

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 7967, de 1945

Lugar e data de nascimento Knaiweir-Líbano em 1894

Nacionalidade LIBANESA Estado civil Viúva

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Youssef e Bannoura Safi

Profissão ---

Residência no país de origem Knaiwer LIBANO

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 14850 expedido pelas autoridades de Segurança Geral Libanesa na data 1-9-55

visado sob n. 943

ASSINATURA DO PORTADOR

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias iguais

SERVIÇO CONSULAR DO BRASIL em Beirute LIBANO

14 de outubro de 1955

O CONSUL: A. DE PIMENTEL BRANDAO

Ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil da minha bisavó Catherine Sleiman Bou Haya, mãe de Badiha Bou Haya, minha avó. Fonte: Arquivo Nacional. 1955.

Figura 90 – Verso da ficha Consular de minha bisavó, Catherine Sleiman Bou Haya

OBSERVAÇÃO — As autoridades consulares não furdão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque Embarcação Augustus

Permanência em território nacional até
15

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades d registro n.

Foi residir à

Vai trabalhar

Pretende deixar o Brasil pelo porto de

Observações

H & S Ltd.
Esteroovtpade
9/9/55

Verso da ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil da minha bisavó Catherine Sleiman Bou Haya, mãe de Badiha Bou Haya, minha avó.
Fonte: Arquivo Nacional. 1955.

Figura 91 – Frente da ficha consular do meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya

77

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S. C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso DOUMIT SLEIMAN BOU HAYA

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 9967, de 1945

Lugar e data de nascimento Beit Menzer Líbano em 1927

Nacionalidade Libanesa Estado civil Solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Sleiman e Catrine Bou Haya

Profissão Agricultor

Residência no país de origem Beit Menzer Líbano

NOME IDADE SEXO

FILHOS
 MENORES
 DE 18 ANOS

Passaporte n. 1529 expedido pelas autoridades de Chefe da
Polícia Libanesa na data 19-2-51

visado sob n. 736

ASSINATURA DO PORTADOR:

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Selo Consular: Serviço Consular do Brasil em Beirute Líbano em 11 de Abril de 1951. O CONSUL: João D. Mohett



Ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil do meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya. Fonte: Arquivo Nacional. 1951.

Figura 92 – Verso da ficha consular do meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya.

OBSERVAÇÃO — As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 11/7/51 Embarcação Florida

Permanência em território nacional até Permanente

Certeira de identidade policial expedida pelas autoridades d _____

registro n. 293098

Foi residir à Estada Nazareth 129.

Vai trabalhar _____

Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____

Observações Doc. cons. 2. Beit Menzer J.

Verso da ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil do meu tio-avô, Doumit Sleiman Bou Haya. Fonte: Arquivo Nacional. 1951.

Figura 93 – Frente da ficha consular do meu tio-avô, Hanna Bou Haya

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

MODELO S.C. 129

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no pórtico de destino

Nome por extenso HANNA BOU HAYA

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

Nos termos do art. (9º) letra -- do dec. n.º 1.287, de 1945

Lugar e data de nascimento Beit Menzer LIBANO em 1911

Nacionalidade Libanesa Estado civil Solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Suleiman e Catherine Bou Haya

Profissão Agricultor

Residência no país de origem Beit Menzer LIBANO

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 655 expedido pelas autoridades de Beirute-LIBANO em 13 de Junho de 1947

Segurança Gal. Libanesa na data 29-1-47

visado sob n. 322

ASSINATURA DO PORTADOR :
Hanna Bou Haya

SELO CONSULAR
Serviço Consular do Brasil
em Beirute-LIBANO
13 de Junho de 1947
FRANCISCO JOSÉ NOVAIS COELHO
Secretário - Encarregado do Serviço Consular

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil do meu tio-avô, Hanna Bou Haya.
Fonte: Arquivo Nacional. 1947.

Figura 94 – Verso da ficha consular do meu tio-avô, Hanna Bou Haya

OBSERVAÇÃO - As autoridades consulares não farão lançamentos nesta parte da ficha

Data do desembarque 29/8/47 Embarcação Juvis

Permanência em território nacional até _____

Carteira de identidade policial expedida pelas autoridades de _____ registro n. _____

Foi residir à _____

Vai trabalhar _____

Pretende deixar o Brasil pelo porto de _____

Observações _____

Verso da ficha consular de qualificação para ingresso no Brasil do meu tio-avô, Hanna Bou Haya.
Fonte: Arquivo Nacional. 1947.

Os anexos a seguir foram coletados do acervo de Mariana Jabour e cedidos pelo Laboratório de História Oral e Imagem, o LABHOI, da Universidade Federal Fluminense.

Figura 95 – Fotografia de armazém de café em Providência, MG

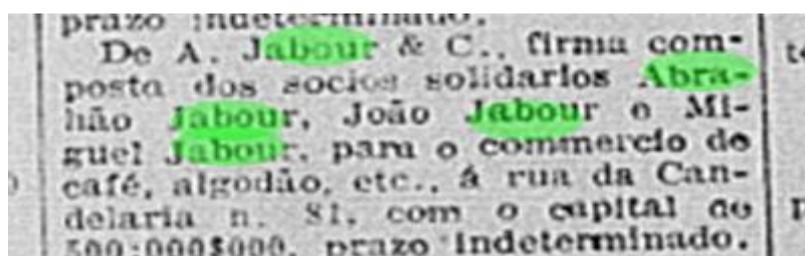


Armazém de café em Providência (MG) para distribuição no Rio de Janeiro. Década de 20.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 96 – Fotografia de Abrahão Jabour em reunião dos cafeicultores



Abrahão Jabour é o segundo de branco da direita para a esquerda. O assunto da foto é desconhecido, possivelmente uma assembleia patronal do café na década de 30. Centro do Rio de Janeiro.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida

Figura 97 – *Jornal do Brasil* de 1931

Página "Commercio e Finanças" na coluna "Junta Commercial" do *Jornal do Brasil* em 14 de fevereiro de 1931. Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Figura 98 – Fotografia da Casa de Abraão Jabour em Copacabana



Casa de Abraão Jabour em Copacabana: Rua Aires Saldanha, 66.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria e data desconhecidas.

Figura 99 – Fotografia dos irmãos Jabour no Jockey Clube



Esquerda para direita: os irmãos João, Abrahão e Jorge no Jockey Clube.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria e data desconhecidas.

Figura 100 – Fotografia de Abrahão Jabour na antiga sede do Clube Monte Líbano



Abrahão Jabour na antiga sede do Clube Monte Líbano em Botafogo na década de 50.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 101 – Fotografia da antiga sede do Clube Monte Líbano



Antiga sede do Clube Monte Líbano em Botafogo na década de 50.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 102 – Fotografia de Abraão Jabour recebendo visitantes em sua casa



Abraão Jabour recebe visitantes em sua casa para um jantar na década de 50.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 103 – Fotografia de Abrahão Jabour recebendo visitantes em sua casa



Abrahão Jabour recebe visitantes em sua casa para um jantar na década de 50.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 104 – Fotografia de Abrahão Jabour em festa em sua casa na Urca



Festa na casa da Urca na década 50.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 105 – Fotografia de Abrahão Jabour em festa em sua casa na Urca



Festa na casa da Urca na década de 1950.
Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 106 – Fotografia da cidade de Providência, MG, na década de 40



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 107 – Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 108 – Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 109 – Fotografia de Irmã Zoé em Providência, MG, na década de 50



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 110 – Fotografia de Irmã Zoé influente na sociedade carioca da década de 50



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 111 – Fotografia da Cidade dos Velinhos em Jacarepaguá na década de 70.



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 112 – Fotografia da Cidade dos Velinhos em Jacarepaguá na década de 70



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 113 – Fotografia da inauguração do Bairro Jabour na década de 60



Fonte: Acervo de Mariana Jabour. Autoria desconhecida.

Figura 114 – Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho

Exmo. Sr. Ministro de Estado da Educação e Cultura
DD. Senador Jarbas Passarinho:

Respeitosos cumprimentos.

Levado pelo incontido desejo de continuar colaborando com as autoridades brasileiras para o engrandecimento de nossa Pátria, dirijo-me a V.Exa., nesta oportunidade, para oferecer ao Ministério da Educação e Cultura uma Universidade a ser construída por mim, com recursos exclusivamente meus, no Bairro Jabour, em Senador Camará, no Estado da Guanabara.

Devo, preliminarmente, esclarecer a V.Exa. que, no citado Bairro, já residem quase vinte mil pessoas, proprietárias dos seus imóveis, prometidos vender por mim com financiamento de oito a quinze anos sem correção monetária, com apenas 15% de entrada e às vezes sem ela. Lá se encontram funcionários públicos, 280 bancários, sendo 180 do Banco do Brasil; 680 famílias militares, de sargento a general; comerciantes, comerciários, operários, médicos, advogados, etc.

Construí duas escolas primárias, com capacidade para dois mil e quinhentos alunos em dois turnos e doei ao Estado da Guanabara; construí dois Ginásios, um de Ensino Médio (com capacidade para mil duzentos e cinquenta alunos), e outro de Ensino Orientado para o Trabalho e doei ao Estado; construí uma igreja e doei às nossas autoridades religiosas, representadas na pessoa do saudoso Cardeal D. Jaime de Barros Câmara. Lá se encontra uma maternidade e um hospital, bem aparelhados, de clínica geral, operações, etc.

Disponho-me, nesta altura, a construir uma Universidade e doá-la ao Ministério da Educação e Cultura para completar o sistema de ensino que tive a honra de instituir no Bairro Jabour, criando uma sociedade à parte, feliz, disciplinada e ordeira.

Para construir essa Universidade, no entanto, necessário se faz que esse Ministério aceite a doação, determinando, preliminarmente, que os órgãos competentes me forneçam os dados que possam esclarecer quais as necessidades indispensáveis ao funcionamento de uma Universidade. Com tais dados, construirei a Universidade dentro do prazo máximo de três anos.

Primeira página da carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho, então ministro da Educação e Cultura do Brasil, em que Jabour pede autorização para construir uma universidade no bairro. 5 de março de 1971. Fonte: Acervo de Mariana Jabour.

Figura 115 – Carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho

É oportuno salientar que essa Universidade não atenderá, apenas, a essas 20 mil pessoas ali residentes, mas a todo o Estado da Guanabara, especialmente aos Bairros adjacentes, tais como Bangu, Campo Grande, Santa Cruz, Realongo, Vila Militar, Deodoro, etc.

Essa constitui, hoje, a minha principal preocupação. Desejo completar 90 anos de idade, dos quais 82 servidos ao Brasil, inaugurando a Universidade de que se trata. O Brasil terá, com a conclusão da minha obra a oportunidade de ver um bairro peculiar, em que o seu morador proprietário verá nascer o seu filho na sua maternidade; ser batizado na sua própria igreja; ingressar no seu jardim de infância, daí para a escola primária, para o ensino médio e, finalmente, para o ensino superior. Não poderá haver maior felicidade para um pai. Saber que seu filho fará todos os seus cursos, sem o risco de uma condição, despesas, etc.

Essa constitui a maior aspiração de um homem, que, de origem libanesa, chegou ao Brasil com oito anos de idade, naturalizando-se brasileiro em 1931 e entregando-se de corpo e alma aos interesses do Brasil, país que adotou como sua pátria.

E o Governo Médici foi escolhido, naturalmente, assim querendo a Providência, para sacramentar a obra que pretendo deixar para felicidade de milhares de famílias brasileiras.

É meu desejo inaugurar a Universidade ainda na gestão do Exmo. Sr. Presidente Garrastazu Médice.

Nessas condições, Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura, solicito o pronunciamento urgente dêsse Ministério quanto às necessidades mínimas indispensáveis ao funcionamento da Universidade, bem como quanto à aceitação.

Tal urgência se impõe, a fim de que seja a obra concluída no atual Governo.

Rio de Janeiro, 5 de março de 1971

ABRAHÃO JABOUR

* Cópia na íntegra do Ofício encaminhado pelo Senhor Abrahão Jabour ao Exmo. Sr. Senador Jarbas Passarinho, MD. Ministro da Educação e Cultura.

*** Campanha promovida pelo Ginásio Estadual Abrahão Jabour e Bik Imóveis para o engrandecimento do seu Bairro. ***

Segunda página da carta de Abrahão Jabour para o senador Jarbas Passarinho, então ministro da Educação e Cultura do Brasil, em que Jabour pede autorização para construir uma universidade no bairro Jabour. 5 de março de 1971. Fonte: Acervo de Mariana Jabour.

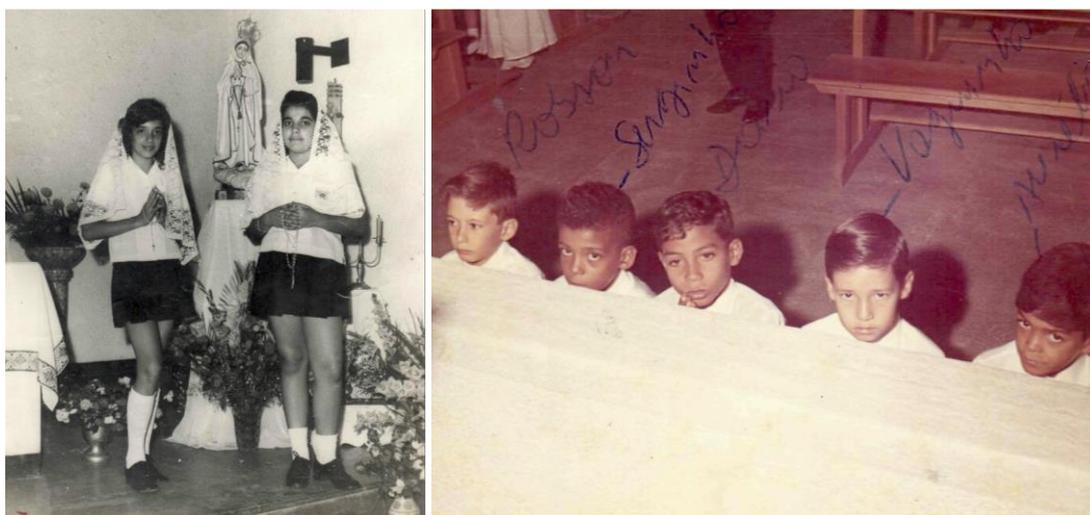
As imagens a seguir foram cedidas por Roberto Gaze, morador do Jabour e organizador deste acervo coletivo do bairro acessado por essa pesquisa.

Figura 116– Fotografias da visita da Rainha Fabíola no Bairro Jabour



Visita da Rainha da Bélgica, a Fabíola, à Escola Primária homônima no ano de 1965 no Bairro Jabour.
Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 117 – Fotografias na Paróquia Santa Inês



Primeira Comunhão na Paróquia Santa Inês. À esquerda, Isabella Gaze e Silvana Faria em 1974. Na foto à direita, foram reconhecidos o Dario Andrade (terceiro da esquerda para direita) e, ao seu lado, Vagner Sampaio, o Vaguinho, em 1967. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 118 – Fotografias de antigos alunos da Escola Primária Rainha Fabíola



Imagens de antigos alunos da Escola Primária Rainha Fabíola. Da esquerda para a direita: Eduardo “Dutch”, em 1979, Antonio “Tuneco” e Dario Andrade, ambos em 1970.
Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 119 – Fotografia de turma da Escola Primária Rainha Fabíola



Turma da professora Maria Elizabeth Almada e a Diretora Maria Julia. Destacam-se na foto: Meninas Isabella, Denise (irmã de Laércio, Vânia, Joaquim e Mirtes), Gláucia, Ieda e Aninha Gaze com a boneca no colo. Meninos: Julinho e Nelsinho (ambos com o corte de cabelo estilo Príncipe Danilo), Paulinho Moreno, Erick Dias, Elieser, Paulinho Serrão, Joel (irmão de Zezinho) e Volnei.
Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida. 1970.

Figura 120 – Fotografia de turma da Escola Primária Rainha Fabíola



Turma da professora Maria Lucia. Destacam-se na foto: entre as meninas, Valdete (irmã de Sandra e Jorge), Lucinha e Rose (filhas de Dona Constância), Maria do Carmo (Carminha), Ana Cláudia (filha de Dona Catarina) e Mônica Moraes (esposa de Jaime). Entre os meninos: Claudinho Barata, Alexandre Faria (irmão de Silvana), Marcos Varanda (irmão de Fernando Kambeck) e Renato (filho de Dona Edila). Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida. 1972.

Figura 121 – Fotografia de Abrahão Jabour no Ginásio Estadual Abrahão Jabour



Abrahão Jabour e autoridades hasteiam as bandeiras no Ginásio Estadual Abrahão Jabour. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria e data desconhecidas.

Figura 122 – Fotografia da Paróquia Santa Inês em 1967



Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 123 – Fotografia de Abrahão Jabour na inauguração do Ginásio que leva seu nome



Abrahão chuta a bola na inauguração da quadra do Ginásio Estadual Abrahão Jabour. Há o texto “Ao tio Jabour, dos sobrinhos do Ginásio” no canto inferior direito da foto. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria e data desconhecidas.

Figura 124 – Fotografia da casa de Valdir Ferreira Gomes



Casa de Valdir Ferreira Gomes, na rua Sobreiro, em 1961. Valdir era um dos funcionários de confiança de Abrahão Jabour e figura muito importante na concretização de vários negócios imobiliários e empresariais no Bairro Jabour. Sua casa tinha um elefante no alto do segundo telhado.

Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 125 – Carteira de sócio do Jabour Social Clube



Carteirinha de sócio proprietário do Jabour Social Clube, pertencente a Aristoteles Antunes Fernandes, admitido em 10 de setembro de 1965. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 126 – Fotografia de Abrahão Jabour com moradores do bairro Jabour



Ao centro, Abrahão Jabour, de terno branco, cumprimentando uma moradora e rodeado de crianças moradoras do Bairro Jabour. Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Data e autoria desconhecidas.

Figura 127 – Diploma do Ginásio Estadual Abrahão Jabour



Diploma do Ginásio Estadual Abrahão Jabour conferido ao então estudante Jorge José Vasconcellos Paulo em 18 de julho de 1974. Fonte: Acervo de Roberto Gaze.

Figuras 128 e 129 – Informativo da AMBARJ de 1981



**ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E AMIGOS DO BAIRRO
JABOUR** Fundado em 2/8/81

Sede: Rua Silvio Fontes, 89 - Loja C - CEP 21830

ANO I

AGOSTO - 1988

Nº 1



POSSE DA ATUAL DIRETORIA. NA FOTO, QUANDO DISCURSAVA WALDEMAR SEBASTIÃO CAPRIO - DIR. SOCIAL E COMUNICADOR. DA DIREITA PARA A ESQUERDA: GERALDO MOREIRA DE ALVAGIR, PAULINO, HILARIO E AO FUNDO, DILGENIR.



ABRAHÃO JABOUR - TUDO COMEÇOU COM ELE.
PAGINA 4.

Como requerer à Prefeitura redução de 50% do IPTU

Para orientar os leitores como obter a redução de 50% no pagamento do IPTU, de conformidade com o § 5º do artigo 64, da Lei nº 691, de 24/12/84, de unidades pertencentes a conjuntos habitacionais de baixa renda, promovidos pelo sistema de cooperativismo e financiados pelo Banco Nacional da Habitação, publicamos modelo do requerimento, cujo proprietário deverá encaminhar ao endereço existente no carnê de IPTU da Secretaria de Fazenda do Município do Rio de Janeiro.

EXM: SR. PREFEITO DO
MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

FULANO DE TAL, brasileiro, estado civil, portador da carteira de identidade nº expedida por em / / 19 inscrito no CPF do MF, sob nº domiciliado e residente nesta cidade, na Av. das Américas, km 13,5, bloco aptº Condomínio Barra Sul, tendo adquirido o imóvel acima mencionado na qualidade de associado da Cooperativa Habitacional Frei Cassiano (ou da Carteira Hipotecária e Imobiliária do Clube Naval), cuja construção contou com recursos do Sistema Financeiro da Habitação, requer a V. Exa. seja a unidade do grupamento em questão beneficiada pelo disposto no § 5º do artigo 64 da Lei nº 691 de 24/12/84, que reduz em 50% (cinquenta por cento) a cobrança de Imposto Predial, visto tratar-se de unidade pertencente a conjunto habitacional de baixa renda, promovido pelo Sistema de Cooperativismo e financiado pelo Banco Nacional da Habitação.

O requerente anexa ao presente a xerox de sua carteira de identidade e descreve, abaixo, o referido imóvel.

Pede Deferimento
Rio de Janeiro,

Endereço do imóvel, conforme Escritura e inclusão predial:
Av. Projetada bloco aptº
(inscrição predial nº

Requerente

Obs.: Anexar espelho do IPTU e xerox da identidade.

AMBARJ - 7 ANOS -

ABRAHÃO JABOUR

MASCEU NO LÍBANO, NO DIA 13 DE JANEIRO DE 1895, ERA FILHO DE ELIAS JABOUR E DE SAID JABOUR, O MAIS VELHO DE CITO IRMÃOS, QUATRO HOMENS E QUATRO MULHERES. QUATRO DELES JÁ FALECI- DOS. UMA DE SUAS IRMÃS, AINDA VIVA, A CAÇULA, É A IRMÃ ZOE, QUE SUPERVISIO- NA A CIDADE DOS VELHINHOS, ASSEGURAN- DO-LHES OS RECURSOS; E COM A AJUDA DE CIENTISTA SENHORAS VOLUNTÁRIAS, MANTÉM EM DOTAÇÃO, NA RUA MARQUÊS DE OLINDA Nº 54 - RJ, UM DISPENSÁRIO ONDE QUAL- QUER NECESSITADO PODE IR ALMOÇAR, SEM NADA FER QUE JUSTIFICAR, SEM PRECISAR PASSAR POR BUCROCRACIA ALGUMA. DE GO A DO MENDIGOS ALMOÇAM ALI TODOS OS DIAS O VELHO ELIAS (PAI DE ABRAHÃO), VEIO DO LÍBANO, CHEGANDO AO BRASIL NO ANO DE 1893, ACOMPANHADO DA ESPOSA E DO FILHO ABRAHÃO.

O SR. ELIAS FOI POR ALGUNS ANOS MASCATE NO RIO DE JANEIRO. CARREGAVA O DÃO NAS COSTAS, ERA UM HOMEM MUITO FORTE E DECIDIDO. ASSIM QUE JUNTO UM PEQUENO CAPITAL, INSTALOU-SE EM PROVI- DÊNCIA, NO ESTADO DE MINAS GERAIS, ERA UM LUGAREJO PRIMITIVO, COM UMA POPULA- ÇÃO DE QUASE 80% DE LÍBANESES.

SR. ELIAS INSTALOU ALI, UM ARMA- ZEM QUE VENDIA QUASE DE TUDO. ABRAHÃO TRABALHOU MUITO, AJUDAVA AO PAI NO AR- MAZEM E NÃO DEMOROU SE DEDICOU AO CULTIVO DE ARROZ E CAFÉ, TRABALHAVA DE SOL A SOL, AUFERINDO LUCROS ASTRO- NÔMICOS, A CUSTO DE MUITO SUOR.

EM 1930, JÁ NO RIO DE JANEIRO, FUN- DOU COM O IRMÃO JOÃO - A JABOUR EXPOR- TADORA, QUE CHEGOU A SER A MAIOR EXPO- RTADORA DE CAFÉ DO MUNDO, EXPORTANDO ATÉ UM MILHÃO DE SACAS POR ANO.

ABRAHÃO JABOUR GANHOU MUITO DI- NEIRO, FICOU MUITO RICO. EM 1960 COM- PROU UM GRANDE LOTE DE AÇÕES DO BANCO DO BRASIL, QUANDO CONSOLIDOU AINDA MA- IS A RIQUEZA DOS JABOUR.

EM 1964, OS IRMÃOS JOÃO E ABRAHÃO REPARTIRAM O SEU PATRIMÔNIO E CADA UM SEGUIU O SEU CAMINHO. A PARTIR DESTA MOMENTO, ABRAHÃO SE TORNAVA MENOS NE- GOCIANTE E MAIS FILANTRÓPO. ABRAHÃO E- RA CASADO COM SUA PRIMA JOANA SARA QUE FALECEU NO ANO DE 1941. O CASAL NÃO TIVERAM FILHOS E ELE NÃO VOLTOU A CASAR-SE.

ABRAHÃO DOU UM TERRENO DE 130.00 M² A SUA IRMÃ ZOE, ONDE SE INSTALOU A CIDADE DOS VELHINHOS.

O BAIRRO JABOUR, QUE FOI CRIADO PELO GRANDE BEHEMÊNIO É AVALIADO HO- JE, EM 200 BILHÕES DE CRUZADOS, APRO- XIMADAMENTE. AS PRIMEIRAS CASAS FORAM CONSTRUÍDAS NO ANO DE 1960. DE 1966 A

1972 FORAM EDIFICADOS OS PRIMEIROS PRE- DIOS DE APARTAMENTOS. ALÉM DISTO, ABRA- HÃO DOU AO BAIRRO: UMA IGREJA (IGREJA- SANTA INÊS); A MATERNIDADE SANTA HELE- NA, UMA CASA DE SAÚDE COM AMBULATORIO MÉDICO; DOU UMA CASA PARA A SUCAM; CON- STRUIU TRÊS ESCOLAS: RAINHA FÁBOLA; GINÁSIO JORGE JABOUR E GINÁSIO ESTADU- AL ABRAHÃO JABOUR.

ABRAHÃO CONSTRUIU APROXIMADAMENTE, 1.400 CASA E APARTAMENTOS. NUMA OUTRA PARTE DO TERRENO, A CEHAB (COMPANHIA ESTADUAL DE HABITAÇÃO), CONSTRUIU MAIS 2.700 CASAS.

TODAS ESSAS RESIDÊNCIAS FORAM VEN- DIDAS A PREÇOS MODICOS, SEM JUROS OU CORREÇÕES MONETÁRIAS. AS ÚLTIMAS-PRES- TAÇÕES FORAM PAGAS COM QUANTIAS IRRI- SÓRIAS.

HOJE SOMOS MAIS DE 36.000 HABITAN- TES E VEJAM O QUE ELE REPETIA AOS SE- TENTA ANOS DE IDADE: "NÃO MAIS ME INTE- RESSA GANHAR DINHEIRO. QUERO DAR O QUE TENHO. O SABOR DA RIQUEZA É ILUSÓRIO. O PRAZER DE SERVIR É MAIS DURÁVEL.

GANHAR DINHEIRO É DIFÍCIL SOMENTE NO INÍCIO. DEPOIS, ELE VAI MULTIPLICAN- DO-SE QUASE POR SI MESMO COMO UMA BOLÁ DE NEVE DESCENDO UMA COLINA. O PROBLE- MA DIFÍCIL MESMO É DECIDIR O QUE FAZER COM O DINHEIRO, UMA VEZ QUE ESTÁ EM ABUNDÂNCIA EM NOSSAS MÃOS. MUITAS PESSO- AS SABEM TORNA-SE MILIONÁRIAS, MAS POU- COS MILIONÁRIOS SABEM O QUE FAZER COM SEUS MILHÕES ALÉM DE IR AMONTANDO-OS.

CONTA O IRMÃO DE ABRAHÃO, COMEN- DADOR JOÃO JABOUR: "QUANDO VÍTIMA DE DO- ENÇAS GRAVES, ELE SOBREVIVIA PELA ME- RA RESISTÊNCIA DE SEU FORTE CORAÇÃO, EU QUE TENHO O CORAÇÃO MAIS FRACO, EVO- LUI CERTA VEZ ESSE CONTRASTE NUMA CON- VERSAÇÃO COM ELE, E ELE REPLICOU ESPON- TANEAMENTE: "VÊ SE HÁ UM MEIO DE EU TE- DAR O MEU CORAÇÃO. GOSTARIA QUE FICAS- SES COM ELE" NÃO ERAM MERAS PALAVRAS. ERA AMOR GENUÍNO.

DISSE O SR. PEDRO DA SILVA LIMA, MO- RADOR DO BAIRRO JABOUR: "NUNCA CONHECI UM RICO COM UMA SIMPLICIDADE TÃO SEDU- TO. SUA PERSONALIDADE ERA MAIOR QUE SUA FORTUNA. ALGO EM MIM MUDOU QUANDO O CONHECI."

DISSE OUTRO MORADOR DO BAIRRO, O SR. WALDOMIRO SILVEIRA: "SE CADA RICO FIZES- SE O QUE ELE FEZ, ESTE PAÍS TERIA OUTRA FEIÇÃO. E ATÉ OS RICOS ESTARIAM MA- IS FELIZES E MAIS FIRMES."

LEMBRAM OS MORADORES DA CIDADE DOS VELHINHOS: "SUA BONDADÉ, SEU DESAPEGO AO DINHEIRO ERAM REAIS NINGUÉM PODE FINGIR ESSAS COISAS. REPETIA: "DEUS ME DEU; TENHO QUE DAR AOS OUTROS." E NÃO SE SATISFAZIA EM DAR O DINHEIRO. SENTIA AFEIÇÃO POR NÓS. QUERIA QUE FOSSEMOS

NÃO SOMENTE PROVIDOS CONTRA A NECES- SIDADE, MAS FELIZES. SUA CARIDADE VI- NHA DE UM MUNDO SUPERIOR QUE NÃO ES- TÁ AO ALCANCE DE MUITOS HOMENS."

ABRAHÃO JABOUR FALECEU NO DIA 22 DE FEVEREIRO DE 1980, REGRESSANDO AO SEIO DO SENHOR, COM A CONSCIÊNCIA TRANQUILA DO DEVER CUMPRIDO. BIBLIOGRAFIA: - LIVRO: "MEU IRMÃO ABRAHÃO" - DE IRMÃ ZOE JABOUR.

DOURADO (Conclusão da Página 2)

DISTINGUIDO COM O PRÊMIO ROLEX DE INICIATIVA, EM GENEVRA, ELE FAZ UMA DENÚNCIA: O DOURADO DESAPARECERÁ DE NOSSOS RIOS SE NÃO FOR CONTIDO O ATUAL PROCESSO DE AGRESSÃO AO SEU AM- BIENTE-NATURAL.

CONVEM QUE AS AUTORIDADES DO ME- IO AMBIENTE CUCAM GODOY SOBRE O DOU- RADO. ELE SABE O QUE DIZ.

HOMENAGEM PÓSTUMA DOS MORA- DORES DA COMUNIDADE JABOUR AO SEU I- DEALIZADOR E REALIZADOR ABRAHÃO JA- BOUR: (DJALMA DE MELO LINS)

ABRAHÃO JABOUR, UMA SAULADE PERMA- NENTE, ATROZ NOSTALGICAMENTE IMPOSTA AOS NOSSOS CORAÇÕES.

OPRANTEADO SENTIMENTO DE NOSSAS PRECES

SEM DÍVIDA ATINGIRÁ TUA NOVA MORADA SAUDANDO-TE PELO BEM QUE DEIXASTE ENTRE NÓS.

ALTRUISTICAMENTE DELA TENACIDADE DE TUA VIDA

EMBORA A VELHICE DOS TEUS LONGOS ANOS

TENHA ENFRAQUECIDO TEU FORTE ORGA- NISMO

ESCREVESTES COM AS TINTAS DE IMOR- TALIDADE

ARRAS PÁGINAS DE EDIFICANTES CURAS NORTADAS PELA ABNEGAÇÃO, AMOR, BOM- DADE

AQUI ENTRE AS PAREDES QUE SOUGESTES LEVANTAR

GUARDAREMOS NO SILÊNCIO DE NOSSA DOR

RICOS EXEMPLOS DE AMOR AO PROGRESSO

ABRIGASTES CENTENAS DE FAMÍLIAS CA- RENTES DE TETO

TRANSFORMANDO DE UM SIMPLES E LIMI- TADO LARANJAL

INDESCRIÇÃOVEL E MAGESTOSA OBRA HA- BITACIONAL

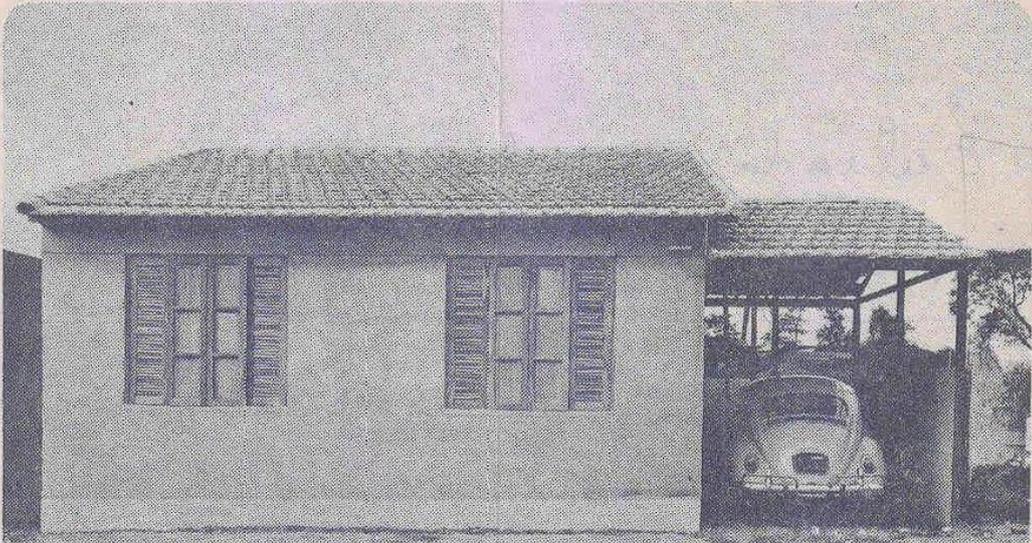
DEUS A ESTAS HORAS ESTARÁ AO SEU LA- DO

ABENÇOPANDO TODO SEU TRABALHO VIRTU- OSO E HUMANO

COMBRAS QUE A MEMÓRIA DAS GERAÇÕES SABERÁ RESPEITAR.

Frente e verso do informativo da Associação dos Moradores e Amigos do Bairro Jabour (AMBJ) de agosto de 1988. Redator Wilson Longobucco. O informativo traz assuntos de interesse dos moradores do bairro e no verso há uma breve história de vida do Abrahão Jabour e a fundação do bairro. Há também uma homenagem póstuma feita pelo morador Djalma de Melo Lins em forma de acróstico "A Nossa Eterna Gratidão", ao idealizador e fundador do bairro. Fonte: Acervo de Roberto Gaze.

Figura 130 – Anúncio imobiliário sobre o Bairro Jabour



18 CASA PRÓPRIA ANOS PARA PAGAR

**TRANQUILIDADE É ISTO:
CASA PRÓPRIA (3 QUARTOS) - E 18 ANOS PARA PAGAR.
AV. SANTA CRUZ, 2896 - BAIRRO JABOUR (BANGU).**




O Bairro Jabour, em Bangu: comércio intenso e variado, bancos, escolas, inclusive um ginásio estadual, clubes, igrejas, ruas arejadas e arborizadas e condução fácil.

Três (3) quartos - ampla sala - banheiro e cozinha azulejados em cor até o teto (louças também em cor), área de serviço coberta com tanque, garagem coberta.

Ônibus que servem o local:
397 (Largo São Francisco/Campo Grande); 746 (Cascadura/Senador Camará);
570 (Bangu/Sepetiba); 689 (Méier/Campo Grande); 786 (Marçal Hermes/
Campo Grande).

CONDIÇÕES:

ENTRADA: NCr\$ 840,00
(sem parcelas intermediárias)

MENSALIDADE: NCr\$ 240,00

Financiamento: **BNH** (Banco da Bahia S.A.) (Agente financeiro)

Construtora: **GRINER S.A.** ENGENHEIROS - CONSTRUTORES

VENDAS: **NOVA YORK S.A.** IMOBILIÁRIA
— UM SÍMBOLO DE CONFIANÇA
Rua Sete de Setembro, 61 (prédio próprio)
Rio de Janeiro
Consultor-registrado: José Selye Magalhães (CRECI nº 2)

Memorial inscrito no 4.º Ofício de Registro de Imóveis de fls. 208 livro 01.600 o Adquirente 328

Anúncio imobiliário sobre o Bairro Jabour, contendo a característica do imóvel e suas condições de pagamento. Descreve a casa de três quartos, com ampla sala, banheiro e cozinha azulejada em cor até o teto, área de serviço coberta com tanque e garagem coberta. O anúncio define o bairro sendo em Bangu, com “comércio intenso e variado, bancos, escolas, inclusive um ginásio estadual, clubes, igrejas, ruas arejadas e arborizadas e condução fácil.” Fonte: Acervo Roberto Gaze. Data desconhecida.

Figura 131 – Fotografia de Abrahão Jabour rodeado de crianças



Segundo relatos, Abrahão Jabour sempre esteve rodeado de crianças no bairro e chamavam-no de “vovô Jabour”. Fonte: Acervo Roberto Gaze. Autoria e data desconhecidas.

Figura 132 – Recibo de pagamento do título de sócio do Clube Bairro Jabour

SECRETARIA : AV. CÔNEGO DE VASCONCELOS, 54 S 202 RUA RAUL AZEVEDO SÉDE (BAIRRO JABOUR)

CLUBE BAIRRO JABOUR

SÉRIE "A" Nº 0081 RECIBO DA ENTRADA INICIAL Cr\$ 20.000,00

Recebemos do Sr.(a) *Carlos Alberto Marques Soares*

a importância de Cr\$ 20.000,00 (VINTE MIL CRUZEIROS), referente a 10% de UM TÍTULO DE SÓCIO-PROPRIETÁRIO DO CLUBE BAIRRO JABOUR no valor nominal de Cr\$ 200.000,00 (DUZENTOS MIL CRUZEIROS). O saldo restante será pago em 30 chamadas, mensais e consecutivas, de Cr\$ 6.000,00 (SEIS MIL CRUZEIROS) cada uma, vencendo-se a primeira em 30 dias desta data.

O título definitivo será entregue pela Secretaria do CLUBE BAIRRO JABOUR após o pagamento da última prestação.

Belmeiro Gonçalves Anfo
Rio de Janeiro

Abraão B. de Paula Jr.
FAN REPRESENTANTE CREDENCIADO

BRASIL BRASILE BRASILE BRASILE
NACIONAL NACIONAL NACIONAL NACIONAL
Cr\$ 5.000 Cr\$ 5.000 Cr\$ 5.000 Cr\$ 5.000
1965

Recibo de pagamento de entrada para o título de sócio proprietário do Clube Bairro Jabour em 1965. O valor do título era de duzentos mil cruzeiros. Fonte: Acervo de Roberto Gaze.

Figura 133 – Fotografia de Sérgio Cabral e Wandir Monteiro no Bairro Jabour



O então candidato de 1996 a prefeito do Rio de Janeiro pelo PSDB, Sérgio Cabral, foi recepcionado por Wandir Monteiro no Bairro Jabour. Fonte: Acervo Roberto Gaze. Autoria desconhecida.

Figura 134 – Bate-bolas no Bairro Jabour



Fonte: Acervo de Roberto Gaze. Autoria e data desconhecidas.

Entrevistas transcritas

Jaime Dias e Roberto Gaze, moradores do Bairro Jabour.

04/08/2024

Bruno: Antes de começarmos a gravar a entrevista, você estava falando da garota da primavera. Você sabe dizer quando que começou mais ou menos esse concurso de beleza?

Roberto: Não exatamente, oh Bruno. Os anos 70 foram os mais famosos. Eu acho que foi a grande febre dos bailes de debutante e da garota da primavera.

Bruno: Entendi.

Roberto: Eu tenho nesse pen drive as fotos da garota da primavera, a entrega de faixas pra Tânia, que passando pra Deise e a Deise passando pra Crezilda. Crezilda linda! Porque essas coisas só em bairro pequeno, né?

Bruno: Agora o que significava para um morador o concurso garota da primavera?

Roberto: O concurso para o bairro era muito legal. Porque as meninas depois disso iam disputar um concurso no maracanãzinho.

Bruno: Entendi.

Roberto: E nesse tempo, Bruno, Abrahão vinha para cá. Tem foto dele aqui [aponta para o pen drive]. Ele era um cara da elite. Ele era um cara que que transitava. Ele era um cara que, por exemplo, Bruno: ele almoçava com o Carlos Lacerda. E jantava com o Negrão de Lima, Carlos Lacerda prefeito no Rio, Negrão de Lima, governador do Rio, e ele trazia, ele trazia esses caras aqui pra inauguração de coisas aqui no bairro, para a inauguração das escolas. Minha mãe foi diretora lá, Mônica [esposa do Jaime] trabalhou lá, trabalha ainda lá. E a Fabíola? A rainha Fabíola, ela era rainha da Bélgica. Ela era uma mulher da Plebe. Ela era povo, ela não era do chamado sangue azul, não tinha nada disso. E o rei Balduino da Bélgica tem fotos dos dois.

Tem um livro, tem um livro que foi feito pela irmã dele, que se chamava irmã Zoé, que era o nome que ela escolheu. Porque ela era freira e coisa e tal...deixa eu te falar, Bruno, o que que acontece? Tenho essa mania de botar a mão nos outros quando falo. Minha mãe falar que eu sou Siri. O velho queria construir um bairro. A princípio sem muro, com a ideia americana de bairro. Aí depois os moradores resolveram construir muro. Ele não ganhou o dinheiro para isso daqui, viu? Na verdade, ele gastou, né?

E ele fala no livro, e Jaime sabe disso, meu irmão Abraão, que foi o livro escrito pela irmã Zoé, que você leu. Ele fala que é mais difícil você ganhar dinheiro no começo, que depois ele multiplica.

Jaime: Ele vinha aqui, Bruno. Fazia feira com seu Landau e parava a feira toda.

Roberto: E tem foto, eu tenho fotos disso. E as inaugurações das coisas do bairro também. Ele vinha e participava do churrasco. A escola rainha Fabíola é uma rainha da Bélgica, né? Ela esteve. E falou. Inaugurando a escola que a Amanda Beatriz foi diretora ao mesmo tempo.

Bruno: E como que ela veio? Ela conhecia o Abrahão e ele a trouxe para cá.

Roberto: É. Porque ela veio por algum motivo que eu acho que o marido, o marido veio visitar e ela veio junto, não lembro direito qual foi o motivo que ela veio. Aí o que que acontece, Bruno? O Velho Abraão Jabour soube que ela vinha aqui, aí falou, não, ela tem que ir lá na escola. Aí vários contatos e pronto. Ah, teve um jogo, teve um jogo em comemoração à visita dela, que foi Bangu e Flamengo, e quem ganhasse ganhava uma taça e o Bangu ganhou. E ela entregou a taça. Para o jogador do Bangu. Tem isso.

Bruno: Legal. Agora, antes da visita dela, a escola já se chamava rainha Fabíola?

Jaime: Já.

Bruno: Pode crer. E a história das ruas com o nome de cidade libanesa foi Abraão que nomeou ou foi foram as pessoas do bairro?

Roberto: Ele quis dar o nome de algumas ruas. E de personagens históricos. O Ludgero que é um largo, esse aqui do lado. Era um vereador que ao que parece era amigo dele. Vítor Guisard era um médico que também era conhecido dele. Silvio Fortes era professor também conhecidos dele. Não sei se Silvio também era. Era também médico? Não.

Bruno: O que eu vi no numa matéria do Globo, era que os moradores homenagearam Abrahão dando nome de cidades libanesas as ruas do Jabour.

Roberto: Não. O que ele pensou era construir um bairro onde ele pudesse ter lembranças da origem dele. Origem libanesa. Até porque, quando as ruas tiveram nome, não tinha nem morador direito. Meu pai morava na Quadra 10, lote 8.

Mas tá bom. Mas aí Jaime segue, o que eu te falei? Entre 57 e 58 começaram a construir o bairro.

Jaime: Eu paguei 61 e já tinha casa.

Roberto: Justamente aqui, dona Júlia me falou que era casas sem muro, que era uma ideia Americana.

Bruno: Deixa eu te perguntar, se vocês tivessem que nomear, sei lá, 5 pessoa do bairros... importantes assim, talvez pela formação do bairro, por ter uma loja importante que marcou, ou do ambiente da cultura, como o cara do fusca da Fla Jabour. Se vocês pudessem puxar na memória ícones do bairro.

Roberto: Ícone de cara eu posso dizer, e Jaime vai concordar comigo: Hermano Pascoal.

Jaime: Sim, é.

Roberto: João de Monteiro, José Carlos Araújo, o garotinho que está vivo ainda, que é o locutor, né? Ele sempre aparecia ele. Aquele que morreu há pouco tempo, um baixinho da rádio Tupi. Ele era um baixinho que morreu há pouco tempo. Gilson Ricardo, radialista. Seu Hermenegildo. E tem foto de seu Hermenegildo com o senhor Abraão Jabour em 67, na porta da tal panificaria, panificadora.

Jaime: Seu Gilberto, que era dono da padaria *Cake*, que era uma padaria top, confeitaria e lanchonete...

Mas são ícones assim que você quer? Eu não sei se tem importância. Se tiver uma importância da história do bar...eles são importantes porque são figuras marcantes da gente.

Roberto: Você quer ver uma coisa, Bruno? até o maluco, famosíssimo que chama Paulista, que era o cara de uma família que tinha grana, virou morador e veio morar no bairro.

Jaime: Ouviu falar no Paulista, Bruno? O cara é uma lenda do bairro. E aí, inclusive, agora não sabe se ele morreu.

Bruno: Ainda não tinha ouvido falar dele. Todo bairro tem uma figura exótica.

Jaime: Você quer ver um cara? O pai desse cara [Roberto] é outra figura icônica.

Roberto: Humberto Gaze.

Jaime: Que foi o principal advogado do Castor de Andrade.

Bruno: Então isso é até uma coisa que queria perguntar, você nasceu aqui, Beto? E seu pai morou aqui ou em Bangu?

Roberto: Eu não nasci aqui, quem nasceu aqui foi o meu irmão.

Jaime: Mas eu nasci aqui. É, em partes, porque quando eu nasci, ainda não tinha a clínica Santa Helena, que era a grande maternidade do bairro, e o meu pai era militar. Então eu nasci na Vila militar. Mas eu nasci e vim para cá e to aqui desde sempre. Mas tem pessoas que nasceram aqui.

Jaime: Está esquecendo uma coisa? Vamos ver. Se você lembra, porque eu não lembro mais. Ali na Francisco Pereira dos prédios, morou um cantor muito famoso, cantor de seresta de coisa. Cara que tinha uma moto... conhecidíssimo. Outro camarada assim é icônico que morou. Na coroadá, gins, prédios, esse cara, ele é simplesmente dono do Wise Up...

Roberto: Ah, sim, sim. Flávio Augusto, Flávio Augusto.

Bruno: E deixa eu perguntar uma coisa pra vocês, o bairro é criado em sincronia com os governos militares. Vocês acham que o processo do bairro se beneficiou com isso?

Jaime: Ah, com certeza! Era extremamente beneficiado e vou te falar...vou te dar assim, uma prova cabal e contundente disso. Você tinha prefeitos biônicos. Não tinha eleição. E aí que que acontecia a rede de educação? A rede escolar era beneficiada pelas pessoas que tinham influência. Problema nenhum. No Jabour, embora fosse um bairro afastado (é a gente chamava de cidade [o centro], e aqui era área rural).

Roberto: E o que Jaime está falando, eu tenho isso registrado? Aqui não era a zona Oeste, não tinha essa denominação, aqui era zona rural.

Jaime: Sim, sim. Por que que eu estou falando isso? A grande prova desse beneficiamento, e ninguém me contou, porque eu vivi isso: O bairro Jabour tinha a terceira melhor escola no nível ginásial. De toda a cidade, a escola daqui tinha cinema, laboratório de química. Curso línguas. Sala de música. De teatro. A escola tinha tudo.

Bruno: Tem uma nota no jornal que eu achei que informa isso tudo.

Jaime: Tudo. Mas como é que isso vinha? isso vinha da grana que eram os militares.

Roberto: Um grande diretor dessa escola. Sueli, não...Hélio Pereira. Tem foto dele aqui, inclusive com o vice-governador.

Jaime: Nessa escola não podia estudar ninguém que não fosse residente do bairro Jabour. Então os nossos amigos, que a gente tinha, amigos que moravam na Coreia, nas adjacências, não podiam se matricular nessa escola, só os moradores do Jabour. Para mim aquilo não que era educação de qualidade. Você beneficiava só parte da população em detrimento de outros. Excluía mesmo, né? Pegava os melhores e junta. Que é o que acontece hoje numa Cruzeiro, no São Bento. Não é a melhor escola, é a escola que tem o material. Para os alunos que podem pagar e que vão estar lá. A melhor escola é aquela que pega um cara e transforma. Esse é o papel da educação e não o contrário. Aqui era ao contrário e a gente era beneficiado por isso flagrantemente.

Roberto: Por quê? Porque eu te falei, Bruno, os prefeitos e governadores vinham aqui e ele colocava para inaugurar. Olha, vamos inaugurar mais uma biblioteca. E almoçavam no Palácio da Urca dele.

Bruno: Uma coisa que eu queria perguntar para vocês, que vai ser muito valioso. É inevitável a gente falar também do processo e da sensação de segurança ou insegurança do bairro. O que aconteceu no entorno, que propiciasse isso?

Roberto: Mais que no bairro, talvez seja ao redor.

Bruno: O que aconteceu?

Jaime: é um processo que foi acontecendo em todos os bairros da cidade depois que você teve uma certa organização do tráfico, né? Se instalou o tráfico, a comunidade passa a ser dominada pelo tráfico, mas a gente ainda continua em paz. Porque não tinham essa, não tinha guerra. O tráfico pertencia a um só, que é um cara que estava lá na Ilha Grande, que é o tal de Bagulhão.

Bruno: Mas depois de um certo momento, teve uma guerra. Que é quando Hermeto sai e vai para Curitiba por causa disso. Deu até uma entrevista falando que “aqui a bala come direto”.

Roberto: Então aí ele sai quando começou a namorar uma musicista e o velho ficou babando por ela. Casaram e foram morar em Curitiba porque ela tinha família lá. Por isso que ele foi morar lá. Mas evidentemente que deveria incomodá-lo, não?

Bruno: Ele publicamente botou a culpa na violência na matéria, no jornal, ele fala isso. Acho que ele foi em 2002.

Jaime: A guerra é exatamente esse período. Pode haver uma certa coincidência, mas nesse período, o que que aconteceu? A favela daqui fica cá para trás. Era um comando e a favela, que é aqui [em cima], que é o sapo, é outro comando e os caras estavam em guerra. Esse tempo foi um inferno. Aqui a gente nunca teve problema com nenhuma.

Bruno: Nem com milícia?

Jaime: O bairro não era atingido diretamente por isso. Você vai ouvir o barulho de tiro, eles testando arma, eles fazendo alguma coisa, mas você não vai ver ninguém passando e roubando o celular em cima da mesa, entendeu? Nesse momento teve apartamento nos de 4 andares que foi vendido por 25.000 entre 2003 2004 na época.

Roberto: Mas o grande problema, Bruno, é que assim aqui era o oásis de tranquilidade, era um bairro assim, maravilhoso como todos os bairros passaram por esse mesmo processo de degradação pela violência urbana. Por tudo isso não é particularidade do Jabour. Só que assim, você mora num lugar que tem sossego, tem

tudo, mas não tem uma praia, não tem um teatro, não tem como zona sul. Não tem no shopping. O shopping foi a partir de 2008 em Bangu. Então qual era, qual era o grande, qual era o grande patrimônio que a gente tinha? A tranquilidade, entendeu?

[A entrevista continua, porém não foi utilizada na pesquisa]

Elias Alencar, presidente da Associação dos Moradores do Bairro Jabour.

12/10/2024

Elias: Trouxe esse livro para você [Meu irmão Abrahão, ZOÉ, 1985]

Bruno: Eu tenho esse livro. Comprei pela internet, na estante virtual.

Elias: Esse aqui foi um morador antigo que é deixou comigo.

Bruno: É um livro importante, fundamental, para discutir o bairro e o seu patrono. Só para você entender, eu me chamo Bruno Bou Haya. É esse é sobrenome libanês, né? Da mesma origem do Abrahão. E esse trabalho todo começou porque eu queria entender a história da minha família, de ter vindo do Líbano para cá, e o que convergia com a história das outras famílias libanesas. Ao estudar a imigração libanesa, me deparei com os nomes de rua, de cidades libanesas aqui no Bairro Jabour.

É uma coisa muito curiosa, porque a bíblia se chama assim por conta do Porto de Byblos. Era deste porto que saíam os papiros que iam fazer a confecção da bíblia. Com exceção de Baalbeck, são cidades litorâneas, com uma história muito importante para a própria humanidade. Então me deparar com uma rua dessas no subúrbio carioca, longe da praia é uma coisa muito curiosa e me deu vontade de conhecer.

Elias: Entendi.

Bruno: A minha primeira pergunta para você seria: de onde até onde entende-se pelo Bairro Jabour? É muito importante eu delimitar o que que eu estou pesquisando.

Elias: Assim tem dessa área. É interessante, tem uma primeira parte, que foi quando ele, em 58, comprou isso aqui quando era uma fazenda. Aí era compreendido entre a rua Vítor Guisard até a marinha e o Rego e da Avenida Santa Cruz, descendo até lá embaixo, na Trípoli que já desce fechando.

Mas em 2019, houve uma assembleia no bairro e se entendeu que iria expandir o bairro. Começa hoje o Bairro Jabour é Antônio Alves Pires e vai até o Mangueirão.

Bruno: Então é a partir daí que veio a divergência com o Alex no bar agora pouco? De você considerar o Mangueirão parte do Jabour e eles não considerarem.

Elias: Isso que é porque eles são mais antigos, nascidos.

Bruno: 2019 foi o ano de aprovação da lei que cria o Bairro Jabour, certo?

Elias: Todo o trâmite foi conduzido até por um vereador da época, o Marselino, e ele conseguiu aprovar na Câmara municipal os vereadores. Foi notificado o presidente na época da Câmara dos vereadores, passou pelo prefeito, mas a prorrogação não saiu ainda. Nós temos duas questões: é bom ou ruim? Eu não vou mexer nisso. Para eu mexer, terei que fazer uma nova assembleia. Se os moradores concordem que realmente vire bairro. É sensível porque tem tarifa de água social. Tem gente que tem energia elétrica social, que é uma fração mais barata. Tem IPTU isento, criado pelo prefeito César Maia...

Bruno: Hum.

Elias: O César Maia nessa época, junto com um outro deputado, aí eles deram isenção de água consideravelmente. Um prédio desse aqui pagava 6000 com razão social. A conta de água veio para 2000 e pouco. O meu também, 37 moradores na época, eu consegui também.

Bruno: Mas deixa eu perguntar uma coisa, se vira bairro, vai perder essa essa tarifa social?

Elias: É um medo, é um temor que existe. Vai chamar a atenção. Precisamos entender isso melhor, vou estudar com uma pessoa que trabalha na prefeitura e é amigo nosso.

Bruno: Confesso a você que até agora, até essa entrevista, eu pensei que já tivesse sido oficializado o bairro Jabour, pois na mídia foi tratado desta maneira.

Elias: Nós não temos essa certeza. O prefeito não promulgou, falta promulgar. Mas agora? Oficialmente, nós somos da subprefeitura de Bangu. Nós pertencemos à subprefeitura.

Bruno: O que aconteceria com o bairro Jabour se fosse promulgado?

Elias: Ganharia um gerente executivo do Bairro Jabour na subprefeitura, como tem Senador Camará desde 1981.

Bruno: Um gerente executivo?

Elias: O gerente executivo a gente chama de Geo, gerente executivo legal, aí vai ter que criar algumas coisas do.

Bruno: Antes de começarmos a gravar a nossa entrevista, você estava falando da tranquilidade dessas últimas eleições aqui no Jabour. Como está o clima nas ruas? Pergunto em relação a segurança.

Elias: Foi tudo muito tranquilo. Todos votaram e a amizade continuou. Teve churrasco na rua e tudo mais. Sobre a segurança, aumentou o número de cracudo. Não pode nem chamar de cracudo, é? Moradores de rua. Começou a aumentar, mas sabe por que que aumentou? Porque os nossos moradores idosos já criaram os filhos, criaram neto. Aí ela está idosa, viúva, Ah, coitadinho. Vou comprar um café aqui na padaria e vou lá. Leva para ele aí. Na hora do almoço, vem outra. Compra uma comida da quando dá fome nele, ele levanta, ele vem. Aí fica por perto da padaria. E a lei não o tirar. Só se ele quiser ir. A gente chama pelo 1746, vem assistente social, vem guarda municipal, canil. E uma viatura fica longe. O objetivo é levar para um espaço em realengo ou em Paciência onde vai ter horário para tomar café, para almoçar. Você pode sair, mas tem horário para chegar. Então, a culpa é da nossa melhor idade. Eu falo isso 1000 vezes por dia, mas muita gente reclama.

Bruno: Essas pessoas, elas estão dormindo onde?

Elias: Na Calçada. Onde a gente estava é coberto. Quando a loja fecha a noite, eles dormem ali.

Bruno: Gostaria de saber também do cenário do clube.

Elias: O clube era independente. Tinha uma diretoria, presidente, vice-presidente, constituído pelos moradores e foi se passando os anos, morreu um morreu o outro e aí foi deteriorando. Aquela é uma instituição particular, tem CNPJ. Mas onde foi construído? Lá embaixo, perto da comunidade e aí a comunidade se apossou. Aí já começou degrading. Ali não tinha como, mas tinha sócio. Tem muitos moradores aqui que tem carteirinha de sócio e contribuía. Para manter o clube, fazia shows para trazer recursos, tinha relógio, o hidrômetro, tudo independente.

Bruno: A associação reivindica algum plano para o clube?

Elias: O poder público tinha que chamar para si a responsabilidade. Encampar, botar clínica da família, um algum órgão ali de instituição de é ensinar criança. Fazer uma ação social. Em outros lugares do Rio isso já aconteceu.

Bruno: Deixa eu te perguntar algumas outras coisas: você como presidente da associação e morador, o como que você avalia os equipamentos do bairro. Você acredita as praças, estão muito boas ou elas têm melhorias a serem feitas?

Elias: Nós temos 3 escolas, inclusive. Ele [Abrahão] construiu a escola e doou para o município. Quando tem operações lá dentro não tem aula. Clínica da família: nós temos uma ótima aqui. Sou usuário de lá, minha esposa também. Lá dentro da comunidade tem outra lá, outra crítica da família. E tem programas que atuam até com aqueles

moradores de rua. Eles fazem o trabalho excelente. Consegue recuperar alguns. Agora, há 3 anos pertencem também o conselheiro comunitário de segurança. Pelo que eu vejo lá e pelo que eu ouço e acompanho. Nosso bairro ainda é nota 7. Com relação à praça, há roubo, há assalto? Tem.

Mais aqui nós temos quatro praças. Em que lugares? A Iguatama, que é lá perto do Ponto Final do ônibus, a Praça Elias Jabour, que é o pai do Abraão, que está reformando. Essa nós conseguimos junto com esse amigo nosso que trabalha na prefeitura. Tem a igreja Santa Inês, que tem atividade, e ajuda também a manter, a conservar aquilo ali. Ela a expandiu, mas a igreja foi construída pelo Abraão. E doado para a Arquidiocese. Aqui cada um tem sua religião. Temos dois centros espírita, igreja Batista, metodista, outra adventista. E o convívio, ótimo.

Bruno: Eu passei por um centro espírita lá no Mangueirão.

Elias: Entendeu. Não tem problema. Agora, sobre as praças: Fomos reformar a Praça Elias Jabour e caíram de pau em cima de mim. Por que fizeram lá e não fizeram aqui? Mas lá foi colocado Quadra de areia sim para futevôlei. A Quadra foi toda reformulada onde é futebol de salão, vôlei, basquete e foi colocado grama sintética do campo.

Bruno: Isso foi recente, então?

Elias: Nós já estamos lutando isso desde o ano passado.

Bruno: Porque da última vez que eu vim não tinha começado as obras.

Elias: E outra coisa, o que gastou lá daria para fazer nessa aqui? Só que o pessoal lá de baixo se sente diminuído, “o Jabour de lá tem tudo, já o Jabour de baixo não tem nada”. Aí eu vou lá embaixo todos os dias. Aí esses caras aí só vinham para cá quando está pedindo voto, você [Elias] é o único que vem. É limpar bueiro, é botar tampa de ralo, mas nós conseguimos. Mas não está 100% É uma praça pequena e está foi feita uma reforma nela. Só que os brinquedos quebra, tá? Ainda mais hoje em dia, moleque de 16 anos, menina, meninos sobem. Fica brincando, jogando. Brinquedo de até 8 anos. Lâmpada, todas elas acendendo de LE. Isso é um processo de Conquista. Agora, a Rio mais saneamento botou e vai terminar de colocar um medidor de água para o bairro, porque o do bairro é velho e a tubulação também. Vai ter um medidor de pressão que vai acusar lá no sistema deles. Quando a entrada de água diminuir, é algum problema? Foi 2 dias de serviço, hoje é feriado, segunda-feira, eles vão terminar. Aqui não tem planta porque é obra velha. A Cedae acabou, existe só no papel. Se for água potável, é Rio mais, se for esgoto, é zona Oeste mais. Aí você tem que saber para que lado vai

pedir e insistir. Aí mostrei que eu conheço na Palma da mão. Agora vai ser instalado um medidor de pressão para quando cair a água, porque muitas algumas ruas daqui tem dificuldade de água. Mas o problema é aquele ferro antigo, então já fechou? Nós acompanhamos um aqui do lado. Eu tirei foto, botei, teve gente que eu mostrei fisicamente ali. Teve morador da década de 60 que disse que isso aí é da época da que o Abrahão construiu. Então essas coisas nós não temos. A gente consegue resolver. Agora 100% é utopias, mas nós temos conseguido e vamos conseguir trabalhar.

Bruno: Verdade.

Elias: Por exemplo, limpeza. Morador está fazendo obra a gente, consegue levar uma caçamba. Se puder ensacar, bota terça-feira, me manda foto e o endereço quarta-feira de manhã. Um caminhão da comlurb passa 6h30 recolhendo tudo.

Bruno: Ah, legal. E deixa eu te perguntar, você está há quanto tempo a frente da AMBARJ?

Elias: 3 anos, Ano que vem tem eleição novamente em julho.

Bruno: Essa é a primeira vez que você é presidente, é?

Elias: Sim

Bruno: E qual que é a sua história aqui no bairro? Quando que você chegou aqui?

Elias: Eu cheguei aqui em 1979, minha esposa que morava aqui. Passei a frequentar aqui, casei, morei na Silvio fonte aqui em frente, até 84. Depois comprei lá [no edifício Maracanã].

E eu me aposentei depois. Aí depois eu comecei a cuidar das plantas, daí veio no nome, Elias das plantas. Aí eu plantei árvores, meio ambiente, cuidava da praça, aguand. E aí começou todo o dia, caramba, tudo já botou até um Coqueiro aqui e foi um caminho natural.

Bruno: Mas você, por mais que tenha sido um caminho natural, parece que você está muito entrosado com a associação. Você vai tentar uma reeleição?

Elias: Não tenho de responder isso hoje, porque eu me envolvo muito. Eu cobro, eu ligo. Então a gente e já está três anos nisso e indo para o quarto agora... Agora eu tenho que esperar terminar. E já tem muita gente falando sobre isso também. Falei, calma, gente. Nem acabou o mandato, eu quero é saúde e paz.

Bruno: Eu queria te perguntar como foi morar no Jabour nos anos 2000.

Elias: Foi bem complicado. Esse momento conturbado.

Bruno: Em 2002 foi o ano que Hermeto Pascoal decidiu morar em Curitiba e depois voltou.

Elias: É! muita gente vendeu o apartamento, depois voltou. Mas o que aconteceu? O Prezunic, inclusive, estava terminando de construir. Lá embaixo era um comando, aqui em cima, O Sapo, era outro.

Bruno: Da rua Trípoli para baixo é o mesmo comando ali da Vila Aliança?

Elias: Sim. Palestrante 1

Bruno: Quando eu cheguei na Trípoli para fotografar a placa da rua, já percebe que era outro clima.

Elias: O bairro virou uma praça de guerra, muita gente passou o apartamento barato. Depois os imóveis voltaram ao preço normal. Não tem mais loja vazia.

Bruno: Deixa eu te perguntar, por que em 2019 foi apresentado esse projeto? Que iniciativa foi essa?

Elias: Veio foi outro presidente, não era outro presidente.

Bruno. Maravilha. Aqui, pode ser que eu lhe pergunte outra coisa ou que a gente marque uma outra conversa, caso você tope, mas assim, acho que já tenho muitas informações. Obrigado pelo seu tempo.

Sharif Youssef Mamed, de ascendência síria e ex-morador do Bairro Jabour.

12/10/2024

Bruno: O seu nome apareceu quando perguntei para o Betinho se havia algum árabe ou com ascendência árabe. Fiz uma entrevista com ele e com Jaime e eles chegaram no seu nome. Queria saber, a princípio, se você sendo conhece ou conheceu alguma outra família árabe no bairro.

Sharif: No Jabour? Ninguém. O único que eu conheço é o Betinho, que é a família Gaze. De repente alguma outra pessoa conheça, mas eu não.

Bruno: E você tem um nome muito, muito característico, não é? Não tem como esconder ou as pessoas falarem, ah, não sei de onde ele é, né?

Sharif: É, é, não tem como, não. Até minha foto personificada, entendeu? Nunca nem escondi.

Bruno: É então assim, acho que se tivesse outra família, talvez tivesse conversado com você? Estou entendendo mais ou menos por aí. E acho baixa a probabilidade de ter outras pessoas.

Sharif: Baixíssima, baixíssima, muito baixa, muito baixa.

Bruno: Nessa dissertação, eu estou trabalhando com a hipótese que, no momento da construção do bairro, na década de 60, a imigração libanesa já minguava e as famílias sírio-libanesas já estavam fixadas pelo Rio de Janeiro e tinham perdido esse caráter de temporário no Brasil, já tinha decidido ficar. Então eu acho que isso pavimentou é a ausência desses imigrantes no Bairro Jabour. O que você acha dessa hipótese?

Sharif: Sim, faz sentido.

Bruno: E aí, deixa eu te perguntar agora é eu, eu tenho muito interesse assim em saber sobre a história da sua família e do que que você sabe, de onde eles eram...

Palestrante 2

Eu vou, eu vou conseguir captar para você. As informações da minha bisavó para cá, antes disso eu não vou conseguir. Aí já caiu no esquecimento, não é? Porque assim, meus bisavós vieram para cá, fugiram da primeira guerra mundial e do império turco-otomano.

Bruno: Perfeito, perfeito, perfeito. E qual era a cidade que eles moravam?

Sharif: Damasco.

Bruno: E a religião deles?

Sharif: Não lembro, eu não lembro. Mas minha avó veio com 5 anos com meus bisavôs. **Bruno:** Sabe a data da chegada deles?

Sharif: Não. Mas ela morreu em 2000 com 89 anos.

Bruno: Então eles chegaram em 1930.

Sharif: isso. Aí foram morar no centro do Rio, um lugar tradicional. Na General Caldwell. Outra comunidade muito forte árabe, no Rio de Janeiro, em Nova Iguaçu, é tem muito árabe

Bruno: Eu ouvi falar.

Sharif: Tem em Foz do Iguaçu também.

Bruno: Sim, lá eles tiveram uma migração, sobretudo islâmica, mais recente. Maioria do sul do Líbano. E os seus bisavós?

Sharif: Olha só que loucura. Os bisavós por parte de pai e os bisavós por parte de mãe. vieram e já fizeram amarração do casamento lá. Minha avó tina 5 anos. Por mais que seja comum o casamento arranjado, a idade é muito prematura, mesmo para a época. Normalmente você promete tua filha com 10 anos, mais ou menos. E assim casaram Youssef Mamede e Arábia Mamud Mamed. Ah! Minha avó não gostava que chamássemos ela dessa maneira, porque se sentia meio fora da família no Brasil e ela atendida por Olga.

Bruno: Hum, interessante.

Sharif: Daí eles moraram durante 30 anos na General Caldwell, entendeu? A geração do meu pai começou a portuguesar os nomes, teve a Jandira, Marlene, Ari e Fatima. Entendeu? Depois de lá, cada um foi para suas respectivas vidas. Ainda assim, a minha tia mais velha da família foi morar no Flamengo. A minha avó foi morar em São Cristóvão e meu pai depois de lá, casou e veio morar exatamente no Bairro Jabour em 1979.

Bruno: Com quantos anos você chegou aqui no Jabour?

Sharif: Cheguei com 7 e peguei a efervescência do Jabour dos anos 80.

Bruno: E o seu nome, o que fez essa volta às origens?

Sharif: Meu pai, eu sou caçula. Entendeu? Meus irmãos são Marcos e Fabiano, aí ele quis fazer esse resgate comigo, entendeu? No começo eu estranhava, né? Mas depois eu falei, porra, maravilhoso. É fugir do comum, né?

Bruno: Então você tem orgulho assim da sua origem?

Sharif: total, é total, total. Até minha adolescência eu frequentávamos muito com o clube sírio-libanês e o Monte Líbano, festa do consulado... ,

Bruno: E aqui no Jabour você morava onde exatamente?

Sharif: Morava no Nova Iorque.

Bruno: Dos telhadinhos duplo, 9x25, né?

Sharif: Sim.

Bruno: Por que chamam essa região de Nova Iorque?

Sharif: porque a imobiliária que vendia as casas chamava-se Nova Iorque. Então para os mais antigos aqui chama Nova Iorque.

Bruno: Ah sim, eu tenho um anúncio deles anexado na pesquisa. E o que fez você se mudar daqui?

Sharif: Quando percebi que a minha geração não tava mais estava aqui e não me identificava mais com o lugar. Entendeu? Eu morei aqui, eu casei aqui, separei aqui, entendeu? Eu me arrependo, não.

Bruno: Pode crer. E com o futebol você mantém os laços.

Sharif: Todos. Assim, até para mudar não foi definitivo. Eu me mudei, mas ainda ficava alguma coisa naquela minha mãe. Ai eu ficava 2 dias aqui, entendeu? Não foi assim. Aquela ruptura. Eu não houve isso.

Bruno: É. Eu sei bem. Eu sei bem. E o que você lembra do Bairro Jabour?

Sharif: As festas de Ano-Novo, réveillon tinha o nosso Carnaval que só saia nessa noite. E a profusão de mulheres lindas.

Bruno: As garotas da primavera, né?

Sharif: Meu irmão o Jabour, A Cristina que morava no Jabour, deixou o Castor de Andrade completamente alucinado. O Castor de Andrade era o bicho da zona Oeste, casado e ele ficou louco por ela. meu.

Bruno: Agora, o nome das ruas das cidades libanesas foi dado por ele ou foi dado pelos moradores?

Sharif: Eu deduzo ter sido ele próprio.

[A entrevista continua, porém não foi utilizada na pesquisa]

Notas de fim de seção

Árabes - O povo árabe refere-se ao conjunto de pessoas nos países que falam o árabe. São constituídos por 22 países e territórios com uma população combinada de 360 milhões de pessoas abrangendo o Norte de África e a Ásia Ocidental. Os países que compõem a Liga Árabe são: Egito, Iraque, Jordânia, Líbano, Arábia Saudita, Síria, Iêmen, Líbia, Sudão, Marrocos, Tunísia, Kuwait, Argélia, Emirado Árabes Unidos, Bahrein, Catar, Omã, Mauritânia, Somália, Palestina, Djibouti, Comores, e a Eritreia.

Império Otomano - Foi um império transcontinental fundado no final do século XIII e teve seu fim em 1919 na Liga das Nações com o Tratado de Versalhes depois da derrota do Império otomano e seus aliados, a tríplice aliança, na primeira guerra mundial. Ocuparam a Europa meridional, o norte da África, o Oriente Médio e a Ásia. Seu território incluiu a Turquia, a Síria e o Líbano, entre outros.

Turcos - O turco é aquele que nasceu na Turquia, país euro-asiático localizado entre o sudeste da Europa e extremo ocidental da Ásia. O termo se apresenta nesta pesquisa devido ao domínio do Império Otomano sobre o Líbano e a Síria. Neste momento, os imigrantes chegavam com o passaporte turco mesmo não sendo desta nacionalidade e, por essa razão, o balanço numérico sobre uma nacionalidade específica ficou prejudicado. “Turco” ou “turquinho” foi utilizado no Brasil para se referir a esses imigrantes de maneira jocosa e degradante.

Sírios-libaneses - São dois povos de países diferentes. Síria e Líbano fazem fronteira e estão localizados no Oriente Médio. Como vizinhos, passaram por processos históricos semelhantes, como por exemplo, a imigração significativa de parte da população destes territórios devido às condições do território à época. Como ambos os países foram dominados pelo Império Otomano e seus movimentos migratórios sincronizados, os estudos brasileiros à época indexaram de maneira conjunta a entrada essas duas nações no Brasil que apresentavam o passaporte turco. Dessa forma, ficou impossível rever os números do séc. XX a fim de separar a proporção imigratória de cada nação.

Sírios - São aqueles que nascem na Síria, cujo país é banhado pelo Mar Mediterrâneo, fronteiro com Líbano, Turquia, Iraque, Jordânia e Israel. Compõem o povo árabe, teve seu território dominado pelo Império Otomano e, por isso, algumas pesquisas trazidas neste estudo, apresentam este povo como “turco” e/ou em conjunto com os libaneses.

Libaneses - São aqueles que nascem no Líbano, cujo país é banhado pelo Mar Mediterrâneo, fronteiro com Síria e Israel. É uma das regiões de antigas civilizações e sua rica história colaborou com diversas culturas pelo mundo. Compõem o povo árabe, teve seu território dominado pelo Império Otomano e, por isso, algumas pesquisas trazidas neste estudo, apresentam este povo como “turco” e/ou em conjunto com os sírios.

Patrício - É uma categoria “comumente usada para designar os membros da coletividade em português, a qual implicava em uma ‘pátria’ compartilhada, a qual poderia ser definida, em termos culturais, como árabe, ou políticos, referente às nacionalidades dos imigrantes.” (PINTO, 2018, p.67)

Diáspora - O termo diáspora define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de massas populacionais originárias de uma zona determinada. Ele é usado aqui por entender que uma parcela significativa dos atores sociais desta pesquisa emigrou por questão de sobrevivência.

Emigrar - É o ato de sair de um país para viver em outro.

Imigrar - Significa entrar e morar em um país estrangeiro.

Grupo confessional - No Líbano, são as comunidades religiosas. São elas: Alauitas, Armênios Católicos, Armênios Ortodoxos, Assírios, Caldeus Católicos, Católicos Romanos, Coptas, Drusos, Gregos Católicos, Melquitas, Gregos Ortodoxos de Antioquia, Ismaelitas, Judeus, Maronitas, Protestantes, Siríacos Católicos, Siríacos Ortodoxos, Sunitas, Xiitas.

Referências bibliográficas

ADICHIE, C. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, R. *Os sírios... cidadãos franceses? Primeira Guerra Mundial e disputas políticas em torno da conformação da Síria e do Líbano*, São Paulo, Revista Brasileira de História, v. 42, No 91, 2022

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

ANTONACCIO, G. *A colônia árabe no Amazonas*. Manaus: 1996

BARRETO, P. *As Religiões no Rio*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

BERCITO, D. *Brimos: Imigração sírio-libanesa no Brasil e seu caminho até a política*. São Paulo: Fósforo, 2021.

BOLAÑO, R. *Entre paréntesis*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2004.

BONISSON, M. *Espectra*. São Paulo: Piscina Pública Edições, 2022.

BROTTON, J. *O Bazar do Renascimento: da Rota da Seda a Michelangelo*, São Paulo: Grua Livros, 2002

BROWN, C. *Mémoire et histoire: la déformation de la réalité chez les rhétoriciens à la fin du moyen âge*, in: ZUMTHOR, P. e ROY, B. *Jeux de mémoire*. Montreal: pressés de l'Université de Montreal, p. 44, 1985.

COSTA, N. *Revitalização e redesenho do espaço urbano: promovendo a reintegração dos bairros Senador Camará e Jabour*. Trabalho final de graduação (Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2023.

Do RIO, J. *A Alma Encantadora das Ruas*, Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.

FAHRENTHOLD, Stacy D. *Between the Ottomans and the Entente: The First War in the Syrian and Lebanese Diaspora, 1908-1925*. Nova York: Oxford University Press, 2019.

FRANCISCO, J. *Sírios e Libaneses no Rio de Janeiro: Memória Coletiva & Escolhas Individuais*. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

_____. *Brasileirando: pedidos de cidadania de imigrantes sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX*. Rio de Janeiro: Acervo, v. 29, nº 1, p. 189-206, 2016.

_____. *Do Oriente Médio ao sul do Brasil: a imigração de sírios e libaneses no Rio Grande do Sul (1890-1949)*. Porto Alegre: RIHGRGS, Nº 152, p. 69-96, Julho de 2017.

_____ e LAMARÃO, S. *Sírios e libaneses e a expulsão de estrangeiros na primeira república*. Rio de Janeiro: Acervo, v.26, Nº 2, p. 256-266, 2013.

FLUSSER, V. *Filosofia da Caixa Preta*, São Paulo: HUCITEC. 1985

_____. *Pós-história e crítica da arte*, disponível em
<<http://flusserbrasil.com/art533.pdf>> Acesso em: Maio de 2023

GRAU, D. *A ideia de Europa em Hegel*. In: *Hegel e o romanticismo*. Madrid: Editorial Tecnos, p. 56-74, 1993.

GREIBER, B, L. *et al. Memórias da imigração - libaneses e sírios em São Paulo*. São Paulo: Discurso Editorial, 1998.

GURAN, M. *Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica*. Discursos fotográficos, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun. 2011

- HAIJAR, C. *Imigração árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.
- HALBWACHS, M. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARTOG, F. *Tempo e Patrimônio*. Belo Horizonte: Varia História, 2006.
- HATOUM, M. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HEYMANN, L. *O "devoir de mémoire" na França contemporânea: entre a memória, história, legislação e direitos*. Rio de Janeiro: CCPDOC, 2006.
- IBOPE Inteligência e H2R Pesquisas Avançadas. Pesquisa Nacional Exclusiva sobre Árabes no Brasil. 2019.
- JEHA, S. *Uma História da Tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970*. São Paulo: Veneta, 2023.
- KOSELLECK, R. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, jul. 1992.
- LAMARÃO, S. *Identidade étnica e representação política: descendentes de sírios e libaneses no Parlamento brasileiro, 1945-1998*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História, p. 1-16, 2003.
- MACARIOS, E. *Wadad*, Curitiba: Barbante, 2016.
- MAUAD, A. *Sob o Signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1990.

_____, A. *Donos de um certo olhar: trajetória familiar e imigração libanesa no Rio de Janeiro*. In: *Histórias de imigrantes e de imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 104-138. 2000.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MEIHY, M. *Os Libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Arabia Brasiliensis: Os estudos árabes e islâmicos no Brasil*. Évora: CIDEHUS, Hamsa, p. 18-28, 2014.

MIGNOLO, W. *A Colonialidade de Cabo a Rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade*. In: *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

NICOLA, P. *A Zona Oeste do Rio de Janeiro como eixo de expansão urbana para habitação de interesse social: Considerações a partir do Programa Minha Casa Minha Vida em Senador Camará*. Rio de Janeiro, Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 2021.

NORA, P. *Entre memória e história: A problemática dos lugares*, São Paulo: Projeto história, dez., 1993.

Osman, S. *Mulheres árabes e a participação econômica no processo migratório entre Brasil e Líbano*. In: *Mandrágora*, v.17, n 17, p. 115-133, 2011.

PARK, R. *A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: *American Journal of Sociology*, XX, p. 577-612. Março, 1916.

PINTO, J. *Os muitos tempos da memória*. São Paulo: Projeto História, nov. 1998.

PINTO, P. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Editora Cidade Viva, 2010.

_____. *Primos e Patrícios: Intimidade Cultural e Representações na Construção Etnicidade Árabe/Sírio-Libanesa no Rio de Janeiro*. Bologna: CONFLUENZE Vol. X, nº 1, 2018.

POLLAK, M. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos nº7. Ed. FVG, 1988.

_____. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Vol. 5, nº 10, 1992.

PORTO, C. *Alteridade nas Representações de Árabes e Muçulmanos na Teledramaturgia Nacional*. São Paulo: Projeto História, Vol. 61, p. 320-352, 2018.

PRESTES, A. *três regimes autoritários na história do Brasil Republicano: o Estado Novo (1937-1945), a Ditadura Militar (1964-1985) e o Regime Atual (a partir do golpe de 2016)*. Rio de Janeiro: Revista de História Comparada, Vol. 13, n.1, p. 108-129, 2019.

QUEIRÓS, F. e MENDES, F. *A Amazônia brasileira em Milton Hatoum: uma leitura de relato de um certo oriente e Dois irmãos*. Acre: Muiraquitã, UFAC, v.5, nº 1, 2017.

QUEIROZ, P. e FEHR, M. *A relação entre especulação imobiliária e a segregação urbana*. Uberlândia, 2007. Rio de Janeiro, Câmara Municipal do Rio de Janeiro, PL nº 689/2017.

REIS, J. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAFADY, W. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.

SAID, E. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras. 2007.

SELIGMANN, M. *Fotografia é a destruição da história: Flusser e a vitória da memória sobre a história na era das imagens técnicas*. São Paulo: Pandaemonium, v. 21, n. 33. 2018.

SEVERIANO, J e MELLO, Z. *A canção no tempo*. São Paulo: editora 34, 1997.

SILVA, R. *O Rio antes do Rio*. Belo Horizonte: Relicário, 2020.

SILVA, R. e GIMENES, M. *Escola Jabour: Hermeto Pascoal & Grupo e suas ramificações*. Curitiba: Revista Vórtex. 2017.

SIMAS, L. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

SODRÉ, M. *O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

SOUZA, J. *Max Weber e o “Racismo Científico” da Sociologia Moderna*. Campinas, Idéias - nº 8, 2014.

_____ *A Elite do Atraso: da escravidão à lava jato*. São Paulo: LEYA, 2017.

TRUZZI, O. *O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos - um enfoque comparativo*. Rio de Janeiro, Estudos históricos, nº 27, 2001.

_____ *Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2008a.

_____ *Presença árabe na América do Sul*. São Leopoldo: História Unisinos. 2007.

_____ *Sírios e libaneses no oeste paulista - décadas de 1880 a 1950*. Revista Brasileira de Estudos de População, v.36. 2019.

_____ *Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo*. Rio de Janeiro: DADOS - Revista de Ciências Sociais, 2008b.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tübingen, 1904/5.

ZAHREDDINE, D. *Do Pequeno ao Grande Líbano: os desafios contemporâneos da República Libanesa*, Conjuntura Internacional. Belo Horizonte: ISSN 1809-6182, v.17 n.2, p.29 - 47, ago. 2020.

_____ *Os Círculos Concêntricos da Política Libanesa e suas Repercussões para o Oriente Médio*. Belo Horizonte: PUC Minas. 2011.

ZOÉ, I. *Meu irmão Abrahão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran. 1985